



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Romina Echevarria

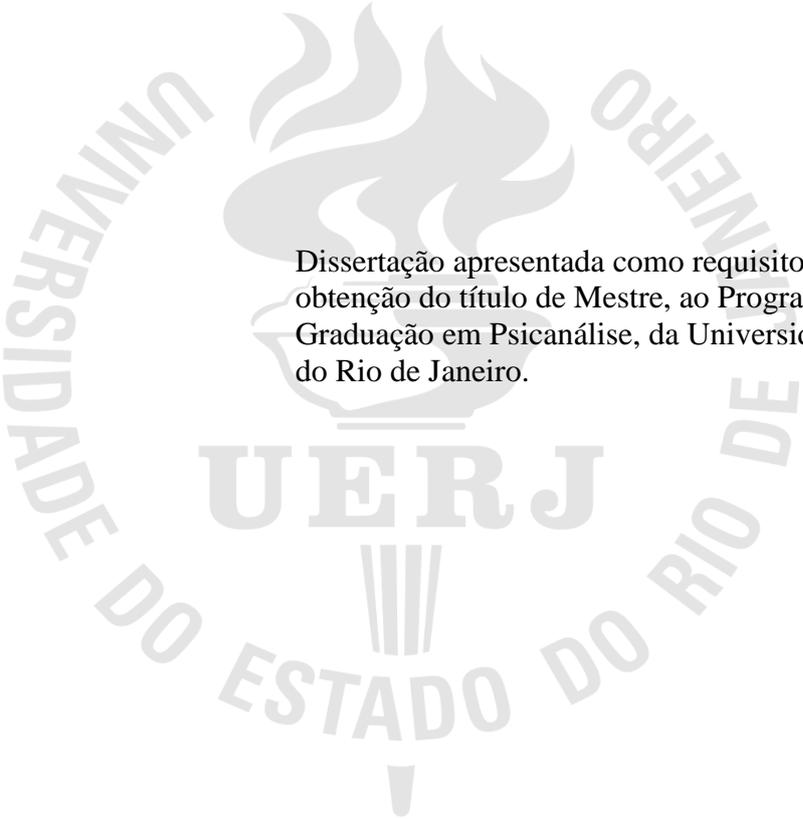
**Ressonâncias clínicas da maternidade e sua incidência  
na relação mãe-filha**

Rio de Janeiro

2019

Romina Echevarria

**Ressonâncias clínicas da maternidade e sua incidência na relação mãe-filha**



Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rita Maria Manso de Barros

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

E18 Echevarria, Romina.  
Ressonâncias clínicas da maternidade e sua incidência na relação mãe-filha /  
Romina Echevarria. – 2019.  
96 f.

Orientadora: Rita Maria Manso de Barros.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Instituto de Psicologia.

1. Maternidade – Teses. 2. Mães e filhas – Teses. 3. Édipo, complexo de –  
Teses. 4. Feminilidade – Teses. I. Barros, Rita Maria Manso de. II. Universidade  
do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

bs CDU 159.9-055.52

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Romina Echevarria

## **Ressonâncias clínicas da maternidade e sua incidência na relação mãe-filha**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rita Maria Manso de Barros (Orientadora)  
Instituto de Psicologia da UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Doris Rinaldi  
Instituto de Psicologia da UERJ

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andréa Martello  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Rio de Janeiro  
2019

**DEDICATÓRIA**

Dedico esta dissertação aos amores da minha vida: Gabriel e Gustavo, que me proporcionam o delicioso desafio diário de ser mulher e mãe.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo, Gabriel, pela presença e incentivo em cada momento desta trajetória ensinando, assim, a concretização deste projeto. A você, meu amado, por tudo.

Aos meus pais e familiares, pelo carinho e amizade que sempre fizeram parte de nossa relação.

À Rita Manso, pelo aceite do projeto, pela aposta no meu desejo de produzir esta escrita, pelas contribuições, pelo respeito às minhas ideias e pela liberdade que me concedeu para pensar e escrever.

A Andréa Martello e Doris Rinaldi, pelo aceite em participarem da banca examinadora, pela leitura cuidadosa e pelas pertinentes contribuições no exame de qualificação, que me incentivaram a crescer com este trabalho.

Aos colegas membros do Colégio de Psicanálise da Bahia, em especial às queridas Regina Sarmento e Suely Aires, por dividirem comigo suas experiências e seus saberes.

À Urania Tourinho Peres, por causar em mim o desejo de prosseguir, sempre.

Aos professores da Pós-graduação em Psicanálise da UERJ, pela transmissão de saber.

Aos colegas de mestrado, pelo grupo solidário.

À equipe da secretaria do Curso, pela atenção e gentileza, e por estar sempre disponível para auxiliar os alunos da casa.

Aos meus analisandos, por me convocarem a pesquisar.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

Desculpa, mas não entendo. Eu quero tudo e mais ainda. Amor tem que encher o coração, a casa, a alma.

*Clarice Lispector*

## RESUMO

ECHEVARRIA, Romina. *Ressonâncias clínicas da maternidade e sua incidência na relação mãe-filha*. Dissertação (Mestrado em pesquisa e clínica em psicanálise) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

Partindo das variadas queixas, sintomas e demandas das minhas analisandas mulheres no que tange às suas experiências com a maternidade e seus desdobramentos, proponho nesta pesquisa realizar uma reflexão sobre as diferentes maneiras como as mulheres lidam hoje com questões em torno da maternidade e sua incidência na relação mãe-filha. A hipótese que sustenta o trabalho é a de que as particularidades do desejo inconsciente podem trazer à tona diversas inquietações relativas à maternidade, que emergem ao longo da vida das mulheres, e que, muitas vezes, refletem seus próprios conflitos, influenciando, assim, a ímpar relação que se estabelece entre mãe e filha. No contexto de investigação, são considerados tanto o percurso feminino de constituição subjetiva – em que se fez necessária uma retomada dos principais conceitos da teoria pulsional nas obras de Freud e Lacan – quanto as mudanças no contexto social atual, que incidem nas escolhas das mulheres. Partimos do pressuposto de que as possibilidades de escolhas ofertadas às mulheres nos dias atuais podem incidir em seus desejos inconscientes. Busca-se com a prática, através dos traços de seis diferentes casos clínicos e de duas obras literárias atuais, um fio condutor que possibilite a construção teórica: a leitura singular de como cada uma das analisandas e das personagens dos livros lidam com seus sintomas, desejo inconsciente, e buscam bordejar a falta que as constitui, e sua possível incidência na relação mãe-filha. É, portanto, a práxis psicanalítica com as mulheres – sem perder de vista sua condição de filhas e sua possível condição de mães – o norteador deste trabalho. Percebe-se que, embora a maternidade seja desencadeadora de diversos desafios e transformações na vida das mulheres, a forma de lidar com ela é singular para cada uma e faz relação com os caminhos nos quais as mulheres se lançam em busca da feminilidade incidindo na relação mãe-filha. Assim sendo, ainda que não possamos falar sobre ‘A mulher’, uma clínica das mulheres afetadas por serem não-todas não é uma impossibilidade.

**Palavras-chave:** Maternidade. Feminilidade. Relação mãe-filha. Complexo de Édipo. Clínica Psicanalítica.

## ABSTRACT

ECHEVARRIA, Romina. *Clinical resonance of motherhood and its incidence in mother-daughter relationship*. Dissertação (Mestrado em pesquisa e clínica em psicanálise) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

Starting from the varied complaints, symptoms and demands in my clinical practice with women's experience with motherhood and its consequences, this research aims to reflect on the different ways in which women today deal with the issues surrounding maternity and its incidence in the mother-daughter relationship. The hypothesis underlying the work is that the particularities of unconscious desire can bring to light various concerns about motherhood that emerge throughout women's lives, often reflecting their own conflicts and thus influencing the unique relationship which is established between mother and daughter. In the context of research, both the female course of subjective constitution - in which a return to the main concepts of the drive theory in the works of Freud and Lacan - was considered, as well as the changes in the current social context that affect the choices of women. We start from the assumption, therefore, that the possibilities of choices offered to women in the present days can affect their unconscious desires. Through the traits of six different clinical cases and two books in the current literature, one tries to guide the theoretical construction: the singular reading of how each of the analysands and characters of the books deal with their symptoms, unconscious desire and seek to meet the lack that constitutes them, and their possible incidence in the mother-daughter relationship. It is, therefore, the psychoanalytic praxis about women, without losing sight of their condition as daughters and their possible condition as mothers, the guiding force of this work. It is perceived that, although motherhood is a trigger for various challenges and transformations, the way to deal with it is something unique for each woman, and it is related to the ways in which women embark on the quest for femininity by focusing on the mother-daughter relationship. So even though we cannot talk about 'The Woman', a clinic of women affected by being non-all, it is not an impossibility.

**Keywords:** Maternity. Femininity. Mother-Daughter Relationship. Oedipus Complex. Psychoanalytic Clinical Practice.

## Sumário

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>FUNDAMENTOS TEÓRICOS: A MATERNIDADE EM FREUD E LACAN</b> .....	21
1.1	<b>A maternidade como resposta narcísica à incompletude feminina</b> .....	21
1.2	<b>A importância da função do estágio do espelho na constituição psíquica do Sujeito</b> .....	27
1.2.1	A identificação como dispositivo da constituição do sujeito .....	29
1.3	<b>O complexo de Castração e de Édipo: os operadores simbólicos do psiquismo nas meninas</b> .....	34
2	<b>AS VICISSITUDES DA MATERNIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS</b> .....	43
2.1	<b>A importância da mãe e de seu desejo para uma menina</b> .....	48
2.2	<b>A ambivalência na relação mãe-filha</b> .....	54
2.3	<b>Sintoma na relação mãe-filha</b> .....	61
3	<b>A INCIDÊNCIA DOS FATORES SOCIAIS NA EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE</b> .....	68
3.1	<b>Mas afinal, o que mudou?</b> .....	71
3.2	<b>Mas, e a ciência?</b> .....	73
3.3	<b>Mas, o que falta?</b> .....	77
3.4	<b>Amor, <i>mais, ainda</i>...</b> .....	80
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	88

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema proposto nesta dissertação de mestrado partiu primordialmente das variadas queixas, sintomas e demandas com relação à maternidade e seus desdobramentos, que chegaram, através de analisandas mulheres, ao meu consultório particular. Este trabalho pretende fazer uma reflexão sobre as diferentes maneiras como as mulheres que chegam à clínica lidam com a maternidade e com as formas como esta incide na relação mãe-filha.

A interrogação acerca da maternidade e da relação mãe-filha convoca o tema da feminilidade, pois é a partir dela que a questão é colocada, e que, quase sempre, oferece dificuldades. A própria terminologia pode gerar confusão, visto que, ao longo da obra freudiana, houve mudanças no seu emprego. O adjetivo *feminino* (*weiblich*) era empregado por Freud para fazer referência ao que dizia respeito aos domínios da mulher. Até 1920, Freud refere-se ao lugar feminino valendo-se desse adjetivo. É no momento em que publica o ensaio *A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*, que passa a utilizar um novo termo: a feminilidade (*Weiblichkeit*). O conceito substantivado, que se refere à feminilidade na esfera psíquica, tanto nas mulheres quanto nos homens, é o que tomaremos como referência. Cabe ressaltar que essa feminilidade é o resultado de um longo trabalho psíquico; é um processo de um vir-a-ser em que a mãe não pode oferecer à filha um traço unário (inscrição de sua diferença, de sua submissão à linguagem) que dê suporte a essa identidade, por não haver um significante da identidade feminina que a defina. Nesta dissertação, a constituição da feminilidade será discutida a partir da maternidade e da relação mãe-filha.

É na conferência *A feminilidade*, de 1933, que Freud registra suas últimas considerações acerca da feminilidade e sua constituição. É a esse texto que recorreremos para termos uma maior aproximação em relação às construções e incertezas teóricas freudianas, já no final de suas contribuições referentes à constituição da feminilidade. Essa conferência nos permitirá situar algumas questões e seguir em direção à perspectiva lacaniana sobre o tema.

Ao questionar-se sobre a feminilidade, Freud afirma que “é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (FREUD ([1933] 1996, p.115); ou seja, a biologia não é capaz de definir o que caracteriza cada um dos sexos, definindo apenas o produto sexual (espermatozoide ou óvulo) e as características sexuais secundárias. Tomar a distinção psicológica baseada no comportamento ativo (masculino) e passivo (feminino) seria, de acordo com Freud ([1933] 1996), ceder às convenções sociais que compelem as mulheres a uma situação passiva.

Freud ([1933] 1996) nos leva com ele ao terreno movediço em que a feminilidade se constitui, afirmando que “através da história, as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade” (FREUD, [1933]1996, p.114). Com essa passagem ele ratifica o desafio da psicanálise em torno da feminilidade desde seus primórdios, embora não a tenha tomado como um enigma desde o início. Cabe lembrar que Freud inicia seu trabalho com suas pacientes histéricas e só tardiamente, ao cabo de muitos dissabores, é que se instaurou o discurso do enigma e do “continente negro”. Até o final de sua obra, Freud manteve aberta a questão sobre a feminilidade, expressa na carta dirigida à princesa Marie Bonaparte. Nela, ele confia sua dificuldade em compreender a vida sexual das mulheres, afirmando que, mesmo tendo dedicado 30 anos ao estudo da alma feminina, a grande pergunta para a qual nunca achou resposta foi: “O que quer a mulher?”, como relata Rodrigué (1995, p.128) em sua biografia do criador da psicanálise.

Não obstante, a ideia que prevaleceu a partir daí foi a compreensão do feminino como enigma. Desse modo, mesmo com os expressivos avanços em seus estudos e já instalado o enigma no processo psíquico envolvido no devir mulher, Freud termina por recorrer aos poetas: “se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, [...] consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e coerentes” (FREUD, [1933]1996, p.134).

Todavia, foi através desses e de tantos outros questionamentos e retificações teóricas no decurso do processo de criação da psicanálise que Freud logrou avançar sem limitar as questões em torno da feminilidade. Assim, mais uma vez, o questionamento final de Freud não desconsidera sua laboriosa produção, ao contrário, permite que levemos adiante o ainda atual legado teórico por ele deixado, juntamente com as contribuições feitas posteriormente por Lacan.

As questões em torno da feminilidade de fato são problemáticas. Freud ([1933] 1996), por exemplo, distingue três evoluções possíveis derivadas do que nomeou “inveja do pênis”: a inibição da sexualidade, a fixação na inveja do pênis, e a maternidade – sendo esta última considerada por ele como via que leva à feminilidade normal, fazendo equivaler, assim, o filho ao falo. Na teoria de Freud, portanto, o desejo de ter um filho está ligado ao complexo de castração da menina, funcionando como um substituto do falo.

Segundo Freud ([1933]1996), o que leva a menina a voltar-se para seu pai é, originalmente, o desejo de possuir o pênis. Contudo, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se, para a menina um bebê assume

o lugar do pênis. Assim, o fato de um filho poder representar um objeto de satisfação para as mulheres; um objeto que se inscreva numa tentativa de forjar aquilo que não se tem – o falo –, será um importante norteador para o presente trabalho.

A feminilidade da mulher na teoria de Freud deriva, portanto, de seu “ser castrada”. Soler (2005) nos ajuda a compreender tal afirmação ao trazer uma definição clara sobre a mulher em Freud:

Mulher é aquela cuja falta fálica a incita a se voltar para o amor de um homem. Primeiro é o pai, ele próprio herdeiro de uma transferência de amor primordialmente dirigido à mãe. E depois ao cônjuge. Em resumo: ao se descobrir privada do pênis, a menina torna-se mulher quando espera o falo, ou seja, o pênis simbolizado, daquele que o tem. (SOLER, 2005, p. 26)

Partindo do fato de que o nascimento de um filho pode desencadear importantes transformações na natureza de uma mulher, como afirma Freud, destacando que “sob a influência da transformação da mulher em mãe, pode ser revivida uma identificação com sua própria mãe, contra a qual ela vinha batalhando até a época do casamento” (FREUD [1933]1996, p.132), muitas podem ser, portanto, as questões subjetivas que emergem no momento em que uma mulher se depara com a maternidade e suas implicações.

Assim como mencionado anteriormente, no discurso freudiano, a sexualidade das mulheres está regida pela falta de pênis. Para Freud ([1933]1996), é por se ter deparado com o fato de não ter um pênis que a menina poderá deslizar da decepção em relação ao órgão de que não é dotada para o desejo de ter um filho. Essa teorização liga maternidade e castração. Por ser uma reivindicação fálica, a feminilidade está sempre articulada à castração e à falta. Com tal teorização, Freud aposta na maternidade como principal via para a saída da feminilidade. Ser mãe, portanto, é uma das respostas por ele formulada à pergunta sobre o que quer uma mulher.

Diferentemente de Freud, Colette Soler (2005) postula que as gratificações da maternidade podem apenas tamponar a exigência feminina. O filho fálico pode obturar em parte a falta fálica na mulher e só raramente satura o desejo sexual, “o ser propriamente feminino, se é que existe, situa-se noutra lugar” (SOLER, 2005, p. 35). Com isso, Soler reforça a tese lacaniana da disjunção subjetiva entre as posições de mãe e de mulher, não sendo essas posições, portanto, um complemento.

A afirmativa de Soler, portanto, corrobora a teoria lacaniana no que concerne à demarcação da posição feminina encontrada no *Seminário, livro 20*. Lacan ([1972-1973]2008) vai dizer nesse momento de sua teoria que a mãe goza de forma fálica, e esse seria o gozo

maternal, diferente do gozo feminino, que aspira ao infinito e está inserido no corpo. Ele demarca a posição feminina como aquela que tem acesso não apenas ao gozo<sup>1</sup> fálico, mas também ao gozo Outro, distanciando assim o feminino da falta e aproximando-o do excesso, de um gozo infinito, suplementar, para além do falo.

A referida disjunção é necessária e possibilita que a mãe opere o efeito de separação, tão importante para ambas (mãe e filha). Nas palavras de Soler, “o desejo da mãe deve ser entendido como o desejo da mulher na mãe, desejo adequado para limitar a paixão materna, para torná-la *não-toda* mãe” (2005, p.95).

Os processos da alienação e separação da criança em relação ao Outro materno, tão relevantes na constituição subjetiva do sujeito, é a operação do primeiro momento no qual a criança se encontra em uma condição alienada, totalmente dependente da mãe. Dado que nenhum ser falante existe sem a relação com o Outro, ele se situa, inicialmente, como objeto do desejo desse Outro.

Mas é esperado que a criança descubra que esse Outro é marcado pela falta e, assim, busque na separação a tentativa de sair desse lugar de objeto e assumir a condição de sujeito desejante (ZALCBERG, 2003). Entretanto, considerando as possíveis posições a serem ocupadas pela mãe e as consequências do lugar ocupado pela criança em sua resposta, nem sempre se trata de um processo simples, e isso se observa com frequência na clínica.

Assim sendo, constata-se que ser mãe está para além da função biológica de gestar e parir. Trata-se de uma função que, através do cuidado, do acalento, da alimentação, possibilita a inserção do bebê na linguagem, na cultura e, para tal, é necessário que uma pessoa se disponha a realizar essas atividades. O exercício da maternidade, portanto, exige uma disponibilidade psíquica da mãe, das palavras ditas ao bebê, ao investimento de desejo. Esses são os recursos psíquicos dos quais ela lança mão para possibilitar que seu filho se constitua como sujeito. Ainda que uma mulher não se configure primordialmente como mãe – pois, como vimos, a função materna é um processo de construção, efeito fundamentalmente de uma operação psíquica que todas as pessoas podem exercer –, é essa mulher e sua experiência com a maternidade, envolvendo mais especificamente a relação entre mãe e filha, que norteia nosso trabalho.

---

<sup>1</sup> Trata-se, de acordo com Roudinesco (1998), da teoria da identidade sexual, expressa por Lacan em fórmulas da sexuação que o levaram a distinguir o gozo fálico do gozo feminino (ou gozo dito suplementar). Para além da significação fálica, fato de estrutura tanto para o sujeito masculino quanto para o sujeito feminino, Lacan aponta para um outro tipo de gozo: um gozo suplementar, o gozo do Outro, o gozo feminino, para além do falo. Desse modo, o ser falante que ocupa a posição feminina tem acesso não apenas ao gozo fálico, como também ao gozo feminino.

Serão, portanto, as escolhas inconscientes em torno da maternidade – desde o momento da sua escolha ou recusa, suas influências e desdobramentos na relação mãe e filha –, nosso ponto de partida para seguir em busca de uma maior compreensão em relação à particularidade da expressão do desejo inconsciente, ou seja, do sintoma do sujeito e suas implicações em suas escolhas.

Avançar em direção à relação mãe-filha fez-se necessário para melhor compreender e acompanhar os possíveis desdobramentos das escolhas e inquietações que, muitas vezes, nessa relação, representam uma herança sintomática. Trata-se de uma relação que não se dá simplesmente entre uma pessoa que é mãe e a outra que é filha, mas entre duas posições do sujeito mulher: o lugar de filha em relação a sua mãe e o lugar de mãe que poderá vir a ser, mas que inclui aí, necessariamente, as vicissitudes de sua experiência de filha. A filha é privilegiada neste estudo por ser ela mulher, fio condutor dessa relação.

Cabe marcar também que o pai, ou melhor, sua função na constituição subjetiva de qualquer sujeito, funciona como peça-chave na triangulação edipiana<sup>2</sup>, indispensável para que a criança reconheça a castração, acedendo, dessa maneira, ao registro simbólico. Todavia, é importante registrar que, embora a função paterna tenha importância central na teoria psicanalítica, não é objeto direto de estudo do presente trabalho.

A tese freudiana é a fonte na qual está ancorada a hipótese desta pesquisa no que refere-se a possibilidade das particularidades do desejo inconsciente trazer à tona diversas inquietações em torno da maternidade que emergem ao longo da vida das mulheres, refletindo, muitas vezes, seus próprios conflitos e, influenciando, assim, a relação ímpar que se estabelece entre mãe e filha. Em outras palavras, a história particular que cada menina escreve com sua mãe deixa marcas em sua posição como mulher e como mãe.

Para pôr em prática o intento de examinar a hipótese levantada, fez-se necessária uma retomada dos principais conceitos da teoria pulsional nas obras de Freud e Lacan, momento em que também os elementos advindos do tratamento psicanalítico serão apresentados buscando-se assim um diálogo entre prática e teoria, conforme se verá mais adiante no capítulo 1. Fundamentos teóricos: a maternidade em Freud e Lacan.

São seis os casos clínicos utilizados para apoiar as reflexões do presente trabalho. O primeiro caso, intitulado *Minha filha tem vida dupla*, refere-se à adolescente de treze anos que

---

<sup>2</sup> A trama edipiana, de suma importância para a teoria psicanalítica e para o percurso pulsional das mulheres, será abordada posteriormente, no capítulo 1.

é assim apresentada pela mãe. Preocupada, ela me procura após surpreender-se com as conversas registradas no celular da filha, que sugerem, segundo ela, uma desinibição sexual inadequada para tão precoce idade. Contrariada com a situação, ela, no entanto, tem dificuldade em perceber a franca mudança da filha: da antiga “princesinha” que tinha como referência, para a mulher ativa, atrevida e sedutora que aprendeu a ser e que tanto a perturba. Para essa mãe, a capacidade que a filha ainda possui de conseguir ser angelical na família e mulher demandante fora dela, faz com que ela reserve para a filha novos significantes: o de menina/mulher que possui “vida dupla” e o de menina/mulher “sem caráter”.

O segundo caso, *O rouxinol e a flor*, traz uma jovem de vinte e dois anos que ainda mantém forte ligação com a mãe. Embora tenha sido iniciativa da mãe buscar ajuda profissional, preocupada com a fragilidade e os sintomas de ansiedade da filha, ela – a mãe – aguarda pacientemente na sala de espera e permite, com isso, que a filha, diferentemente do primeiro caso, seja falada por si mesma, usando seus próprios significantes.

Já no terceiro caso, *Enfiei os pés pelas mãos*, o que fica em relevo é a transição da analisanda. Ela, que havia perdido a mãe de forma abrupta, afirma ter clareza de que suas escolhas, a partir desse momento, pareciam tentar tamponar a profunda tristeza provocada pela falta materna. Nas palavras da paciente: “Buscava nas pessoas o porto seguro que minha mãe sempre foi para mim; o que encontrei foi muita confusão e minha filha nasceu no meio dessa tormenta”. Ainda que de forma tardia, após a tormenta, ela busca a análise para elaborar seu luto, e encontra também, ao se deparar ela própria com a maternidade, espaço para ressignificar sua saudosa e idealizada referência materna.

*Não sou boa em nada* é o quarto caso apresentado, que traz uma mulher de mais de quarenta anos de idade, mãe de três filhos e empresária. É a divisão, a culpa e a sobrecarga do dia a dia que trazem inicialmente essa analisanda ao consultório. Vejamos como ela própria se apresenta: “Sou mãe de três filhos e sinto que não consigo ser uma boa mãe para eles. Estou sempre no corre-corre e muito intolerante, não tenho paciência, nem gosto de sentar no chão para brincar com eles com aqueles joguinhos chatos. Porém, sinto muita culpa e preocupação, principalmente depois que a escola me chamou e indicou uma avaliação para meu filho. Há a suspeita que ele tenha transtorno do espectro autista. Essa preocupação me acompanha o tempo todo, interferindo, inclusive, no meu trabalho. Acabo não sendo nem boa mãe, nem boa profissional. Não sou boa em nada”.

As mulheres dos dois últimos casos contam idade mais avançada. O quinto caso, *Quem vai cuidar de mim quando eu ficar velha?*, revela uma mulher de sessenta anos que, embora

tenha buscado a análise trazendo como queixa inicial sua tristeza em relação à delicada saúde do companheiro, consegue avançar e elaborar sua escolha inconsciente de não ter tido filhos.

O sexto e último caso, *Minha filha é uma bobona*, traz a frustração e a intolerância dessa mulher de sessenta e seis anos de idade em relação à sua filha de vinte e nove anos, com a qual convive. Muita insatisfação é relatada como fruto dessa relação, porém, ao avançar em sua análise, a paciente começa a trazer à tona tristezas ainda mais profundas e antigas que concernem a sua relação com sua própria mãe, que se encontra com a saúde debilitada e, devido à idade avançada, já anuncia sua despedida.

Os detalhes dos casos clínicos aqui apresentados foram extraídos da minha prática clínica e serão trabalhados ao longo da dissertação. Esses elementos trazem à luz uma dimensão para além da maternidade, ou seja, seus desdobramentos, dimensão que vem a desvelar a emergência do desejo na constituição subjetiva e suas ressonâncias nas relações entre mãe-filha. Analisar as demandas e questões específicas que envolvem essas mulheres, considerando, paradoxalmente, possíveis pontos de convergência entre elas no que diz respeito à maternidade e à relação mãe-filha, é o que buscaremos mostrar no capítulo 2. As vicissitudes da maternidade e seus desdobramentos.

Tendo em vista a sugestão de Freud ([1933]1996), de consultar os poetas além de analisar os casos clínicos, lançaremos mão de dois livros da literatura atual, em discussão que será desenvolvida também no capítulo 2. A escolha dos livros *Ana de Amsterdam* (2016) e *Zonas úmidas* (2010), respectivamente de Ana Cássia Rebelo e Charlotte Roche, foi cuidadosamente pensada para buscar uma maior aproximação com autoras mulheres que, através da escrita, compartilham de forma atual questões que giram em torno da feminilidade, abrangendo assim pontos de interesse para a presente dissertação, com destaque para a maternidade, bem como para situações que envolvem as relações entre mãe e filha. Se, por um lado, as autoras se assemelham em relação ao tema abordado, por outro, contrastam de forma expressiva na maneira como o fazem, marcando o relevo dado à singularidade de cada mulher; neste caso, a singularidade da ficção criada por cada autora.

Considerando a afirmativa lacaniana de que “A mulher não existe”, pois, como vimos, não há um objeto, uma representação simbólica que circunscreva as mulheres em um conjunto, devendo ser contadas uma a uma – diferentemente dos homens, que se valem do falo e que, por esse motivo, têm um ponto em comum que os constitui em um conjunto –, busco, através das passagens clínicas apresentadas e da literatura, um fio condutor que possibilite a construção

teórica: a leitura singular de como cada uma lida com seus sintomas, desejo inconsciente e busca bordejar a falta que as constitui, e sua possível incidência na relação com suas filhas.

No capítulo 3. A incidência dos fatores sociais na experiência da maternidade, problematizamos a questão dos imperativos sociais que nos dias atuais podem intervir nas escolhas inconscientes das mulheres e, conseqüentemente, na relação mãe-filha. Buscamos suporte da teoria psicanalítica, bem como na experiência clínica, para interrogar o que é prevalente nos sintomas que podem ressoar nessa relação.

É considerando a importância conferida por Freud à noção de sintoma em sua clínica e, conseqüentemente, em seus estudos teóricos, que seguimos os seus passos em nossa abordagem desse conceito. Partimos, portanto, dos sintomas apresentados pelas analisandas na clínica. Entendido como manifestação do inconsciente – como o sonho, o chiste e o ato falho – o sintoma é passível de ser interpretado, e pode interferir na relação mãe-filha, como veremos posteriormente.

Tomemos, então, a experiência de Freud como referência. Ele inicia seu trabalho questionando-se sobre o sentido do sintoma a partir de suas pacientes histéricas, seu principal objeto de estudo antes mesmo da criação da psicanálise. Como sabemos, a primeira paciente, Anna O., transferiu para Josef Breuer, seu médico na ocasião, seus sentimentos amorosos em relação a seu falecido pai, a seu luto, e o conflito inconsciente gerado resultou em seu adoecimento psíquico (SAFOUAN, 1982). Dentre os sintomas por ela apresentados, as dores de parto, como resultado simbólico da transferência vivida com Breuer, inquietaram Freud sobremaneira. As dores e câibras no baixo ventre, que ela acreditava decorrentes do referido parto, têm particular relevância para nossa pesquisa, pois apontam para as diversas conotações simbólicas que o nascimento de um filho pode representar na vida de uma mulher.

É desse trabalho com suas pacientes histéricas, de suas experiências clínicas, que Freud faz nascer a pesquisa em psicanálise. É do material registrado em análise que extrai os conceitos, e não o contrário (PORGE, 2009). Assim, Freud parte inicialmente de sua prática com as mulheres e, nesse caso específico, de uma mulher em trabalho de parto como produção sintomática. Neste trabalho, buscamos privilegiar, como Freud, a experiência clínica e, nela, as inquietações suscitadas pelas mulheres, nos detalhes dos seis casos clínicos apresentados, em suas experiências com a maternidade e em suas relações de mãe e filha.

Ainda que Freud tenha iniciado sua prática tomando notas durante as sessões, para, em seguida, publicar um estudo científico do caso, ele posteriormente refuta e desaconselha tal técnica: “deve-se ter em mente que relatórios exatos de histórias clínicas analíticas são de menor

valor do que se poderia esperar” (FREUD, 1912, p.127). Com relação a essa técnica, Porge (2009, p. 19) afirma:

A análise é uma experiência de fala, descontínua, com efeitos ligados ao tempo, à antecipação, ao “só-depois” [*après-coup*], com afastamentos entre o enunciado e a enunciação, com intervenções do analista... Uma estenografia linear, cronológica, não daria conta dos efeitos de verdade que se produzem no sujeito. Tal é a dificuldade do analista: se quer permanecer na verdade de sua experiência, não pode fiar-se na exatidão de uma tomada de notas. Sabe-se, além disso, dos inúmeros problemas de interpretações de doentes, por exemplo.

Cabe considerar também que só é possível teorizar sobre a experiência clínica, na qual se pode examinar um determinado fenômeno de forma particular, levando em conta os aspectos subjetivos envolvidos, a partir do estabelecimento de uma relação transferencial, sendo essa relação o resultado da experiência analítica (NOGUEIRA, 2004). Entendo que o objeto de pesquisa da psicanálise é o inconsciente, e a investigação do inconsciente só é acessível ao analista mediante a relação de transferência do analisando. Assim sendo, busco, nas passagens dos seis casos clínicos, aproximar a teoria da prática, seguindo, desse modo, a premissa freudiana que afirma que para a psicanálise “pesquisa e clínica coincidem” (FREUD [1912]1996, p.128).

Justamente devido à premissa de que o trabalho analítico só se sustenta na transferência, é que o método clínico é prevalente. O campo em que a clínica psicanalítica atua é o campo do inconsciente e da pulsão, e tem como noção central o sujeito do inconsciente. Daí a necessidade de investigar mais detidamente os conteúdos inconscientes que emergem da fala das mulheres, durante o tratamento analítico. Questões que, frequentemente, produzem muitos embaraços.

A questão do sigilo, enfrentada por Freud desde o início da psicanálise, acaba por ser colocada a cada vez que nos aventuramos em esboçar um caso clínico. Optamos, portanto, por trabalhar com algumas das passagens dos casos aqui apresentadas que permitem a identificação de um traço. Quanto à possibilidade de algum analisante ser reconhecido pelos demais em algum caso exposto por seu respectivo analista, Barth (2008, p. 92) registra o que Lacan ([1968]2003, p. 290) diz, textualmente:

Que vaidade nos aponta ela, portanto – refiro-me a nós psicanalistas -, para que nenhum tenha visto a solução do problema permanente que suspende nossa pluma: o da mínima alusão que nos ocorre de fazer referência a um caso?  
Referência, como se sabe, sempre passível de ser denunciadora, por não sustentar um desvio tão comum que não se apoie no traço mais particular.  
Ora, o que cria obstáculo aqui não é tanto que o sujeito se reconheça no texto, mas que outros o situem através do seu psicanalista.

Antes mesmo de Lacan, Freud já dava importância ao traço. A consideração ao detalhe é um aspecto relacionado à própria técnica psicanalítica e também alvo da especulação freudiana. Em seu artigo *O Moisés de Michelangelo*, Freud ([1914] 1996) examina a consideração ao detalhe que aponta para a possibilidade de trabalharmos com os elementos advindos de um tratamento psicanalítico ainda que de forma parcial, “desde que nos deixemos levar pelos detalhes dissonantes, na medida em que o detalhe revela o traço” (BARTH, 2008, p. 95). Freud parte de um fragmento da tumba do Papa Júlio II figurado por Moisés, mas é no detalhe que Freud apoiará suas especulações. De acordo com Barth (2008, p. 91-94):

Pode-se dizer que o detalhe toma corpo e ganha *status* de totalidade em si. Diferentemente do fragmento, o qual estará sempre em relação ao todo irrecuperável, o detalhe dispensa o todo, ou melhor, destaca-se dele como elemento dissonante, mas significativo, prontamente oferecido às construções (...). É nessa perspectiva do *Traço do Caso* que o analista realiza o procedimento de expor certos momentos privilegiados de um tratamento, colocando em jogo um deslocamento de sua própria posição enunciativa num espaço que possibilita aparecer isso que é capaz de fazer traço com momentos relativos do tratamento.

Esta dissertação se desenvolve a partir de minha experiência de escuta dos casos clínicos trabalhados, e buscamos nos detalhes analisados a identificação de um traço. Falamos aqui do *traço do caso* – introduzido por Lacan ([1968] 2003) e tomado por Claude Dumézil (1989) no sentido de propô-lo como um dispositivo e como uma ficção operatória capaz de servir de apoio ao curso da experiência e à reflexão teórica (BARTH, 2008, p. 93).

Nesse sentido, os elementos advindos de um tratamento psicanalítico, ainda que de forma parcial – considerando o detalhe que revela o traço –, ganham aqui seu merecido destaque. A nomeação de cada caso, a expressão que permite sua identificação, visa destacar o traço que recorta a questão em torno da maternidade e da feminilidade. Esse dispositivo, o *traço do caso*, nos parece um caminho possível para resguardar a identidade do paciente sem ceder ante a tentativa de avanço da pesquisa psicanalítica.

Outro ponto a ser esclarecido diz respeito à idade cronológica das pacientes. Advertida sobre o fato de que o inconsciente é atemporal (tomando como referência o tempo cronológico), sublinho que o registro das idades nos casos aqui apresentados busca dar ênfase à fase de vida das analisandas, ou seja, à posição do sujeito mulher em questão, enquanto filha e/ou enquanto mãe. São casos que envolvem seis diferentes mulheres, em distintos momentos de suas vidas, quando suas questões e demandas possuem certa especificidade quanto à maternidade e quanto à relação entre mãe e filha.



## 1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS: A MATERNIDADE EM FREUD E LACAN

*Ninguém é eu. Ninguém é você, esta é a solidão.*

Clarice Lispector (1998, p. 33)

O questionamento acerca da maternidade e da relação mãe-filha que direciona esta pesquisa não pode deixar de convocar o tema da feminilidade e sua constituição, uma vez que é a partir dele que a questão se coloca. Buscando, portanto, uma maior aproximação e solidez teórica em relação a esse tema, faz-se necessário aprofundar em Freud e Lacan os conceitos de narcisismo, complexo de castração e complexo de Édipo. Trata-se de conceitos psicanalíticos de suma importância e que ocupam lugar central na teoria psicanalítica e no percurso pulsional das mulheres, contemplando, com isso, os pontos de interesse do presente estudo: a maternidade e a relação entre mãe e filha.

Nestas trilhas do que se materna, sigamos a pista que se faz ouvir em Clarice.

### 1.1 A maternidade como resposta narcísica à incompletude feminina

Para pensar a maternidade como resposta narcísica à incompletude feminina, convém, antes, retomar o conceito de narcisismo em Freud. O conceito de narcisismo foi utilizado pelos sexólogos até o século XIX para designar uma perversão sexual caracterizada pelo amor dedicado do sujeito a si mesmo (ROUDINESCO, 1998). Ainda que Freud tenha feito uso do termo algumas vezes, é somente em 1914, em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, que a noção de narcisismo adquire um estatuto compatível com sua importância no conjunto da teoria psicanalítica. É nesse momento, portanto, que o termo adquire o valor de um conceito, sendo esse período também o ponto de partida desse texto.

Considerando particularmente os investimentos libidinais, Freud ([1914]1996) esclarece que o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autopreservação, presente no percurso pulsional de todo ser humano. Freud relata, nesse período de sua construção teórica, o momento inaugural a partir do qual ele configura uma etapa intermediária entre o autoerotismo e o amor objetal – etapa na qual a constituição da

imagem especular permite ao eu identificar-se com ela e nela investir sua libido. Trata-se do investimento libidinal no qual o eu é tomado como objeto:

[...] estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o eu tem que ser desenvolvido. As pulsões autoeróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo. (FREUD, [1914] 1996, p. 84)

Freud preocupa-se assim, logo de início, em tentar diferenciar o autoerotismo do narcisismo, pois o que caracteriza o autoerotismo é seu estado original da sexualidade infantil que antecede o narcisismo. De acordo com Garcia-Roza (1995), o que se acrescenta ao autoerotismo, para dar forma ao narcisismo, é o eu (*Ich*). Desse modo, o que se encontra antes mesmo de se constituir qualquer unidade comparável ao eu são as pulsões autoeróticas não unificadas, produzindo satisfação local em diferentes partes do corpo. Essas pulsões investem representações, numa tentativa de reproduzir a satisfação obtida no passado quando da presença do objeto real. Quando suga o dedo, por exemplo, o bebê vai em busca do prazer já vivenciado e agora recordado.

Como vimos, o eu não está presente desde o começo. Essa unidade, ou conjunto comparável ao eu no momento inicial da vida do sujeito, pode ser entendida como um conjunto de representações, sendo a primeira correspondente à experiência de captação da imagem unificada de si mesmo, experiência que Lacan ([1949]1998) aponta como característica do estágio do espelho, o qual será abordado no tópico 1.2.

O caminho privilegiado por Freud no estudo do narcisismo é, inicialmente, a análise da psicose, sendo seu principal desafio o de articular uma concepção de psicose com a teoria da libido. De acordo com Freud, os psicóticos são pacientes que apresentam como características a megalomania e o desvio de seu interesse do mundo exterior. Com isso, a libido, que fora afastada do mundo externo, é dirigida para o eu e, assim, possibilita uma atitude que pode ser denominada de narcisismo. Dessa forma, Freud consegue, em sua construção teórica, marcar a diferença fundamental de estrutura entre a neurose e a psicose. Na neurose, ainda que o paciente também desista em parte de sua relação com a realidade, de modo algum corta suas relações eróticas com pessoas e coisas, retendo-as na fantasia. Se no neurótico a realidade é substituída pela fantasia, no psicótico há uma perda da realidade, e nessa perda a fantasia cede lugar às alucinações.

Originalmente, o eu é o objeto privilegiado de investimento libidinal, armazenador da libido disponível, e é desse eu que parte a libido em direção aos objetos. A esse primeiro tempo do narcisismo, Freud denominou *narcisismo primário*. Posteriormente, parte desse

investimento libidinal passa a incidir sobre o objeto, o que corresponde à transformação da libido narcísica em objetal. Todavia, ressalta ele, o eu continua sendo o grande reservatório a partir do qual investimentos libidinais são enviados aos objetos e para o qual são recolhidos. O retorno desse investimento libidinal ao eu, após ter investido objetos externos, foi por Freud denominado *narcisismo secundário*.

Outros meios de abordagem utilizados por Freud em seu estudo sobre o narcisismo referem-se à doença orgânica, à hipocondria e à vida erótica dos sexos. Com relação à vida erótica dos sexos, Freud distingue dois tipos de escolha de objeto: o tipo anaclítico, ou de ligação, e o narcísico. No primeiro, a criança toma como objeto sexual sua mãe, ou quem quer que a substitua nos cuidados com sua alimentação, cuidado e proteção; no segundo, toma a si mesma como objeto de amor. Os tipos de escolha objetal não se apresentam como puros e excludentes um do outro, mas abertos a cada sujeito, embora haja a predominância maior de um deles.

Embora afirme que as diferentes escolhas não são universais, Freud estabelece uma comparação entre os sexos masculino e feminino em relação ao tipo de escolha objetal. De acordo com ele, o amor objetal completo do tipo de ligação anaclítico é característico do sexo masculino. “Ele exhibe uma supervalorização sexual que se origina do narcisismo original da criança, correspondendo assim a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual” (FREUD, [1914]1996, p. 95). Nas mulheres, o mesmo não ocorre. Observa-se nas mulheres, no início da puberdade, o amadurecimento de seus órgãos sexuais, provocando, com isso, a intensificação do narcisismo original. De acordo com Freud ([1914]1996), no que diz respeito à supervalorização sexual, essa intensificação do narcisismo original é desfavorável para o desenvolvimento de uma verdadeira escolha objetal. Freud admite que muitas mulheres amam de acordo com o modelo do tipo masculino; contudo, essas mulheres narcisistas amam apenas a si mesmas, e sua principal necessidade não é a de amar, mas a de serem amadas.

Para Freud, no entanto, mesmo para as mulheres narcisistas há um caminho que as leva ao amor objetal completo: a maternidade. Ele afirma que “na criança que geram, uma parte de seu próprio corpo as confronta como um objeto estranho, ao qual, partindo do seu próprio narcisismo, podem então dar um amor objetal completo” (FREUD, [1914] 1996, p. 96). Ainda que, segundo Freud, haja mulheres que não precisam passar pela experiência da maternidade para darem um passo no desenvolvimento do narcisismo (secundário) para o amor objetal, tal experiência beneficia um expressivo número de mulheres.

Esse momento teórico de Freud é essencial para o presente estudo, pois aponta para a importância da experiência narcísica da mãe, que influenciará a forma como ela conseguirá amar (ou não) sua filha, concedendo-lhe, assim, um modo particular de inscrever-se no seu desejo. A situação da analisanda do quinto caso clínico *Quem vai cuidar de mim quando eu ficar velha?*, que traz um histórico de intensa rivalidade e abandono materno, revela a importância do amor materno no caminho do amor objetal da filha, ou seja, a forma como o amor primordial da mãe repercute na futura capacidade de amar da filha. Quais considerações poderiam ser tecidas a partir da experiência narcísica da analisanda em questão?

Apesar de não ter se sentido amada pela mãe, a analisanda, entretanto, não desistiu de tentar agradar essa mãe para, finalmente, ser amada por ela. Somente com idade mais avançada, depois da morte da sua mãe, é que a analisanda consegue sustentar uma relação amorosa, momento em que os planos de filhos já não eram mais possíveis e que coincide com sua chegada ao consultório. Inicialmente, ela não questiona diretamente sua escolha em relação à maternidade, mas queixa-se do cruel destino de cuidadora da família, incluindo agora o companheiro e sua delicada saúde, além de preocupar-se com seu provável futuro de solidão.

Pouco sabemos da mãe dessa analisanda, e a hostilidade e posturas desconcertantes dessa mãe são frequentemente justificadas por uma suposta doença psiquiátrica não diagnosticada na ocasião. Com relação à analisanda, a escuta de sua fala revela marcas indeléveis em sua subjetividade e que incidiram decisivamente em suas escolhas inconscientes, até mesmo na recusa da maternidade: “nunca desejei verdadeiramente ter filhos, eles sempre representaram pra mim mais obrigação e preocupação para dar conta”. Além de buscar distanciar-se da responsabilidade de exercer novamente o papel de cuidadora (principal via de ligação com a mãe), a decisão de não ter filhos, nesse caso, não seria uma forma de evitar a repetição da dificuldade de amar de sua mãe? Ou ainda, caso ela conseguisse verdadeiramente se entregar a esse amor maternal, não seria uma forma de evitar ser rejeitada pelo filho amado? Chama a atenção o fato de ela tangenciar a questão em relação à maternidade apenas no momento em que se depara com a iminente solidão e com o fato de não ter ninguém, ninguém que a ame o suficiente para cuidar dela na velhice.

Na teorização freudiana, o amor pode ser vivenciado em conformidade com o tipo narcisista: “o que ela própria é, o que ela própria foi, o que ela própria gostaria de ser, alguém que foi uma vez parte dela mesma”; ou em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação): “a mulher que a alimenta, o homem que a protege” (FREUD [1914]1996, p. 97). Se o amor de escolha objetal do tipo narcisista por um filho se estabelece, renasce uma forma narcísica de

vínculo. É, pois, através desse amor ao filho que a mãe tenta recuperar a perfeição narcísica da infância – narcisismo primário – na qual ela era seu próprio ideal.

O eu é também constituído pelas enunciações, pelos juízos de valor, pelas declarações de preferência ou de rejeição, e, assim, vai assumindo uma forma particular. A forma que o eu toma é a do eu ideal (*ideal Ich*), imagem do eu dotada de todas as perfeições, sobre o qual recai, como diz Freud, o amor de si mesmo desfrutado na infância pelo eu real.

O narcisismo do sujeito surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como eu infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. (...) o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcísica de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seus próprios julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal. (FREUD, [1914]1996, p.100-101)

Há, portanto, um “eu original, forma primeira do eu ideal e do ideal do eu, constituído pela imagem refletida que o indivíduo tem de seu próprio corpo, e um eu ideal que vem a ser a imagem idealizada do eu” (GARCIA-ROZA, 1995, p.57). A constituição dessa imagem é realizada em sua quase totalidade pelos pais, que projetam no filho seus desejos inconscientes, fazendo ressurgir o narcisismo que eles próprios tiveram que abandonar por exigência da realidade. Essa criança não estará sujeita às necessidades objetivas, como também não terá restrições à sua vontade. Ela será *His Majesty the Baby* (Sua Majestade o Bebê) (FREUD, [1914]1996, p.98). Nas palavras de Freud: “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual transformado em amor objetual, inequivocamente revela sua natureza anterior” (FREUD, [1914]1996, p. 98).

Para que o eu se desenvolva, o que se espera é que haja um afastamento do narcisismo primário, que decorre do deslocamento da libido em direção a um ideal do eu imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal. Nas palavras de Freud ([1914]1996, p. 107), “o ideal do ego impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos, pois ele faz com que alguns deles sejam rejeitados por seu censor como sendo incompatíveis”. Sem esse ideal, a tendência sexual aparece como perversão.

No desejo da mãe por sua filha, a criança ocupa inicialmente a posição daquilo que vem tamponar a falta que causa o desejo; assim, a criança faz da mãe uma mulher plena, preenchida. Esse momento não é, contudo, observa André (1987), aquele momento da fusão paradisíaca que se imaginou. Trata-se de uma relação que desde o início está repleta de conflitos, ainda que

sejam conflitos internos à mãe. Há, portanto, na mãe, uma discordância entre o lugar que a criança ocupava em sua fantasia, e aquele que tende a assumir a criança real. O autor afirma ainda que, para as jovens mães, a criança pode parecer estranha demais à realização imaginária que esperavam.

O desejo da mãe pela criança passa, pois, por uma condição: é que a criança (...) seja revestida de um imaginário que permite à mãe ao mesmo tempo não reconhecê-la e suportá-la nesse lugar de objeto. Essa condição, afinal, não diz senão da aliança entre a libido objetal e a libido do eu que Freud estabeleceu no fim do seu estudo “Sobre o narcisismo: Uma Introdução”. (ANDRÉ, 1987, p. 193)

As vicissitudes na relação entre mãe e filha podem, portanto, sofrer interferências quando, por exemplo, o objeto (filha) não é compatível com o ideal da mãe, ou quando ela perde esse lugar junto à mãe. Ainda que inicialmente a criança tenha se tornado sua “Majestade o bebê” e conseguido despertar o narcisismo dos pais, o que pode ocorrer quando as expectativas nutridas durante esse período são brutalmente frustradas?

É o que traz a analisanda do sexto caso clínico apresentado, *Minha filha é uma bobona*. Grande é sua decepção, frustração e intolerância em relação a sua filha de vinte e nove anos, com a qual convive. A principal fonte de frustração, segundo a paciente, são as escolhas diferentes da filha, não somente em relação às suas próprias (as quais usa como referência), mas principalmente em relação ao que deseja para a filha, ou seja, em relação aos seus ideais. A analisanda tenta projetar na filha a imagem da mulher “retada”, engajada na profissão e independente financeiramente. A filha real, porém, se distancia dessa imagem idealizada, apontando, assim, suas próprias dificuldades e frustrações. A situação da filha lhe causa certo “constrangimento”, “vergonha”, sentimentos, no entanto, antigos da própria analisanda. A sensação de ser “criticada”, por exemplo, que se agravou na idade adulta, no momento em que foi fortemente criticada por sua mãe, quando engravidou fora do casamento tradicional – é algo que a analisanda repete com veemência na atual relação com a filha. Ela a critica, chama-a de “bobona”. O significante “bobona” ressoa na própria analisanda, pois é assim que ela se sente até hoje, por ter feito “escolhas erradas” ao longo da vida.

No primeiro caso clínico, *Minha filha tem vida dupla*, surge um conflito entre a filha adolescente – que chega para falar dos problemas no convívio familiar – e sua mãe, que a apresenta como “o problema”. A mãe refere-se à filha como alguém que não mais reconhece, por ter ela frustrado, com mentiras e transgressões, seus ideais de “filha princesinha”. Numa tentativa imediata de reparação, a analisanda decide participar das olimpíadas de matemática e

anuncia aos pais que seguirá a mesma carreira profissional deles – o que aponta para sua divisão subjetiva entre continuar seguindo o ideal dos pais e/ou sustentar seu próprio desejo.

Muitas vezes, a maternidade vem em resposta à ferida narcísica. É sabido também que a criança é uma esperança de realização de desejo e representa a completude narcísica do eu ideal, aumentando assim as expectativas em torno da filha que chega e, conseqüentemente, as frustrações que podem atravessar essa relação. Dependendo das exigências impostas ao sujeito pelo ideal – na maioria das vezes inalcançáveis – tais decepções são inevitáveis.

## 1.2 A importância da função do estágio do espelho na constituição psíquica do sujeito

Como vimos anteriormente, o processo pelo qual o sujeito assume a imagem de seu corpo próprio como sua e com ela se identifica denomina-se, na psicanálise, narcisismo. Trata-se da constituição do eu, instância que, para Freud, não existe desde o nascimento. Para ele “é necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo” (FREUD [1914]1996, p. 84).

A constituição do eu implica a transformação do que era um organismo num corpo. Como vimos antes, em *Sobre o narcisismo: uma introdução* ([1914]1996), Freud nomeia *ação psíquica* essa transformação do organismo em corpo habitado por um eu. Lacan, por sua vez, ao teorizar sobre o estágio do espelho, dá a essa transformação o nome de *ato formador do eu*; o eu constituído durante o estágio do espelho. *O estágio do espelho como formador da função do eu [Je]*, recolhido e publicado nos *Escritos* em 1966, foi uma Comunicação apresentada por Lacan em 1949, no XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique. É nesse texto que Lacan retoma em outros termos o conceito freudiano de narcisismo. Essa discussão mostra-se relevante para avançar no estudo da constituição psíquica das meninas, questão que se impõe para a investigação em curso.

Lacan afirma ser diante do espelho, ao se olhar, que a criança, em busca de uma confirmação, aprovação, volta-se para o adulto que a sustenta. Esse momento inaugural é o que Lacan denomina estágio do espelho – estágio de suma relevância na constituição subjetiva do *infans* a partir dos seis até os dezoito meses de idade. Esse a quem a criança dirige seu olhar é um Outro, dono de um desejo não anônimo, que empresta sua própria imagem para que a criança possa identificar-se com ela. Assim, a imagem que outrora era vivida como algo da ordem de um despedaçamento dá lugar ao contentamento com que é assumida a imagem

especular precipitada com a qual o sujeito se identifica. Essa imagem é dele e também do Outro, exterioridade constituinte e constituída no ato de sua precipitação. É o que nos esclarece Lacan:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, [1949]1998, p. 97).

Em resposta ao olhar da criança, vem do adulto uma palavra de assentimento, por exemplo: ‘olha que linda a princesinha da mamãe!’ É, pois, a fala do adulto que torna possível, para a criança, reconhecer-se naquele corpo inicialmente despedaçado. Lacan relativiza, portanto, a força da imagem do estágio do espelho, submetendo-a ao simbólico – campo dos significantes, da linguagem. De acordo com Lacan ([1949]1998), há, no processo de constituição do eu, uma formação da imagem e também, para além disso, a entrada na linguagem.

Lacan ressalta, ao retomar o texto de Freud sobre o narcisismo, o grande poder transformador da linguagem. É a relação simbólica, o significante, que define a posição do sujeito como aquele que vê e que se aliena a essa figura integrada do Outro. É, portanto, através do Outro, campo da linguagem do qual a palavra advém, tesouro de significantes, que a unidade corpórea é prefigurada e antecipada. Essa passagem do corpo fragmentado – experimentado pela criança – à imagem unificada do corpo, que o Outro lhe apresenta como sua, possibilita a emergência do eu, implicando a passagem do autoerotismo para o narcisismo e ordenando, em torno de uma imagem idealmente reconhecida, uma imagem corporal.

O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias, que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *Umwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do eu. (LACAN, [1949]1998, p.100)

O estágio do espelho é um drama, uma cena de engodo que inscreve a constituição do eu em uma linha de ficção. Para Lacan, trata-se da miragem antecipatória, uma vez que a constituição do eu a partir da imagem do outro, semelhante, faz com que o eu venha sempre

acompanhado dessa imagem do outro, o eu ideal, conferindo à subjetividade uma polaridade imaginária. Assim, a partir da imagem especular, o sujeito acha que é um outro e toma o outro como se fosse seu eu. Essa imagem de si mesmo, que ele projeta no outro e no mundo, é a fonte do amor, da paixão, do desejo de reconhecimento, mas também da agressividade, da competição e da rivalidade.

A situação de desamparo e dependência da criança nesse período faz com que ela se torne refém do desejo do Outro; um desejo que, transmitido pela linguagem, inunda seu corpo de insígnias, empresta ao sujeito seus nomes e também sua imagem. Assim, dado que é a partir do Outro que a criança ganha uma imagem na qual se aliena e um nome que faz dela sujeito e a introduz na linguagem, isso que dele advém é para nosso estudo de significativa importância, pois possibilita retomar a análise da relação entre mãe e filha considerando a questão da identificação, imprescindível no processo de constituição psíquica das meninas.

Na psicanálise, a identificação é um conceito fundamental para a constituição do aparelho psíquico, as relações dos sujeitos com o grupo e a *polis*, sendo, igualmente, um conceito importante no que diz respeito à direção do tratamento na experiência psicanalítica.

### 1.2.1 A identificação como dispositivo da constituição do sujeito

É durante o estágio do espelho que se dá, como vimos anteriormente, a primeira identificação no registro imaginário, período em que se forma a imagem unificada e idealizada do corpo, o eu ideal, colocando fim à vivência do corpo despedaçado e dando origem ao eu narcísico (*moi*). Esse momento é seguido pelos três tempos do Édipo nas formas de uma identificação com o desejo da mãe, seguido pela descoberta da lei do Pai e pela simbolização dessa lei, o que permitirá as identificações posteriores que irão constituir o sujeito<sup>3</sup>. A saída favorável do Édipo desvincula o sujeito de sua identificação primeira, promove a identificação com o Pai e possibilita o advento da linguagem, ou seja, o acesso ao simbólico.

Antes de prosseguirmos com o conceito de identificação, cabe ressaltar a diferença entre essas instâncias ideais. Como vimos em Freud, é através do eu ideal que o sujeito busca desfrutar da perfeição narcísica do passado ao qual ele não está disposto a renunciar: “o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era o próprio ideal” (FREUD, [1914] 1996, p. 101). Essa perfeição perdida, que a criança vai tentar recuperar, vai ser substituída pelo ideal do eu – cuja função vai ser modificada durante todo o percurso freudiano.

---

<sup>3</sup> Essas formas serão apresentadas mais detidamente no tópico 1.3.

Em Lacan ([1953]2009, p. 187), o eu ideal é equiparado a uma aspiração, ao que se pretende ser, enquanto o ideal do eu é pensado como um modelo e serve de matriz simbólica que sustenta essa pretensão: “O ideal do eu comanda o jogo de relações de que depende toda a relação a outrem. E dessa relação a outrem depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária”. De acordo com Lacan, o ideal do eu é uma constelação das insígnias que marcaram o sujeito: “a função do modelo é dar uma imagem de como a relação com o espelho, isto é, como a relação imaginária com o outro e a captura do Eu Ideal servem para arrastar o sujeito para o campo em que ele se hipostasia no Ideal do Eu” (LACAN, [1960]1998, p.686).

No capítulo sobre a *Identificação*, em *Psicologia de grupo e análise do ego* ([1921] 1996), a identificação é definida por Freud como a “mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, [1921] 1996, p. 115). Ela constitui a forma original de laço emocional com um objeto e desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Desde o início, a identificação é, para Freud, marcada pela ambivalência, podendo tornar-se facilmente tanto expressão de ternura quanto desejo de afastamento. Freud distingue ainda em três os tipos de identificação: a amorosa (identificação ao pai), a de participação histérica (que liga o sintoma/corpo e o sentido/significante) e a identificação com o traço (um único traço do pai, traço unário).

Para Freud, a identificação com o pai “comporta-se como um derivado da primeira fase da organização da libido, ou seja, da fase oral, na qual o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal” ([1921] 1996, p. 115). Esse primeiro modo de identificação, *canibal* ou fase oral, é aquele mediante o qual o eu se constitui como tal. Freud enuncia numa fórmula a distinção entre a identificação com o pai e a escolha do pai como objeto:

No primeiro caso, o pai é o que gostaríamos de ser, no segundo, o que gostaríamos de ter, ou seja, a distinção depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do eu. O primeiro tipo de laço, portanto, já é possível antes que qualquer escolha sexual de objeto tenha sido feita. É muito mais difícil fornecer a representação metapsicológica clara da distinção. Podemos apenas ver que a identificação esforça-se por moldar o próprio eu de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo. ([1921]1996, p. 116)

O outro modo de identificação está na base da formação neurótica do sintoma. Trata-se da identificação denominada histérica, que deixa inteiramente de lado qualquer relação de objeto com a pessoa que está sendo copiada. É uma identificação ao sintoma do outro, produto

do desejo recalçado do sujeito. Freud traz como exemplo as moças do pensionato: todas as jovens choram imitando a reação histérica daquela que recebe uma carta do namorado que lhe desperta ciúmes. O terceiro tipo de identificação diz respeito aos casos em que “a identificação [é] parcial e extremamente limitada, tomando emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é objeto dela” (FREUD, [1921]1996, p. 117).

Consideramos, com Freud, que os laços identitários são primordiais, sendo a identificação decisiva tanto para a formação do sujeito quanto para o processo de formação social e cultural. Para nossas análises, tomamos como referência a noção de identificação desenvolvida por Lacan em *O Seminário, livro 9* (1961-1962), no qual ele elucida a constituição do sujeito pela via do traço unário, do traço que, em cada um dos casos que trazemos de nossa clínica, recorta a questão em torno da maternidade e da feminilidade.

É no *Seminário 9*, que Lacan retoma a identificação histérica definida por Freud como diferente da ideia de identificação como referência a um outro ao qual nos identificamos; o fundamental nos laços identitários é compreender a relação do sujeito com o significante, em outras palavras, trata-se de uma identificação ao significante. Lacan desenvolve a lógica significante a partir da intuição freudiana do traço, um único traço do pai – não mais incorporação ao mítico pai da horda. Essa retomada do traço, marca de diferença, torna possível tanto a cadeia significante quanto a instauração do sujeito do inconsciente, sustentando a identificação inaugural ao traço como a identificação ao ideal do eu. Esse traço é, então, único e absolutamente despersonalizado:

A fundação do um que constitui esse traço não é em nenhuma parte tomada noutro lugar senão em sua unicidade: como tal, não se pode dizer dele outra coisa senão que ele é o que tem de comum todo significante, de ser, antes de tudo, constituído como traço, por ter esse traço por suporte. (LACAN, 1961-1962, lição de 22/11/61)

De acordo com Lacan, o que caracteriza o significante é “somente ser o que todos os outros não são” (LACAN, 1961-1962, lição 22/11/61). Um significante manifesta “a presença da diferença enquanto tal e nada além disso” (LACAN, 1961-1962, lição 22/11/61), ou seja, caracteriza o significante como diferença que tem por base a função da unidade, entendida como função do UM, referindo-se a um traço puramente distintivo; é exatamente esse traço distintivo que irá constituir o sujeito em sua relação com o Outro – o inconsciente, tesouro do significante – a partir do qual esse sujeito só se pode fazer representar por um significante, extraído, como traço, desse Outro.

Desse traço se poderia dizer que escreve o suposto encontro com o objeto: “(...) é do objeto que o traço surge, de algo do objeto que o traço retém, justamente sua unicidade, o apagamento, a destruição absoluta de todas essas outras emergências” (LACAN, 1961-1962, lição: 24/01/62). A identificação ao traço aponta, portanto, para uma falta que, nesse desencontro inaugural, constitui o sujeito. A identificação concerne, na verdade, a uma falta no Outro.

Dada a impossibilidade de o Outro dar conta de nomear, de recobrir a matriz simbólica do sujeito, ambos – sujeito e o Outro – se apresentam de forma precária, sustentados pelo vazio produzido pela divisão do significante que deixa o resto, objeto  $a^4$ . Como esclarece Lacan, agora no *Seminário, livro 10* (1962-1963): esse resto é “aquilo que sobrevive à provação da divisão do campo de Outro pela presença do sujeito” (LACAN, [1963]2005, p. 243). Não se pode, portanto, deixar de considerar que a identificação surge a partir de uma operação cujo resto é o objeto  $a$ , que aponta para essa falta constitutiva no sujeito e no Outro – como pouco antes (p. 185) cita o exemplo da placenta, ao mesmo tempo de ambos, e entre eles.

É a falta no Outro que, frente a uma perda, é tomada como objeto, e é essa perda que permite ao sujeito advir no Outro a partir das identificações. Em *O Seminário, livro 11* (1964), essa falta é trazida por Lacan para o campo do sujeito e do Outro, sublinhando sua dupla inscrição. Por um lado, ela advém do fato de o sujeito depender de um significante que está primeiro no Outro; por outro lado, ela é aquilo que o sujeito perde em sua entrada na linguagem. Toda a relação do sujeito com o Outro será engendrada, afirma Lacan ([1964]1985, p. 196), “num processo de hiância”. Lacan dirá, de outra forma, que não há, nem no campo do Outro, nem no campo do sujeito, um significante que dê conta do ser, da mulher, da morte, e, portanto, a falta – essa hiância – é condição de inscrição para todo ser de linguagem.

Desse modo, é em consonância com a história do sujeito que se inscrevem, em sua estrutura, os avatares da constituição do desejo. Contudo, é preciso que o sujeito esteja submetido à lei do desejo do Outro e que aprenda, para satisfazer suas necessidades e bordejar sua própria falta, a lidar com a demanda desse Outro. Sabemos, através da prática clínica, que esse é um grande desafio, uma vez que o desejo do sujeito e do Outro facilmente se confundem, trazendo, com frequência, embaraços ainda na idade adulta. O caso clínico *O rouxinol e a flor* traz de forma emblemática essa questão, uma vez que a jovem analisanda, ainda que tenha

---

<sup>4</sup> “Termo introduzido por Jacques Lacan, em 1960 para designar o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou se tornar um “resto” não simbolizável. Nessas condições, ele aparece apenas como uma “falha-a-ser”, ou então de forma fragmentada, através de quatro objetos parciais desligados do corpo: o seio, objeto da sucção, as fezes (matéria fecal), objeto da excreção, e a voz e o olhar, objetos do próprio desejo” (ROUDINESCO, 1998, p. 551).

buscado ajuda profissional para, entre outras questões, se desvencilhar dos excessos maternos, reproduz em suas escolhas repetições que parecem indicar pontos importantes de identificações com a mãe e que, inconscientemente, acabam por alimentar o que traz como queixa.

Há uma semelhança entre os excessos maternos e a preocupação e intensidade com que responde à mãe na relação estabelecida entre ambas e com as amigas e namorada, como também com a relação que mantém com o próprio corpo. Ela o adorna com adereços diversos, *piercings*, tinta colorida no cabelo, tatuagens; estas últimas são muitas, mas sua mãe nada pode falar já que “ela também tem tatuagens”, o que parece autorizá-la (ainda que sob supervisão) a fazer o que bem entende com seu próprio corpo. Mas o que chama a atenção não é a quantidade, mas, principalmente, a forma como ela as escolhe.

Mesmo trabalhando com arte e sendo bastante criativa, busca sempre desenhos prontos relacionados a algum livro de que tenha gostado. Nas histórias que conta de cada tatuagem não parece haver algo de original em que sua subjetividade “apareça”, nem no momento dessa escolha tão pessoal. Todavia, na tatuagem mais recente, ainda que a tenha relacionado ao seu encantamento com a história do rouxinol e da flor, parece haver aí um outro tipo de envolvimento. Ela consegue fazer uma identificação mais pessoal, manifestando seu anseio de aceder a uma identidade feminina diferente da de sua mãe e, como resultado, implica-se na história que conta: “gostei muito da história porque me identifiquei com o rouxinol, o pássaro que para agradar a moça se sacrifica ao transformar a flor branca em vermelha pintando-a com seu próprio sangue. Pena que foi em vão, pois no final ele morre. Aconteceu parecido comigo, me sacrifiquei pela relação com minha ex-namorada em vão, mas eu não morri e não vou ficar só com o rouxinol, vou fazer outras *tattoos* (risos)”.

A semelhança entre mãe e filha é marcada também no terceiro caso, *Enfie os pés pelas mãos*, embora, nessa situação, de forma direta. A analisanda busca conscientemente marcar a diferença com a mãe, principalmente no que concerne à educação da própria filha. Ela diz compreender os excessos de amor e doação da mãe, pois tem conhecimento de sua história de vida bastante sofrida, porém, ante seu próprio sofrimento, provocado pela morte precoce de sua mãe, a analisanda tenta a todo custo garantir a criação da filha fora da “bolha” na qual ela foi criada. Assim, buscando seu oposto, se mantém presa à mãe, sua referência constante.

É comum, na prática clínica, assim como ocorre no caso acima mencionado, ouvir relatos de mulheres que buscam negar a identificação com a mãe. Elas, não raro, empenham-se para serem diferentes das mães. Todavia, paradoxalmente, acabam por fortalecer tal identificação ao se tornarem mães. Prosseguindo nossa investigação sobre o sujeito em sua

experiência com a maternidade e seus desdobramentos na relação entre mãe e filha, trabalharemos a seguir o complexo de Castração e de Édipo em Freud e em Lacan.

### **1.3 O complexo de Castração e de Édipo: os operadores simbólicos do psiquismo nas meninas**

A queixa de Freud em relação a sua dificuldade em compreender a vida sexual das mulheres sempre foi por ele apontada desde muito cedo, conforme relatado. Ao longo de sua trajetória, muitas são as passagens que evidenciam tais entraves. Inicialmente, Freud afirmou que somente a vida sexual dos homens se havia tornado acessível à pesquisa. A das mulheres “[...] permanece envolta numa obscuridade ainda impenetrável” (FREUD, [1905]1996, p.143). Mesmo em trabalhos posteriores, Freud, de modo semelhante, tratou a questão referente ao desenvolvimento psíquico da mulher com importantes ressalvas. Entretanto, é a partir desse momento que ele dá um passo relevante em relação ao estudo da sexualidade humana.

Ao estudar as perversões na vida adulta, Freud depara-se com a sexualidade infantil e, com ela, sua natureza perverso-polimorfa. Assim, a sexualidade, apresentada nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* ([1905]1996), é retirada do campo da perversão patológica e inscrita no registro pulsional. Partindo dessa nova premissa, Freud nega que a sexualidade surgiria apenas na puberdade, que existiria uma relação natural entre os sexos opostos e que o primado da sexualidade seria o primado genital. Ele esclarece que o menino e a menina já são seres sexuados desde cedo, que não existe uma relação necessária entre pulsão sexual e objeto, e que também o primado genital é o ponto de chegada e não necessariamente o que constitui a sexualidade humana.

Em *Sobre as teorias sexuais das crianças* ([1908]1996), Freud destaca a importância do órgão sexual masculino para ambos os sexos e os impactos que surgem a partir dessa descoberta, como o surgimento da inveja do pênis nas meninas e a assertiva, por parte dos meninos, de que as mulheres também são dotadas do órgão. Nesse mesmo texto, Freud menciona pela primeira vez o complexo de castração. Mas é somente mais tarde que modifica sua teoria da sexualidade reordenando o complexo de Édipo em torno da fase fálica e do complexo de castração. Estabelece, então, um primado do falo e não do pênis, de modo que a sexualidade feminina não é mais pautada no modelo masculino.

A descrição completa do complexo de Édipo e sua dissolução é registrada por Freud em seu artigo *O eu e o isso* ([1923]1996). Nesse trabalho, ele analisa a diferença do complexo de

Édipo no menino e na menina e descreve o surgimento do superego, herdeiro do complexo de Édipo.

Em outro artigo publicado no mesmo ano, intitulado *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* ([1923]1996), Freud faz um acréscimo aos *Três ensaios*, marcando a primazia do falo. Com isso, Freud apresenta um único objeto de investimento sexual: o falo. Para ele, a organização genital infantil “consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (FREUD, [1923]1996, p. 158). A antítese que se coloca é, portanto, entre possuir o órgão genital masculino ou ser castrado. Ao mencionar o conceito de falo, Freud deixa claro que sua função no complexo de Édipo não se reduz à função do órgão sexual masculino, o pênis.

No início de sua teorização, Freud entendia o complexo de Édipo feminino como sendo análogo ao masculino. Ainda que já demonstrasse alguma insatisfação em relação à analogia exata do Édipo nos dois sexos, a dificuldade apareceu de forma mais contundente em seu artigo sobre *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), mas é somente em 1925, no texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* ([1925]1996), que reavalia de forma mais completa o desenvolvimento sexual das meninas e afirma ser equivocada a ideia de existir um paralelo completo do complexo de Édipo masculino e feminino.

Examinando as primeiras formas mentais assumidas pela vida sexual das crianças, habituamo-nos a tomar como tema de nossas investigações a criança do sexo masculino, o menino. Com as meninas, assim supúnhamos, as coisas deviam ser semelhantes, embora de um modo ou outro elas tenham, não obstante, de ser diferentes. (FREUD, [1925]1996, p. 278)

De acordo com o pai da psicanálise, o complexo de Édipo da criança do sexo feminino mostra-se distinto.

Nas meninas o complexo de Édipo é uma formação secundária. As operações do complexo de castração o precedem e o preparam. A respeito da relação existente entre os complexos de Édipo e de castração, existe um contraste fundamental entre os dois sexos. Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração. (FREUD, [1925]1996, p. 285).

Partindo das representações inconscientes em torno do desejo e suas manifestações, Freud ([1925]1996) conclui que os processos de identificação e de identidade sexual do homem e da mulher não são determinados por natureza, mas por um processo de sexuação e de seus

efeitos psíquicos, que, atrelados ao complexo de castração e ao Édipo, operam diferentemente na menina e no menino. É justamente a teoria da castração que leva Freud a romper com a simetria entre o Édipo do menino e o da menina. Ao articular o complexo de Édipo com o de castração, toma o segundo na dimensão de conceito fundador; conceito que organiza o ser humano em torno da diferença entre os sexos.

Outro ponto da teoria psicanalítica que nos interessa de forma particular, por tratar diretamente da ligação entre mãe e filha, é abordado por Freud em 1931, no texto *Sexualidade feminina* ([1931]1996), quando ele retoma o complexo de Édipo na menina, incluindo nesse processo uma intensa ligação pré-edipiana com a mãe. Essa fase, até então subestimada, torna-se de maior importância para Freud, que se dá conta da precocidade e da intensidade da ligação da mulher com a mãe e chega a se perguntar: “como encontra o caminho para o pai? Como, quando e por que se desliga da mãe?” (FREUD ([1931]1996, p. 233). A descoberta da castração representa um marco decisivo na evolução da menina, momento em que três diferentes destinos se apresentam para ela: a inibição sexual, a insistência na masculinidade – que Freud chamou de “complexo de masculinidade” – e a atitude feminina normal. Esta última atitude permite que a menina, ao descobrir que sua mãe também é castrada e que não pode lhe dar um pênis, abandone a mãe e busque no pai o seu objeto de amor.

Freud mostra, assim, que o processo de tornar-se mulher é na menina mais difícil e complexo, marcada pelo signo do negativo, e o afastamento da mãe é marcado por manifestações de hostilidade. Assim, quando a menina ingressa na fase fálica, seus impulsos agressivos se assemelham aos dos meninos e, com isso, “somos obrigados a reconhecer que a menininha é um homenzinho” (FREUD, [1933]1996, p.118). Nessa fase, o clitóris representa a principal zona erógena da menina, mas o que se espera é que ela mude de zona erógena, transferindo sua sensibilidade para a vagina. Na situação edipiana, porém, a menina deverá passar do objeto amoroso da mãe para o pai. Com o tempo, portanto, a menina deverá mudar tanto de zona erógena como de objeto, enquanto o menino mantém ambos (FREUD, [1933]1996).

O que leva a menina a voltar-se para seu pai é originalmente, segundo Freud, ([1933]1996), o desejo de possuir o pênis, mas o pai também não pode dar a ela uma identificação feminina. Para encontrar esse caminho, ela precisa substituir o desejo de ter um pênis pelo desejo de ter um bebê, desejo feminino de maternidade, e o bebê assume o lugar do pênis, numa equivalência simbólica. Assim, o que vai organizar a sexualidade da menina é justamente o complexo de Édipo, que a leva à busca do objeto amoroso na figura do pai. Seu

Édipo culmina em um desejo primário de receber do pai um filho. Diferentemente do menino, que abandona o complexo de Édipo com medo da castração, a menina conserva por mais tempo esse complexo, só vindo a superá-lo tardiamente e de maneira incompleta. Assim, esses dois desejos – possuir um pênis e um filho – permanecem intensamente investidos no inconsciente e a ajudarão, posteriormente, a desempenhar o seu papel feminino. Em sua teorização, Freud destaca a importância da maternidade na constituição subjetiva das mulheres.

Na releitura da teorização freudiana do Édipo, Jacques Lacan segue inicialmente a ideia do “falocentrismo”. Em *A significação do falo* ([1958]1998), no entanto, faz algumas importantes ressalvas ao elevar o falo ao estatuto de significante estruturador do campo sexual e distinguir a castração em sua dimensão simbólica (como submissão às leis da linguagem) de sua dimensão imaginária (como temor da castração, sentimento de perda ou a privação). Assim como no *Seminário 9* Lacan aponta o rigor estrutural que encontra no processo identitário, também na constituição do psiquismo nas meninas, como afirma Miranda (2011, p. 114),

A leitura lacaniana do texto freudiano segue, dessa forma, pela via da estrutura – que é sempre estrutura de linguagem. Trata-se de encontrar nas leis que regem o inconsciente, os efeitos determinados pelas vertentes geradoras de significado – a metáfora e a metonímia – e que são determinantes para a constituição do sujeito.

A passagem do campo da demanda para o campo do desejo é explanada por Lacan ([1957-1958]1999) em seu *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, quando apresenta os três tempos do complexo Édipo que se desdobram entre a criança, a mãe e o pai (ou alguém que exerça os papéis de mãe e pai nesse enredo edípico). Ele marca a importância da entrada da função paterna nessa relação que se inicia apenas entre a mãe e a criança visto que esta entrada está diretamente ligada com a linguagem, pois é constitutiva da posição do sujeito falante. Lacan formula o Complexo de Édipo a partir de três tempos lógicos que apontam para distintas interações com o Outro e com a castração.

No fim da fase pré-edípica, o bebê, menino ou menina, entra no mundo simbólico, momento em que o primeiro tempo do Édipo se desenvolve. O primeiro tempo, da demanda, é, pois, caracterizado pela relação dual, imaginária, entre a criança e a mãe, marcada, com o consentimento materno, pela indistinção quase fusional em que a criança tem a ilusão de complementaridade com o corpo da mãe. Do mesmo modo, a criança se identifica de forma especular com o falo imaginário – objeto de desejo materno –, ela é o falo que falta à mãe. Nessa primeira fase do complexo de Édipo o pai se encontra de fora dessa tríade, ao menos em relação à criança.

Nessa troca simbólica, a criança busca identificar-se com o que supõe ser o objeto de desejo da mãe. Na explicação de Lacan: “O que a criança busca é fazer-se desejo de desejo, poder satisfazer o desejo da mãe [...]. Para agradar a mãe [...] é necessário e suficiente ser o falo” (LACAN [1957-1958]1999, p.197-198).

O segundo tempo do Édipo é caracterizado por Lacan pela intervenção de um terceiro que introduz a lei, interditando a relação fusional entre a mãe e seu filho, o que vai permitir que a criança se depare com a falta. A mediação paterna irá desempenhar importante papel na configuração da relação mãe-criança-falo, na medida em que ele castra a mãe ao privá-la da criança. É necessária a intervenção da função paterna como um agente a privar a mãe de seu falo e a criança de seu objeto incestuoso, a fim de permitir que a mãe venha a encontrar desejo na relação com outros objetos. É também a palavra do pai que retira a criança do lugar de objeto e a liga à vida e aos objetos do mundo. Lacan coloca a questão da seguinte forma:

A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro, com o fato de que o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo. O que constitui seu caráter decisivo deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai. (LACAN [1957-1958]1999, p.199)

No terceiro tempo ocorre o declínio do Édipo, momento em que a questão da criança não é mais centrada em ser ou não ser o falo, mas em ter ou não ter o falo. Para Lacan, no terceiro tempo:

O pai pode dar à mãe o que ela deseja, e pode dar porque o possui. Aqui intervém, portanto, a existência da potência no sentido genital da palavra – digamos que o pai é um pai potente. [...] É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu. (LACAN ([1957-1958]1999, p. 200-201)

É, portanto, o tempo no qual a criança, através da continuidade da incidência do pai na díade imaginária com a mãe, se posiciona diante do falo e encontra no pai o suporte identificatório, na medida em que ele é suposto ter o falo que a mãe deseja. É, portanto, nesse tempo logicamente posterior que o pai ressurgue como portador do falo que a mãe deseja e a situação edípica pode encontrar sua saída. O falo aparece, então, como simbólico e, como tal, pode circular na cadeia significativa. Nesse tempo, instala-se, enfim, a função simbólica paterna, e o pai é investido como ideal do eu.

Somente em suas construções teóricas posteriores, momento em que introduz novos conceitos na psicanálise, Lacan ([1972-1973]2008) fará ver que a mulher não pode se assujeitar

inteiramente ao Édipo e à lei da castração. Com isso, ele dará mais ênfase ao gozo feminino e menos à questão da identidade feminina e também dará mais ênfase à divisão que o primado do falo introduz na menina do que à castração e à reivindicação dela decorrente (ANDRÉ, 1987). O gozo feminino está mais-além do falo já que, para Lacan, ele não se encontra totalmente inserido no gozo fálico, e mostra que, para a construção da sexualidade, a existência de um único ordenador – o *falo* – é insuficiente ante a complexidade da feminilidade.

A contribuição lacaniana para o debate em torno da questão da feminilidade na psicanálise avança, portanto, quando Lacan postula a existência de um gozo a mais. A principal elaboração dessa tese encontra-se no *Seminário, livro 20: mais ainda*, quando Lacan ([1972-1973]2008) demarca a posição feminina como aquela que tem acesso não apenas ao gozo fálico, mas também ao gozo Outro, “Há um gozo (...) Um gozo para além do falo...” (LACAN [1972-1973]2008, p.80).

Lacan indica, com isso, algo *a mais*, contrapondo-se às críticas que afirmam que a teoria psicanalítica colocaria a mulher em uma posição inferior, um “menos” em comparação com o homem. Soler (2005) aborda a questão afirmando que não se trata de um aquém, mas de um além, “porque essa outra coisa não está menos presa ao ‘ser da significação’. O outro gozo, suplementar, que, longe de excluir a referência do falo, soma-se a ela, não deixa de ser situável por uma outra lógica, esta não de conjunto: a do não-todo” (SOLER, 2005, p.17). Lacan formaliza a particularidade da relação ao falo e ao real na mulher através da teorização do não-todo, que é um modo de pensar essa relação como uma irrupção do real na mulher, que não é inteiramente tributária da castração.

É por este *a* que eu simbolizo o significante cujo lugar é indispensável marcar que não pode ser deixado vazio. Este *a* artigo é um significante do qual é o próprio ser o único que não pode significar nada, e somente por fundar o estatuto d’a mulher no que ela não é toda. O que não permite falar da A mulher. (...) se ela está excluída pela natureza das coisas, é justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar (LACAN, [1972-1973]2008, p. 79).

Freud propõe uma partilha dos sexos a partir do falo – ter ou não ter o falo – e estabelece, como vimos, o desejo feminino como o desejo de ter um filho, fazendo equivaler a mulher à mãe. Em vez da oposição fálico/castrado, Lacan ([1958]1998) postula uma divisão lógica baseada no ter/ser. Para destacar a dimensão simbólica da castração e o caráter significativo do falo, ele parte da premissa freudiana de dissimetria radical entre os sexos. Assim, as relações entre os sexos se situam em torno da função do falo, desconsiderando a diferença anatômica

entre os sexos. Nas palavras de Lacan ([1958]1998, p. 701): “essas relações girarão em torno de um ser e de um ter que, por se reportarem a um significante, o falo, têm o efeito contrário de, por um lado, dar realidade ao sujeito nesse significante e, por outro, irrealizar as relações a serem significadas” (LACAN, ([1958]1998), p. 701).

Lacan é extremamente freudiano quando afirma que “o falo é a razão do desejo” (LACAN, [1958]1998), p.700), pois Freud mesmo já havia formulado, como vimos anteriormente, a organização sexual a partir do falo: na ameaça de castração, na inveja do pênis, na equivalência simbólica filho-pênis. Todavia, com Lacan, a análise da feminilidade é ampliada pela lógica do não-todo, em seus aspectos específicos que englobam o gozo suplementar (o gozo “a mais”) e a dialética entre ser e ter. Na teoria de Lacan, a mulher passa a ter mais de uma saída para a feminilidade.

Ao tomar a castração em sua dimensão simbólica, ambos os sexos se posicionam diante de uma falta que é estrutural e resulta da incidência da linguagem na sexualidade humana. A partir dessas concepções, é elaborado o grafo das fórmulas da sexuação (LACAN, [1972-1973] 2008):

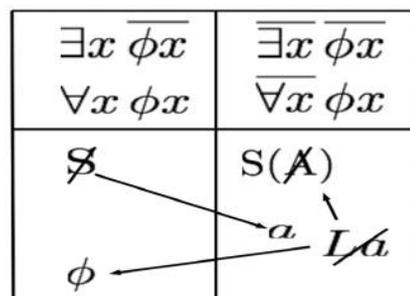


Figura 1 (LACAN, [1972-1973] 2008, p. 84).

A tábua da sexuação é uma construção lógica matemática que traz os ensinamentos de Lacan sobre a sexualidade. Ela é dividida em duas partes, sendo a superior composta por quatro fórmulas, unidas duas a duas, que se dividem entre o lado masculino e o feminino da sexuação. A parte inferior da tábua acompanha a mesma divisão entre masculino e feminino e é nela que Lacan escreve cinco termos: sujeito dividido ( $\$$ ), símbolo fálico ( $\Phi$ ), objeto pequeno  $a$ , o significante de uma mulher ( $L\overline{a}$ ) e o significante da falta no Outro [ $S(\overline{A})$ ]. Os dois primeiros encontram-se do lado masculino e os outros três, do feminino. Além disso, existem três setas que ligam alguns desses termos.

De acordo com Lacan ([1972-1973]2008), todo ser falante se inscreve de um lado ou de outro dessa figura. Do lado esquerdo, que se convencionou chamar de lado masculino, encontra-se a função fálica, que sustenta o desejo do homem. Lacan ([1972-1973]2008) enfatiza que todo homem se inscreve sob essa função, exceto um (representado por  $x$ ), pelo qual a função fálica é negada: trata-se da função do pai. Do lado direito, localiza-se a mulher, mas também pode se situar aí qualquer outro ser falante, seja ele provido ou não de atributos masculinos. Advertindo-se que, ao inscrever-se nesse lado, o sujeito será não-todo, pois nele não há universalidade.

Lacan ([1972-1973]2008) ressalta que o fato de a teoria freudiana postular que a libido é masculina acabou por deixar um dos campos ignorados. Embora isso não signifique que esse campo seja menos importante, trata-se do campo em que se situam aqueles que assumem o estatuto de mulher. No entanto, para Lacan ([1972-1973]2008), é impróprio falar A mulher, dado que, a partir do momento em que se enuncia a partir do não-todo, A mulher não pode se escrever. Por isso, ela é representada por um A barrado (na figura,  $L^{\bar{A}}$ ). Como assevera Lacan ([1972-1973]2008:

A mulher tem relação com o significante desse Outro, na medida em que, como Outro, ele só pode continuar sendo sempre Outro. Aqui, só posso supor que vocês evocarão meu enunciado de que não há Outro do Outro. O Outro, esse lugar onde vem se inscrever tudo que se pode articular de significante, é, em seu fundamento, radicalmente Outro. É por isso que esse significante, com esse parêntese aberto, marca o Outro como barrado –  $S(\bar{A})$  (...). Esse  $\bar{A}$  não se pode dizer. Nada se pode dizer da mulher. A mulher tem relação com  $S(\bar{A})$ , e já é nisso que ela se duplica, que ela não é toda, pois, por outro lado ela pode ter relação com  $(\Phi)$ . (LACAN, [1972-1973] 2008, p. 87)

Por ser um conjunto cujos elementos se definem como não-todos em relação à função fálica, é impossível descrever uma classe das mulheres: não há um traço tipicamente feminino que defina todas as mulheres. Essa é a razão lógica da frase polêmica de Lacan ([1972-1973] 2008): “A mulher não existe”. De acordo com Soler (2005), considerar que as mulheres são “não-todas” é considerar que o significante “mulher” não pode ser reduzido ao discurso e presentificar algo que está além da fala. Aí estão dadas as condições para o enigma da feminilidade e para tantos equívocos que envolvem a relação entre os sexos. O caminho percorrido nos permite sustentar que “a grande questão da mulher é ela oscilar entre um registro de falta (em termos de significante) e um excesso (em termos de gozo)” (ZALCBERG, 2007, p. 126).

Na dissimetria entre os sexos à qual nos referimos há, portanto, uma diferença nos modos de gozo. Há um gozo ao qual só o feminino tem acesso; ao qual seu parceiro não tem acesso;

um gozo que ela segue sozinha. Articulando essa questão à exigência feminina de ser reconhecida como única, é possível retomar a epígrafe deste capítulo: “ninguém é eu. Ninguém é você, esta é a solidão”, passagem do texto de Clarice Lispector (1998, p. 33) que nos remete à ideia de um gozo único e solitário. Não há inscrição para o feminino no inconsciente, então, muito pode ser dito sobre ele e nada será de fato a verdade. Na ausência de um nome que inscreva a mulher, muitos virão na tentativa de representá-la. Assim, se *A Mulher* ‘não existe’, por ser impossível identificá-la, devendo sempre ser contada uma a uma, isso não impede que a condição feminina exista e continue falando e se fazendo escutar.

## 2 AS VICISSITUDES DA MATERNIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS

*Ô mãe, me explica, me ensina, me diz o que é feminina?  
Não é no cabelo, no dengo ou no olhar, é ser menina por todo lugar.  
Então me ilumina, me diz como é que termina?  
Termina na hora de recomeçar, dobra uma esquina no mesmo lugar.*

*Joyce Silveira Moreno - Feminina*

Durante toda a sua vida as mulheres lidam de distintas formas com a falta estrutural e, de forma singular, cada uma tenta recobri-la, levando em consideração as questões femininas referentes, principalmente, à maternidade e seus desdobramentos. Neste capítulo, lanço mão, inicialmente, de dois livros de literatura contemporânea para servirem de baliza a nossas análises. Nessa trilha de formas do ser mulher, elejo os livros: *Ana de Amsterdam* (2016) de Ana Cássia Rebelo e *Zonas úmidas* (2010) de Charlotte Roche, ambas escritoras que também lidam com questões femininas de interesse para o presente trabalho.

O diário íntimo de Ana Cássia Rebelo ganha consistência em seu próprio blog na internet e, só depois, é transformado em livro<sup>5</sup>, possibilitando, com isso, sua consagração como escritora. *Ana de Amsterdam* (2016) centraliza-se no cotidiano da vida dessa portuguesa nascida em Moçambique, advogada em Lisboa, mãe, esposa, escritora e mulher, que divide seu tempo buscando ocupar esses diferentes lugares e funções.

A autora expõe em pormenores os diferentes aspectos de sua vida, como a crise em sua vida conjugal, a depressão, seus dias ruins, sua relação com os filhos, seus casos extraconjugais, sua falta de prazer no sexo, sobre o qual, porém, fala de forma incessante. Ana, *dos dentes rangendo e dos olhos enxutos*, relata de modo intenso e singular suas vivências, sentimentos e impressões do seu dia a dia.

Embora tenha galgado importante posição como jurista e conseguido conciliar a vida profissional com sua vida doméstica de esposa e mãe de três filhos e, mais ainda, tenha encontrado espaço para sua escrita, os relatos de Ana são marcados pela falta, tão intensa e feminina. O tom melancólico da autora é prevalente. Em relação a sua imagem corporal, por exemplo, é interessante observar como ela a descreve:

---

<sup>5</sup> As postagens do blog foram selecionadas por João Pedro George, crítico literário, sociólogo e escritor moçambicano.

‘Quero trocar de corpo’, digo à imagem que o espelho reflete. ‘Este não me serve. Está morto’. A imagem olha-me enquanto repito gestos matinais. Lavar o rosto. Esfregar os dentes. Espalhar o creme hidratante. Depois a base compacta que esconde poros, borbulhas, imperfeições, manchas. Volto a olhar a imagem do espelho. Tem os olhos rasos de água. Uma escuridão dentro deles. Estende os braços. Parece querer abraçar-me. Borrifo-me de lavanda. Fujo-lhe. Apago a luz. Era o que mais faltava. Detesto cenas de comisseração logo pela manhã. (REBELO, 2016. p. 21-22)

Com relação à tristeza, pela qual Ana é tomada com frequência, ela afirma não lhe fazer convite prévio. A tristeza, segundo ela, simplesmente chega, ‘só traz tédio’, e a absorve por completo. Nas palavras da autora:

Não sei porque vem, derramando tentáculos de dor. Sinto-a fisicamente, como se fosse um bicho, um parasita. Petrifica-me. Torno-me um cristal baço. Uma mancha de bolor. Uma estátua grotesca. Repelente. Torno-me uma fêmea de jacaré ou caimão. Sou uma fêmea de caimão. Sei, com precisão, onde, no meu corpo, se aloja a tristeza. Sinto-a aninhada na traqueia, perto da laringe e da faringe. Nas mediações da glote. Provoca-me náuseas. Vontade de vomitar, também. Hoje, durante o almoço, transformou-se em lágrimas e escorreu sobre a sopa de agriões. (REBELO, 2016. p. 37)

Ana consegue descrever sentimentos com riqueza de detalhes, de uma forma que para muitos seria um esforço quase da ordem do impossível ou insuportável. Essa aproximação com sua verdade inconsciente é o que as pessoas parecem cada vez mais tamponar nos dias de hoje. A vida corrida na atualidade, que preza pela urgência do gozo, pouco espaço deixa para reflexões que se encontram na contramão desses imperativos.

Assim, de forma bem atual, Ana desafia novamente o leitor quando expõe sua frustração com a maternidade. Deixando a hipocrisia de lado, sem rodeios, Ana afirma: “Há dezesseis anos fui mãe pela primeira vez. A maternidade não me realiza, nem me tranquiliza. Quero-me úmida, mulher. E gritar quando o orgasmo finalmente chegar” (REBELO, 2016. p. 184).

Ainda que expresse sua dificuldade de realização com a maternidade, relata, em outra passagem, o intenso amor “quase obsceno” que sente pelo seu filho menino. Em suas palavras:

Pego-lhe nos pés. Cheiro-os. (...). Volto a pegar-lhe nos pés. Esfrego-os no meu rosto. Às vezes, muitas vezes, tenho a sensação de o sufocar com os meus gestos. Não sou capaz de não lhe tocar. Tenho pelo João, mais do que pela Madalena, um amor tátil, quase obsceno. Chegará um dia em que não me deixará cheirar-lhe os pés, nem me contará os sonhos, nem me pedirá ajuda para colar cromos na caderneta. Estranhará minha nudez, esconder-me-á a sua. Abrirá assim fissuras irreparáveis na nossa intimidade. Deixarei de me reconhecer no seu corpo, nos olhos, na boca, nas mãos, na sua pele de maltês e andarilho, escura como a de um cigano. O seu corpo deixará de ser o meu corpo. (REBELO, 2016. p. 31-32)

Em seus registros, sua filha quase não é mencionada, apenas brevemente, como no momento em que lembra ter pego dela piolhos. Também pouco se refere a sua mãe – somente algumas lembranças de infância, mas que revelam desde cedo certa rivalidade com ela, como mostra o trecho abaixo selecionado:

Sempre gostei de dormir na cama dos meus pais. Já crescida, adolescente, nas manhãs de sábado e de domingo, enfiava-me entre os dois, destapava a cabeça da minha mãe, via meu pai acordar, sorrindo timidamente. Suponho que lhe era desconfortável ter uma filha crescida, com corpo e formas de mulher, deitada ao seu lado. (...). Mesmo agora, quando estou em casa dos meus pais e me apetece descansar cinco ou dez minutos, é na cama deles que me deito, sempre do lado dele, com sua almofada. Gosto de sentir o seu cheiro. É um cheiro limpo, de sabão, pasta de dentes, de champô, da loção que usa há muitos anos para prevenir a queda de cabelo”. (REBELO, 2016. p. 40)

Contrastando com Ana, apresento Helen, protagonista do romance *Zonas úmidas* (2010) de Charlotte Roche, que leva a sério o compromisso com seu prazer sexual. Obcecada pelo prazer sem limites, rebela-se contra as históricas higiênicas, a estética das revistas femininas, a sociedade padronizada com o corpo feminino e sua sexualidade, ressaltando mais ainda a diversidade do feminino.

Após ferir-se durante uma depilação íntima, que se agravou com a presença de sua hemorroida crônica, Helen é hospitalizada para tratar de uma fissura anal. É durante sua internação que a jovem aproveita o tempo ocioso para trazer à tona suas experiências com seu corpo, além de dar vazão às suas fantasias, lembranças e mágoas. Durante o período de recuperação, conhece e desenvolve forte desejo pelo enfermeiro, que cuida dela diariamente. Já sua família faz somente rápidas visitas, o que aumenta em Helen seu sentimento de rejeição. Arquetizar diferentes formas de chamar a atenção, tanto da mãe quanto do enfermeiro, torna-se seu passatempo favorito durante o período em que permanece internada.

Helen sente-se desprezada por seus pais, que são separados. Entretanto, alimenta por seu pai fantasias incestuosas. Já com relação à mãe, busca vingar-se. A própria separação conjugal é entendida por Helen como uma decisão equivocada da mãe, que ela tenta a todo custo reparar. Em uma das tentativas frustradas em que ela faz coincidir o horário de visita de ambos a fim de promover um reencontro, Helen pune a mãe pelo desencontro: “Ela acha que estou brava por causa do atraso. A eterna consciência culpada da mãe que trabalha fora. (...) ela acabou de perder seu novo casamento. Não vou explicar isso a ela. Ela que se convença de que meu mau comportamento tem relação com minhas dores” (ROCHE, 2010, p.106).

Para além da vida subjetiva da personagem, é curioso perceber que a difícil relação que Helen estabelece com a mãe possui intensa ligação com a forma como seu desejo de ser mãe se apresenta. Assim descreve ela sua maneira singular de vivenciar a experiência com a maternidade:

Desde que me entendo por gente quero ter um filho. Há um modelo bem reconhecível na nossa família. Minha bisavó, minha avó, mamãe e eu. Todas primogénitas. Todas mulheres. Todas com nervos fracos, meio loucas e infelizes. Quebrei essa corrente. Completei 18 este ano e esperei durante muito tempo por isso. Um dia depois do meu aniversário, assim que não precisei mais de autorização dos meus pais, liguei as trompas. Desde então, a frase que minha mãe sempre repete não soa mais ameaçadora: “Vamos apostar que seu primeiro filho também vai ser menina? Eu só posso gerar abacateiro”. (ROCHE, 2010, p.44)

Mesmo quebrando a corrente, ou seja, escolhendo percorrer um caminho diverso do caminho das mulheres de sua família, Helen fala sobre seu desejo de ser mãe e de como o logra. Incapaz de gerar um filho após a ligação das trompas, ela, no entanto, assume esse lugar com seus abacateiros, que cultiva de forma particular, dedicando-lhes carinho e atenção especial. Helen chega mesmo a afirmar que todo o processo de cultivo inicial é o máximo que ela consegue se aproximar de um parto: “cuidei durante meses desse caroço. Expeli-o de dentro de mim algumas vezes. E cuido com perfeição de todos os abacateiros nascidos dessa forma” (ROCHE, 2010, p.43). Assim, descreve o que vem a ser para ela o “parto” de seu filho mais recente e os cuidados com toda a sua família de abacateiros.

Ainda que não possa mais engravidar, a protagonista do romance não abre mão da maternidade. Ao tornar-se “mãe dos abacateiros”, consegue preservar, a um só tempo, dois desejos distintos: sua maternidade e a vingança materna, ambas concretizadas, porém, mantidas em sigilo. Com relação à vingança, Helen se deleita ao pedir que sua mãe leve ao hospital, no momento da visita, uma máquina fotográfica para registrar o resultado da cirurgia. Segundo ela, devem-se documentar não apenas os momentos felizes. Ante a solicitação da filha, sua mãe pondera: “com essas fotos no álbum você não vai deixar seus filhos e os filhos dos seus filhos muito animados”. Em resposta silenciosa Helen sorri: “Ah, se você soubesse, mamãe” (ROCHE, 2010, p.47).

Ana (Cássia Rebelo, *Ana de Amsterdã*)<sup>6</sup> parece apostar não apenas na maternidade, como também na profissão e na própria escrita, em uma busca incessante para driblar a

---

<sup>6</sup> Remeto aqui ao contrato de leitura que Philippe Lejeune (2008) chamou de *pacto autobiográfico*. O contrato baseia-se na identificação entre a autora, a narradora, a personagem.

melancolia que assola seu dia a dia. Essa mãe, que pouco fala sobre sua própria mãe, deixa entrever, como vimos, certa hostilidade nessa relação, que aparece de forma semelhante quando trata rapidamente da filha. Ao mesmo tempo, Ana relembra com carinho de situações da intimidade familiar envolvendo o pai e sua provocação juvenil para com ele, e a forma como preserva e alimenta essas lembranças até os dias de hoje. Com seu filho, consegue uma satisfação quase obscena, fundindo seus corpos e lamentando o dia da separação de ambos. Consegue alcançar, portanto, satisfação com seu pai e seu filho menino. Mas, o que ocorre na relação entre ela e sua mãe e, posteriormente, entre ela e sua filha?

Helen, a jovem personagem do segundo livro, leva seus leitores diretamente para o mundo da ficção, e é dentro dessa outra forma de *engodo* que podemos ler outras formas de fazer-se mulher – não a feminista tradicional, diz a autora... “Meu livro é político”. Sua decisão de rebelar-se contra toda uma geração de mulheres de sua família ao ligar as trompas não parece estar desvencilhada dessa trama familiar. Ainda que radicalmente distinta, essa decisão parece ter sido construída objetivando marcar justamente essa diferença, ou seja, a referência para tal decisão não deixou de ser tomada em relação às mulheres da família – em especial, a sua mãe, contra quem arquiteta uma vingança. Todavia, podemos pensar essa vingança concretizada na surdina pela personagem, como algo que aponta para uma recusa da herança familiar, um ato de separação. Nesse ponto, voltamos a nos questionar: o que se passa nessa relação mãe-filha?

Além de serem escassos os dados disponíveis, mesmo que fiquemos atentas às escritas e a suas entrelinhas, não podemos incorrer no equívoco de promover uma análise “selvagem” das nossas personagens. Talvez só nos reste, de Ana, *oriente, ocidente, acidente, gelada*; “corpo atravessado na cama. Nu, salgado, suado, morto” (REBELO, 2016, p. 152), mas podemos problematizar não apenas a referida rivalidade entre ambas, como também a importância da mãe para a menina. Esse será nosso intento, a seguir.

Assim como ocorre na prática clínica, os livros comentados trazem histórias radicalmente distintas, marcando assim a diversidade feminina, em especial no que tange à experiência com a maternidade e sua ressonância direta nas relações entre mães e filhas. Saltam aos olhos as letras que dão corpo a essas mulheres da ficção. Mulheres que vivem também, cada uma a sua maneira, os entraves na relação com a mãe. Mulheres que, ao se tornarem mães, revelam que algo parece transmitir-se para a nova relação. Considerando essa relação ímpar entre mãe-filha, que contribuições podemos apresentar para melhor compreender suas especificidades?

## 2.1 A importância da mãe e de seu desejo para uma menina

Ainda que Freud tenha considerado, em 1905, a mãe como o primeiro objeto sexual para ambos os sexos – por ser o seio materno o paradigma para todo o vínculo de amor –, desconhece àquela época o alcance dessa descoberta. Influenciado por seu encontro inicial com as pacientes histéricas, nas quais reconhecia forte vínculo com a figura paterna, Freud privilegiava o lugar do pai em relação ao lugar da mãe na constituição subjetiva da filha. Foi o que ocorreu no caso de Dora, o primeiro caso relatado, no qual pouco valorizou a importância do papel da mãe e a relação de Dora com a sra. K no desencadeamento de seu adoecimento psíquico.

Foi somente na década de 1930, portanto, que Freud pôde reconhecer a importância do primeiro momento envolvendo mãe-filha. Ele descobre tratar-se de uma relação rica e multifacetada, e explica que “por muito tempo o complexo de Édipo da menina ocultou à nossa observação sua vinculação pré-edípica com sua mãe, embora seja tão importante e que deixe atrás de si fixações tão duradouras” (FREUD, [1933]1996, p.128). Freud dirá, inclusive, que é impossível compreender as mulheres, a não ser que se analise sua relação com a mãe. Em suas palavras:

Quase tudo o que encontramos posteriormente em sua relação com o pai já estava presente em sua vinculação inicial e foi transferido, subsequentemente, para seu pai. Em suma, fica-se com a impressão de que não conseguimos entender as mulheres a menos que valorizemos essa fase de sua vinculação pré-edípica à mãe. (FREUD, [1933]1996, p.120)

A teoria freudiana passa então, sem abrir mão do vínculo pai-filha, a dar relevância à mãe na constituição psíquica das mulheres. Assim, o processo da menina, de tornar-se mulher, pode ser dificultado pela intensa ligação constituída com a mãe. Ainda que o intenso vínculo inicial com a mãe seja de fundamental importância para a constituição psíquica da menina, pode oferecer também, como vimos, dificuldades no seu caminho em direção ao pai e, posteriormente, a outros homens. Nesse sentido, como observa Serge André (1987, p. 191), para Freud, “certo número de meninas jamais se tornam mulheres, mas são, ou permanecem, homens, simplesmente, no plano psíquico” (Na concepção freudiana, isso equivaleria dizer: ligadas à mãe). André (1987, p. 179) acrescenta ainda que

Não é, no fundo, outra coisa senão o retorno inelutável da relação antiga com a mãe. Tudo se passa na realidade como se, para a menina, o pai nunca substituísse completamente a mãe, como se fosse sempre esta última que continuasse a agir através da figura do primeiro.

Nos últimos anos de seu desenvolvimento teórico, Freud transferiu seu principal ponto de preocupação, outrora era ocupado pelo questionamento “o que quer a mulher?”, para reflexões sobre a dificuldade da menina em se separar da mãe (ZALCBERG, 2003). Ele formula em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, 1925, o seguinte questionamento: “Nas meninas o complexo de Édipo levanta um problema a mais que nos meninos. (...). Como ocorre, então, que as meninas o abandonem e, ao invés, tomem o pai como objeto?” (FREUD, [1925]1996, p.280). Freud passa então, como destaca Malvine Zalcberg em *A relação mãe-filha* (2003, p. 36), a estudar como e por que a menina se separa da mãe, “tudo o que escreveu sobre a sexualidade feminina a partir desse momento tem como centro a relação mãe-filha”.

Posto isso, constatamos que, ao longo da construção teórica psicanalítica, Freud foi aos poucos redimensionando a hipótese inicial da necessidade de a menina ter apenas que renunciar à sexualidade ativa, voltando-se para o pai a fim de tornar-se mulher, e acrescentando, assim, uma nova formulação sobre a concepção da sexualidade feminina. Segundo Zalcberg (2003, p. 28):

Se a menina renuncia à satisfação ativa dirigida inicialmente à mãe – a primeira tarefa lhe cabendo para tornar-se mulher – não seria somente visando voltar-se para o pai, mas, sobretudo, para afastar-se da mãe, para poder deixá-la. Essa separação com a mãe, a constituir a segunda tarefa cabendo à menina em seu processo de tornar-se mulher, também não se mostrará tarefa fácil.

Zalcberg (2003) põe em relevo a importância da separação que interromperia esse envolvimento entre a mãe e sua filha menina, além de apontar para a dificuldade presente nesse processo. Nessa direção, trazemos uma passagem do caso clínico *Minha filha é uma bobona*: “Não consigo evitar. Amo minha filha, mas sua molenguice ante a vida me irrita profundamente! Quando ela começa a choramingar por qualquer dificuldade que se apresenta eu acabo sendo muito dura, sei disso, me arrependo depois. Sei que sua fragilidade emocional, bem como seus problemas com o pânico estão relacionados com minha severa cobrança ao longo de toda sua vida”.

A fala da analisanda revela culpa por infligir sofrimento à filha com sua severidade e cobranças frequentes – precisamente os atos que ela diz não conseguir controlar e que motivam

sua demanda de análise. Nessa mulher, com sólido percurso profissional, seu sintoma aloja-se no âmago da relação com sua mãe. A prática clínica revela, nesse ponto, a forma como a história singular que cada menina escreve com sua mãe pode deixar na filha marcas que tocam sua identificação própria como mulher. Neste caso, é o desejo da mãe que se apresenta como referência para o exclusivo caminho do sucesso, restando à filha o lugar impotente de “bobona”. Este, todavia, foi o lugar que ela própria ocupou e ainda ocupa. Diz ter sempre sido brutalmente criticada, principalmente pela mãe, no momento em que engravidou de um homem que não pôde firmar com ela laços matrimoniais, pois àquela época ele ainda era legalmente casado. Sua mãe culpou-a por ter sido mãe solteira e, com isso, envergonhado toda a família. A analisanda, por sua vez, culpa-se ainda hoje por diversas escolhas que julga erradas em sua vida pessoal. Observa-se, desse modo, um ponto que liga as três gerações, qual seja: a severa crítica materna e seu eco sintomático.

Na passagem destacada do caso clínico, podemos observar na prática a dificuldade da menina em separar-se da sua mãe. A dificuldade é tal que três gerações de mulheres dessa família permanecem ligadas por essas transmissões psíquicas ligadas às formas de simbolização do acolhimento e da rejeição – sofrem as consequências das intensas críticas maternas recebidas, concretizadas no sintoma que cada uma, a seu modo, soube construir. É possível constatar, portanto, as ressonâncias ligadas ao lugar ocupado pela menina no desejo da mãe. Esse desejo é, antes de tudo, inconsciente e ligado à castração.

Em grande parte dos casos que chegam à clínica, “a solução materna para a falta fálica, e a maneira como o filho é situado nela, é que marca o destino da criança” (SOLER, 2003, p. 94); ou seja, é a partir da maneira como a mãe – enquanto mulher – lida com sua falta fálica e com a forma como nela incide a castração, que a criança se constitui como sujeito. É por ser interpretada desde muito cedo pelo Outro que a criança representa uma verdade que não é dela. Antes mesmo que a criança nasça, ela já é interpretada pela mãe, que empresta sua voz e palavras às manifestações ainda inarticuladas do bebê e que as mães elevam a um valor significante (SOLER, 2005).

Retomemos brevemente o modo como a analisanda do caso *Minha filha tem vida dupla* chega à análise. O próprio caso foi intitulado com a fala da mãe da analisanda, que emprestou seus significantes para apresentar a filha. É durante a análise que a jovem analisanda consegue, aos poucos, sair do lugar de problema, da filha que engana os pais com sua sexualidade e “transgressões”, para dar lugar a seus problemas envolvendo sua família nuclear. Curiosamente, as questões por ela trazidas giram em torno das excessivas brigas do casal parental envolvendo

situações de desconfiança, supostas traições e sua conseqüente separação. Observa-se que a questão analítica diz respeito à emergência do sujeito e à marca que ele recebe do Outro. A mãe é a primeira representante do Outro para o sujeito.

A hipótese de Soler (2005), mencionada acima, referente ao fato de a criança ser interpretada desde o início pela mãe e, por esse motivo, ser a interpretação encarnada de uma verdade que não é dela, corrobora a teoria lacaniana. Em resposta à posição materna, à marca do Outro, a criança pode vir a ocupar diferentes posições, é o que assinala Lacan ([1969], 2003), em sua *Nota sobre a criança*. Ele a situa ora como verdade do casal, ora como verdade unicamente da mãe. A condição para que a criança se situe em uma dessas posições dependerá do que acontece no Outro, e tal acontecimento se articula num discurso. A condição da criança depende, portanto, do que se desenrola no Outro materno e é como ser de fala que a mãe deixa sua marca na criança, pois seu discurso precede a fala da criança, impondo-se a ela.

Importante, portanto, não perder de vista um dos primeiros conceitos lacanianos que sustentam a hipótese do inconsciente estruturado como uma linguagem; hipótese levantada quando do retorno a Freud, referente à concepção de que o inconsciente se estrutura como linguagem, pois àquela época essa ideia já estava circunscrita numa primeira abordagem da teoria freudiana do sonho, principalmente no que concerne à noção de trabalho do sonho por apoiar-se no funcionamento dos diversos mecanismos do processo primário inconsciente (DOR, 1989). Para Lacan, “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, [1955-1956], 1988, p. 139), fórmula que, simplificada para “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, se torna clássica e é reproduzida inúmeras vezes em seus seminários e textos. É a partir de uma analogia estabelecida entre o funcionamento dos processos inconscientes e o funcionamento de certos aspectos da linguagem que Lacan inaugura na onda do estruturalismo, quando os recursos da linguística estrutural passam a servir de balizas para diferentes áreas do conhecimento (DOR, 1989).

A noção de estrutura, segundo Dor (1989), só é central na obra de Lacan na medida em que é colocada como a estrutura à qual o inconsciente deve ser relacionado, além disso, é também o próprio ato de linguagem que faz advir o inconsciente e o lugar em que ele se exprime. Na teoria lacaniana, o sujeito, constituído por uma cadeia de significantes que o determina sem seu conhecimento, é fundamentalmente falta-a-ser. Ele é regido pelo significante primordial (desejo da mãe) pelo qual é determinado, embora a ele não tenha acesso. É por esse motivo que o sujeito, em ambos os sexos, é tão dependente de um Outro que lhe diz quem ele é.

Esse Outro, portanto, não é apenas o lugar do tesouro dos significantes, mas o lugar a partir do qual o sujeito busca uma resposta para a sua existência (ZALCBERG, 2003). Desse modo, a criança acredita inicialmente que a mãe é a detentora de todos os significantes, de todas as respostas. Todavia, ela terá de descobrir que esse Outro não os contém – é marcado pela falta – da mesma maneira, segundo Zalberg (2003), como não pode responder a todas as demandas da criança. O Outro materno é submetido a castração, é limitado, e é dessa maneira que terá que se revelar para a criança.

Os elementos do Édipo freudiano analisados no capítulo anterior são retomados por Lacan ([1957-1958]1999) no seminário *As formações do inconsciente, livro 5*. Nesse seminário, Lacan retoma a questão da relação primordial à mãe nos seguintes termos: trata-se de se tornar o ser desejado ou não. Em suas palavras:

Esta subjetivação consiste simplesmente em colocar a mãe como ser primordial que pode estar lá ou não. No desejo da criança, no seu desejo, este ser é essencial. O que o sujeito deseja? Não se trata simplesmente do apetite dos cuidados, do contato, talvez até da presença da mãe, mas do apetite de seu desejo. Desde esta primeira simbolização onde o desejo da criança se afirma, começam todas as complicações ulteriores da simbolização, naquilo que seu desejo é desejo do desejo da mãe. (LACAN, ([1957-1958]1999, p.188)

Constata-se com isso que o sujeito busca saber o que orienta o desejo da mãe, para encontrar aí o seu lugar. Ou seja, o que é importante para Lacan é o fato de a mãe se situar como Outro primordial para o sujeito. Para o sujeito, trata-se de saber se ele se tornou desejado ou não; ele busca no desejo da mãe um lugar para se situar no Outro.

As experiências da criança, até o momento da castração, giram em torno do enigmático objeto de desejo da mãe. De que trata o desejo materno, afinal? De acordo com a teorização lacaniana da época, refere-se, ao significante primordial que a mãe apresenta à criança. É ao significante do desejo da mãe que a criança está alienada. Esse significante rege a vida da criança e a marca para sempre. A criança só terá acesso ao significado desse significante primordial no momento em que ocorrer a intervenção simbólica do pai. A função simbólica fundamental do pai é, portanto, “trazer significado para o significante do desejo da mãe, até esse momento vivido como enigma” (ZALCBERG, 2003, p.63). O desejo da mãe é supostamente recoberto pela significação fálica introduzida pela inscrição do Nome do Pai, que introduz uma falta tanto na criança quanto na mãe, possibilitando, desse modo, a constituição do sujeito. Em *As relações de objeto, livro 4*, Lacan ([1956-1957], 1995, p. 105) afirma:

O papel da mãe é o desejo da mãe. Digo-lhes coisas simples, estou improvisando devo dizer, há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra. É o que se chama falo. É um grande crocodilo em cuja boca vocês estão. A mãe é isso.

Lacan define a mãe como desejo e depois como crocodilo. Desse modo, convém pensar a mãe como crocodilo, pois, tanto a operação simbólica presidida pelo Nome-do-Pai, como o rolo de pedra impedem que a bocarra se feche sobre o corpo do filho como puro gozo; ou seja, é a presença do falo e do rolo de pedra que impedem que ela se feche (BARROS, 2015). Mas a ameaça está presente, não se sabe precisamente o que pode ocorrer e, de repente, a boca se fechar. Nesse caso, o desejo da mãe torna-se, como veremos no próximo item, voracidade (ZALCBERG, 2003). O desejo materno não se faz, portanto, sem a função do Nome-do-Pai.

A ameaça do desejo ilimitado e as possíveis posições inconscientes a serem ocupadas pela mãe trazem importantes entraves para que a menina possa aceder a uma identidade feminina diferente da de sua mãe. Lacan ([1956-1957]1995, p. 199) adverte sobre os perigos no caminho do referido processo:

Esta mãe insaciável, insatisfeita, em torno de quem se constrói toda a escalada da criança no caminho do narcisismo, é alguém real, ela está ali e, como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar. O que a própria criança encontrou outrora para anular sua insaciedade simbólica, vai reencontrar possivelmente diante de si como uma boca escancarada.

Trata-se, portanto, de um desejo que é definido quando a criança se apresenta à mãe como lhe oferecendo o falo, considerado determinante para proporcionar a simbolização do filho e introduzi-lo no mundo da linguagem. Todavia, o desejo da mãe deve ser entendido também como um desejo sexuado ou, como afirma Soler (2005, p. 95), um “desejo da mulher na mãe, desejo adequado para limitar a paixão materna, para torná-la não toda mãe”, na medida em que, situando-se além da maternidade, requer uma mediação dada pela posição do pai na ordem simbólica. É por esse motivo que o “Desejo da mãe” e o “Nome-do-Pai” são significantes que se encontram intimamente articulados e que participam na determinação do sujeito. Ainda de acordo com a autora:

A mãe não é toda para seu filho porque sua aspiração fálica divide-se entre o homem e o filho, e é bom que seja assim, porque é o desejo da mulher, mais geralmente um desejo outro mantido fora das gratificações da maternidade, que introduz a criança, por meio da angústia de castração, numa dialética de identificações contraditórias pela qual ela poderá soltar-se da posição passiva de objeto da mãe e, no fim, assumir seu próprio sexo. (SOLER, 2005, p. 95)

Há algo, porém, que escapa ao falo. Diferente do menino, que se vale do falo conseguindo assim ocupar um lugar determinado, identificado ao pai, a menina perde um lugar assegurado ao ser marcada pela castração. Origina-se desse modo, de acordo com Zalcberg (2003), uma nostalgia da filha em relação à mãe, o que indica que o corte simbólico introduzido pelo pai não é integral, ou seja, a metáfora paterna não opera totalmente, e aponta para uma tendência maior de a menina (em relação ao menino), ficar alienada no “desejo da mãe”.

Trata-se de um “resto” – resultado do processo de sublimação do enigmático desejo da mãe pela função simbólica do pai – que dá ao desejo materno uma significação, e implica a existência de algo que permanece fora do processo simbólico. “É algo que se destaca da simbolização, sem possibilidade de ser nomeado” (ZALCBERG, 2003, p.74), conhecido na obra lacaniana como objeto *a*. A operação edípica deixa, portanto, no destino feminino, um “resto”, e nele reside a especificidade da relação mãe-filha em um campo que se constitui “para além do Édipo” (ZALCBERG, 2003).

É, portanto, em sua dimensão de enigmático e ameaçador que o desejo da mãe se coloca, pois articula um vazio com aquilo que poderá vir nele se alojar. A diversidade dos elementos que poderão se articular nesse vazio aponta para o ilimitado do desejo materno. O desejo da mãe tem um objeto que poderia ser chamado de ilimitado e que determina o lugar da criança no mundo, não sendo esse lugar, porém, ilimitado. “A criança vai surgir como significação desse desejo, ou seja, como ponto de interrupção no que há de ilimitado no desejo materno” (BARROS, 2015, p.27).

## 2.2 A ambivalência na relação mãe-filha

A atitude hostil da menina para com a mãe precede o complexo de Édipo. Nessa fase, a hostilidade oriunda na fase pré-edípica é apenas intensificada. Assim sendo, a relação de exclusividade da menina com a mãe, mesmo após o esperado afastamento entre ambas – quando a menina toma o pai como objeto –, não será, de todo, abandonada. Dessa troca de objeto vai restar a mágoa que vai marcar as relações posteriores da menina com o pai, o marido e a maternidade, ou seja, a construção de sua feminilidade. A separação será, pois, um passo acompanhado de hostilidade no qual, de acordo com Freud ([1933]1996), a vinculação amorosa

com a mãe é rica e profunda e vai terminar em ódio, sendo a espécie desse ódio muito influente e podendo durar toda a vida. Ouçamos as palavras de Freud:

Com muitas mulheres, temos a impressão de que seus anos de maturidade são ocupados por uma luta com os maridos, tal como suas juventudes se dissiparam numa luta com suas mães. À luz do exame anterior, concluiremos que sua atitude hostil para com a mãe não é consequência da rivalidade implícita no complexo de Édipo, mas se origina na fase precedente, tendo sido simplesmente reforçada e explorada na situação edípiana. (...). Nosso interesse deve dirigir-se para os mecanismos em ação em seu afastamento da mãe, que era um objeto tão intenso e exclusivamente amado. (FREUD ([1931]1996, p. 239)

Posteriormente, acrescenta:

Sabíamos, naturalmente, que houvera um estágio preliminar de vinculação com a mãe, mas não sabíamos que pudesse ser tão rico e tão duradouro, e pudesse deixar atrás de si tantas oportunidades para fixações e disposições. (FREUD ([1933]1996, p. 120)

Vimos, com as personagens do livro, como cada uma desenvolve de forma particular sua expressiva hostilidade para com a mãe, o que ocorre igualmente nos seis casos clínicos trazidos para esta dissertação. Com referência à atitude hostil, Freud ([1933]1996) explica sua intensidade pela intensidade do amor que a antecede e pela decepção que a segue; intensidades captadas *a posteriori*; ou seja, quanto mais a criança ama seu objeto, mais sensível se torna às frustrações provenientes dele, sucumbindo, desse modo, o amor à hostilidade acumulada. Assim, sendo primeiro e tão intenso, o amor à mãe está fadado a sucumbir.

Tal como apontado por Freud ([1933]1996), os motivos pelos quais a menina é levada a se afastar da mãe para se endereçar ao pai são calcados na hostilidade e no ódio. A mãe é alvo de diversas censuras, como, por exemplo, a de não ter amamentado suficientemente; sendo entendida essa deficiência como falta de amor, a criança jamais superará o sofrimento da perda do seio materno. A chegada de irmãozinhos também gera ciúmes, pois obriga a criança a compartilhar o amor da mãe com outros, principalmente em relação à amamentação e aos demais cuidados maternos. Há ainda o ressentimento ligado à atividade sexual livre que é impedida pela mãe – barreira que entra novamente em funcionamento na puberdade, quando a mãe assume seu dever de guardiã da castidade da filha. Assim, o fato de a mãe despertar a sexualidade da criança com os cuidados e higiene, para em seguida proibi-la de exercer tal sexualidade, também desperta a hostilidade na criança.

Freud ([1933]1996) chama a atenção para os fatores citados, já que os mesmos estão igualmente presentes na relação do menino com sua mãe, embora não o afastem do objeto materno. Desse modo, o autor localiza no complexo de castração a principal recriminação que recai sobre a mãe: “as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem” (FREUD, [1933]1996, p. 124).

Tanto em *Sexualidade feminina* (1931), como posteriormente em sua última conferência, *Feminilidade* (1933), Freud não deixa de apontar a relação primeira da menina com a mãe como essencial, e acentua o ódio ressentido em relação à mãe, considerada responsável pela falta fálica da filha. Se para o menino a visão do corpo da mãe, enquanto mulher, representa a ameaça de castração, para a menina trata-se do efeito surpresa que a marca da vivência pré-edípica apresenta ao ser descoberto o corpo da mãe como mulher, momento do surgimento da decepção.

Sublinhemos mais uma vez que o que se inscreve no psiquismo não é puramente a diferença anatômica, mas suas consequências, ou seja, as consequências psíquicas decorrentes do complexo de castração. Vejamos o menino:

Ele se confronta com o furo, ou seja, com aquilo que não pode ser pensado sem o conceito da falta. O papel da ameaça de castração assume aqui seu valor fundamental, que é o de fornecer o conceito de significante de falo (...). A menina, por seu lado, encontra uma evidência desde o início: a anatomia do outro sexo lhe oferece um *signo* indiscutível (...) atribui ao pênis a função de signo de uma identidade sexual da qual se sente privada. (ANDRÉ, 1987, p. 173)

Desse modo, verificamos que, no complexo de Édipo, o complexo de castração desempenha papel dissimétrico com relação aos sexos: promove a dissolução do Édipo no menino e, pelo contrário, possibilita a origem do Édipo na menina, ou seja, a origem da renúncia à mãe por ser castrada e da eleição do pai. A fase que precede o complexo de Édipo é a fase pré-edípica, caracterizada pela intensa ligação da menina com a mãe e marcada fortemente pela ambivalência, entre o amor e a hostilidade: “Nas primeiras fases da vida erótica, a ambivalência é evidentemente a regra” (FREUD, [1931]1996, p. 243).

A feminilidade precocemente despertada se traduz, para Freud ([1931]1996), pelo favoritismo que a menina tem por brincar com bonecas. Tal atividade é a expressão do lado ativo da feminilidade, bem como a prova da relação de exclusividade entre ela e sua mãe, sendo o pai negligenciado por completo. Para caracterizar tal relação, Freud ([1931]1996) utiliza o termo “catástrofe” e explica que: “A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe” (FREUD, [1931]1996, p.

247) que é, como vimos, a ligação primitiva com a mãe. Ele afirma ainda que os desejos orais agressivos e sádicos inconscientes da menina são encontrados como um temor de ser morta pela mãe, temor que, por sua vez, justifica seu desejo de morte contra a mãe, se este se torna consciente. A fase pré-edipiana caracteriza-se, portanto, pela origem do desenvolvimento neurótico feminino, período obscurecido pela ação do recalque, mas que deixa marcas indeléveis (FREUD, ([1931]1996).

Não é difícil encontrar, na prática clínica com mulheres, a presença da ambivalência que marca a relação mãe-filha. Tomemos o caso *Enfie os pés pelas mãos*, no qual a queixa inicial apresentada refere-se justamente ao excesso de amor que a mãe dedicou à analisanda e aos seus irmãos. Após o período inicial da análise, em que ela frequentemente descrevia a mãe como heroína, as recriminações não demoraram em ser relatadas: “Minha mãe era tão mãezona, que facilmente abdicava dela mesma para nos agradar. Fazia tudo pela gente, mas foi justamente por isso que ela não cuidou da sua saúde. Se ela não tivesse sido tão displicente consigo mesma, certamente poderia estar hoje entre nós”. Em outra passagem, a analisanda a culpa também pelo seu próprio sobrepeso e sua falta de vaidade, como revela a seguinte fala: “Ela era tão boazinha, que não conseguia dizer não. Com as guloseimas não foi diferente, lembro que comia tanto sorvete até passar mal. Nutri bem minhas banhas e pneuzinhos desde cedo” (...) “Não gosto de me olhar nas fotos, evito a todo custo, pois estou cada vez mais parecida com minha mãe, gorda e desarrumada”.

Importante observar como a tirania excessiva da mãe pode interferir no processo da filha de tornar-se mulher. Ainda que fortemente presente, o amor se torna a fonte da hostilidade. Nesse caso, como visto no capítulo 1, a analisanda tenta fazer valer com sua filha a referência materna ao avesso, dando a ela limites bem definidos, porém, como ela própria reconhece, também excessivos.

A fase pré-edipiana tem uma importância maior no sexo feminino do que no masculino, estando aí o cerne para explicar diversos fenômenos da vida sexual da mulher. E foi a partir dessa descoberta que importantes fenômenos puderam ser devidamente compreendidos por Freud ([1931]1996), que afirma, por exemplo, que para muitas mulheres, suas vidas amorosas mantêm-se atadas a essa ligação primitiva com a mãe, marcada pela rivalidade. Podem, portanto, reproduzir em sua vida conjugal seus maus relacionamentos com as mães; repetição que faz do homem alvo da reivindicação fálica. Para Zalcberg (2003, p.146): “Há filhas que estão tão comprometidas com a relação estabelecida com a mãe que nunca se casam inteiramente”.

Em relação a esse compromisso com a mãe, retomemos o caso *Enfie os pés pelas mãos*, em momentos nos quais a analisanda busca nos parceiros o porto seguro que a mãe havia sido para ela em vida. O que encontra, além da confusão já mencionada na introdução, é o pai de sua filha, homem que, de acordo com ela, “Não me ajudava em nada, até atrapalhava, melhor sem ele mesmo”. Ela buscava de forma consciente alguém que, ao menos em relação à segurança – “porto seguro” – se assemelhasse à mãe. O que encontrou foi um rapaz que demonstrava ter dificuldades com as regras, que tudo permitia à sua filha e a si próprio. A rápida experiência que a analisanda vivenciou ao lado dele foi marcada por muita desordem, confusão e decepção, presentes também em relação à sua mãe.

Podemos citar, ainda em relação ao compromisso materno da filha, a analisanda do caso *Quem vai cuidar de mim quando eu ficar velha?*, que somente conseguiu casar em idade mais avançada, após o falecimento de sua mãe. Ela evitava de forma consciente trazer pessoas novas para sua vida, tanto um possível parceiro, como um filho. Para ela, essas pessoas representavam uma ameaça: “É mais uma pessoa para dar conta”. Constata-se com essa passagem de que forma a primeira relação amorosa da analisanda com sua mãe lhe serviu de protótipo para suas experiências posteriores com seus parceiros. Ainda que tenha casado, ela acaba vivenciando o que tanto temia: repetiu a relação com a mãe, cuidando do companheiro até sua morte.

É por haver um discurso prévio sobre a mãe que, de acordo com Colette Soler (2005), se faz dela o objeto vital por excelência, o próprio símbolo do amor. Todavia, como se observa nos casos trabalhados, a recriminação à mãe é prevalente, seja ela amorosa em demasia, como no primeiro caso, ou agressiva, como no segundo. Na clínica, o eco desse amor ressurgue nos ditos das analisandas, mas, em essência, elas acentuam outra coisa: a recriminação e a angústia. Desse modo, independente das variações individuais, é mais como acusada que a mãe é apontada. Ouçamos Soler (2005) a esse respeito:

Imperiosa, possessiva, obscena ou, ao contrário, indiferente, fria e mortífera, presente demais ou ausente demais [...] por suas recusas ou suas dádivas, ela é, para o sujeito, uma imagem de suas primeiras angústias, lugar de um enigma insondável e de uma ameaça obscura. No cerne do inconsciente, as falhas da mãe sempre têm lugar, chegando até à “devastação”, às vezes, quando se trata da filha. (SOLER, 2005, p. 91)

Em Freud ([1931]1996), a relação mãe-filha é referida e caracterizada frequentemente como uma catástrofe, na qual, como vimos, o autor descreve as reivindicações e exigências que uma filha endereça à sua mãe, culpando-a por todas as suas próprias faltas, inclusive por tê-la feito mulher.

A menina parece esperar algo da mãe que não se situa inteiramente sob o signo da castração. Para Lacan ([1972-1973] 2008), há algo na relação da menina com sua mãe, na relação com a feminilidade, que não se situa sob o significante do falo e que ele nomeia “devastação”. Lá onde Freud fala de uma dependência que esconde uma hostilidade, Lacan fala de devastação.

O primado do falo, tanto no Édipo com Freud como na lógica da castração com Lacan, determina, desde o início, a inexistência de um significante que simbolize o sexo feminino. O que está presente não é, como vimos, a primazia dos órgãos genitais, mas a primazia do falo, ou seja, não se trata da falta de um órgão, mas de um símbolo específico que defina a mulher. É o que marca a passagem de Freud que diz que o sexo feminino “parece nunca ser descoberto” (FREUD, [1923] 1996, p.160), enquanto Lacan, de forma mais radical, afirma: “A mulher não existe”. Uma mulher, portanto, além da falta-a-ser que a caracteriza como sujeito falante, deve fazer face à falta de um significante específico de seu sexo, que lhe garanta uma identidade (ZALCBERG, 2003, p. 69).

Assim, partimos do aforismo lacaniano para melhor compreender a processo de devastação. Sabemos que o falo não deixa de ser considerado por Lacan ([1972-1973] 2008) como o único significante da sexuação. Assim, considerando que “A mulher não existe”, elas precisam ser inventadas uma a uma e, para tanto, esperam da mãe mais substância que do pai. Vejamos como Lacan esclarece essa questão em “O aturdido” (LACAN, [1972]2003, p. 465):

(...) a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser ponto de partida (Freud *dixit*), contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai.

Elas esperam uma resposta, uma orientação para inventar-se como mulher, e tal orientação chega através da fala da mulher que é mãe, passando pelo que ela, a mãe, forjou para si mesma como o que é ser mulher. Nessa direção, a devastação provém, de acordo com Marie-Hélène Brousse (2004), de uma falta que toca a palavra, o campo da fala e da linguagem. Toca, mais precisamente, um limite não definido, cuidando de não identificar necessariamente psicose e devastação, mas de articular essa devastação ao modo singular como a linguagem emerge no sujeito, indicando, desse modo, que a devastação toca as origens da inscrição simbólica, algo primordial, da infância.

A devastação situa-se no campo da relação entre o sujeito e a mãe, o campo incluindo o Outro da linguagem e a relação da palavra. Este campo, chamado por Lacan “do desejo da mãe”, entendido segundo duas modalidades do genitivo em francês, comporta uma zona obscura, não saturada pelo Nome do Pai, e como tal sem limite definido. (BROUSSE, 2004, p. 209)

Todavia, não se pode reduzir a devastação à relação dual com a mãe. Brousse (2004) afirma que tanto Freud quanto Lacan esclarecem o fato de que a relação mãe-criança é logo de início situada no campo simbólico. Uma vez situada no campo simbólico, observa-se que não é apenas a demanda de objeto de amor que a filha reivindica à mãe, mas também uma resposta sobre sua existência. Todavia, a mãe não pode fornecer à sua filha qualquer traço único que possibilite dar suporte à sua identidade de mulher. Isso diz respeito, portanto, à vertente do além do falo na mulher, e é nesse além que a devastação pode encontrar seu terreno.

A devastação é, portanto, uma não-resposta do Outro frente à falta de um significante que diga *A mulher*. Para a mulher, a devastação é estrutural, na medida em que não se pode dizer *A mulher*, podendo ser mais ou menos moderada de acordo com o desdobramento edípico e ainda com a relação da mãe com sua própria alteridade, considerando o gozo aí implicado. A devastação de que Lacan fala diz respeito ao sujeito feminino confrontado ao gozo feminino da mãe. “É a relação da mulher que é mãe com o *não-todo* fálico que a habita que situará a filha de forma a permitir que ela lide com sua alteridade de forma mais ou menos devastada” (MIRANDA, 2011, p. 145).

A culpa neurótica da mãe manifesta-se de forma recorrente no cotidiano da clínica com mulheres. Poderíamos inferir essa culpa do lado da mãe como resposta à condição castrada da filha; condição da qual se origina a decepção da filha – tal como ocorreu com ela em relação à sua mãe – e, conseqüentemente, a relação de catástrofe e devastação entre ambas? O caso *Não sou boa em nada*, por exemplo, traz a mãe preocupada com o possível diagnóstico de transtorno do espectro autista de um dos filhos. Tamanha é a culpa da analisanda, que o traço escolhido para nomeá-la nesta dissertação foi justamente a frase que repete com frequência e que revela sua culpa por não ser uma mãe presente e devota, como ela acredita que deveria ser. Culpando-se pelo diagnóstico do filho, a analisanda não consegue satisfação em outras áreas de sua vida, restando-lhe a frustração de não ser boa em nada. Cabe salientar também que a presença na vida dos filhos que ela se cobra é a mesma que cobra a sua própria mãe, mulher bem sucedida profissionalmente que, segundo a analisanda, “não tem tempo para nada e chega no final das festas de aniversário dos netos”. A analisanda revela, desse modo, sua recriminação para com

a mãe, seguida de culpa pelo mesmo motivo – a ausência que ela própria promove na vida dos filhos.

No caso *Minha filha é uma bobona*, as críticas e cobranças direcionadas à filha – que ela própria identifica como sendo o principal motivo da fragilidade emocional dessa filha – giram em torno, como vimos, primordialmente da sua pouca iniciativa no âmbito profissional. Ela, por sua vez, tem seu maior mérito marcado no campo profissional. Todavia, nada comenta sobre o longo namoro da filha seguido do noivado e que, em breve, celebrarão a união oficial do jovem casal, dentro dos padrões por ela sonhado. O único comentário a esse respeito volta a apontar a “molenguice” da filha: “não sei como vai sustentar um casamento sem um bom trabalho”. Ainda que se posicione abertamente dessa forma, ela se preocupa com os efeitos de sua severidade na vida da filha e na relação entre ambas, motivo pelo qual busca análise. Observa-se, desse modo, que essa alimentação da culpa neurótica da mãe é fundamental para a instalação da ambivalência entre mãe e filha.

A ambivalência presente desde muito cedo na relação mãe-filha é entendida não como um acidente dessa relação, mas como uma necessidade estruturante, cuja falta ou excesso poderá desencadear um sintoma na filha, e que corresponde, pela via da identificação, a um sintoma originalmente materno. Para prosseguir, cabe aqui, antes, uma breve elucidação sobre o sintoma, conceito fundamental na psicanálise.

### 2.3 Sintoma na relação mãe-filha

“Estou preocupada com minha filha que já está em tratamento psiquiátrico, porém, os sintomas da depressão persistem, poderia marcar um horário com a gente?” Eis a forma como a analisanda do caso *O rouxinol e a flor* chega à minha clínica. Ainda que buscar ajuda tenha sido iniciativa da mãe – incluindo-se no pedido, ante a preocupação envolvendo a saúde da filha, esta – a analisanda – barra a entrada da mãe. A analisanda consegue, desse modo, encontrar espaço para falar da intensa ligação entre ambas, que traz como fonte do seu sofrimento, do seu conflito psíquico. O que interessa colocar em relevo é a forma como a própria filha refere-se à mãe, como alguém que ela ama, mas que, todavia, a “sufoca”, devido a sua excessiva preocupação, e que, por sua vez, se preocupa em demasia com a mãe. “Não sei como minha mãe ficará quando voltar para terminar meus estudos, me preocupa o fato dela estar deprimida e sozinha passando por um processo de separação”. Trata-se de um caso

emblemático, pois chama a atenção a repetição do significante “deprimida” no discurso da mãe e da filha, bem como a semelhança do sofrimento de ambas.

As questões que chegam à clínica são as mais diversas e, muitas vezes, estão ligadas a questões sintomáticas maternas, das quais as pacientes tentam se desvencilhar. É recorrente na clínica constatar a identificação da filha com o sintoma materno. Ainda que a identificação nem sempre seja tão evidente como na passagem do caso destacada acima, há com frequência uma referência à mãe. Tal referência, que aponta para a ambivalência da relação mãe-filha, conforme visto nos itens anteriores, está presente desde cedo e estruturante na vida da filha. Para tratar do sintoma na relação mãe-filha, Soler (2005) nos aponta uma direção.

Sabemos da atenção que as crianças mais pequeninas prestam aos ditos do Outro, mas também aos silêncios, às contradições, às mentiras, em suma, a todas as hiências de seu discurso. Ela está visivelmente interessada em seu próprio ser, pois o que procura desvendar nisso é o mistério de sua concepção e de seu sexo. O interpretado descobre-se intérprete, portanto, e é nesse nó das interpretações que jaz o segredo de todas as suas identificações. (...). As necessidades vitais podem ser satisfeitas por cuidados relativamente anônimos, mas, na fala desse “interesse particularizado” evocado por Lacan, a criança fica carente do Outro intérprete, bem como do Outro a ser interpretado, através do que ela mesma poderia vir a sê-lo num desejo não anônimo. (SOLER, 2005, p. 106)

No primeiro momento do processo de constituição do sujeito, as crianças não deixam escapar os mais ínfimos detalhes; tudo é, de algum modo, registrado, inclusive os sintomas. As crianças também respondem com sintomas, ainda que estes possam ser polimorfos e com frequência transitórios – ponto que Soler retoma de Lacan em outra passagem: “Assim como os adultos, as crianças têm sintomas, mas, por seus sintomas, pelos sintomas que têm, elas são sintomas, sintomas do Outro, que emprestam seu corpo para que a verdade do Outro goze neles” (LACAN apud SOLER, 2005, p.104).

Considerando, porém, as mulheres adultas que chegam à clínica, quais contribuições podemos tecer em relação aos sintomas que trazem?

Freud já havia apontado para a possível identificação do sujeito com a estrutura de um sintoma neurótico. No capítulo sobre a *Identificação*, em *Psicologia de grupo e análise do ego* ([1921]1996), ele dá o exemplo da menina que, tal qual a sua mãe, desenvolve a mesma tosse atormentadora como sintoma, esclarecendo como se dá o mecanismo completo da estruturação de um sintoma histérico como resultado da identificação proveniente do complexo de Édipo. Nesse caso, a menina, que possui o desejo hostil de ocupar o lugar da mãe, pode apresentar, como apontado anteriormente, o mesmo sintoma da mãe para expressar seu amor objetual pelo

pai. Dessa forma, a filha realiza o desejo de ocupar o lugar da mãe, porém, sob a influência do sentimento de culpa. “Você queria ser sua mãe e agora você a é – pelo menos, no que concerne a seus sofrimentos’ (FREUD, [1921]1996, p. 116).

Para Freud, os sintomas têm “um sentido, como as parapraxias e os sonhos, e, como estes, têm uma conexão com a vida de quem os produz” (FREUD, [1917]1996, p.265). Nesse sentido, o sintoma é uma manifestação privilegiada do inconsciente que guarda um sentido que aparece como expressão de um conflito psíquico; mensagem do inconsciente e satisfação pulsional, podendo ser interpretado como sendo da ordem do significante.

A descoberta de Freud ([1905] 1996) sobre a importância das demandas da vida pulsional, das resistências que surgem contra elas, e de sua relação com a formação do sintoma, faz com que ele retire o sintoma da dimensão puramente traumática e patológica e o situe na própria vida sexual do paciente. Para Freud, a luta defensiva contra uma pulsão desagradável é articulada na formação do sintoma.

Os sintomas neuróticos são para Freud resultantes de um conflito que se estabelece no aparelho psíquico, e que tem por objetivo a satisfação da libido. Quando a libido insatisfeita é repelida pela realidade e não consegue encontrar um objeto substituto, ela deve procurar outras vias para se satisfazer. Essa libido insatisfeita tende a abandonar o eu e suas leis, o que é possível por meio da regressão em direção aos objetos internos ou às fantasias inconscientes, que já haviam sido abandonadas. Nessa regressão, a libido é atraída para pontos de fixação que ficaram ao longo do desenvolvimento, marcas que ficaram no inconsciente e retiveram uma quantidade de energia libidinal, como resultado da experiência passada, das quais o eu já havia se protegido através do recalque. (FREUD, 1917[1916-17]1996)

O sintoma aparece, portanto, como uma realização do desejo inconsciente distorcido, cuja função é conciliar forças mutuamente contraditórias, pois, atende ao eu, mas também não deixa de responder ao *isso*. Se o sintoma causa desprazer e sofrimento por um lado, consegue a satisfação pulsional por outro, embora não seja reconhecida pelo sujeito como tal. Freud (1917[1916-17]) esclarece que a libido consegue achar sua saída até uma satisfação real pela via inconsciente e pela via de antigas fixações, embora seja uma satisfação extremamente restrita e que mal se reconhece como tal.

Buscando a resposta para o questionamento referente à forma como a libido encontra o caminho para chegar a esses pontos de fixação, Freud (1917[1916-17], 1996, p.375) constata a importância assumida pela fantasia na formação dos sintomas:

Todos os objetos e tendências que a libido abandonou ainda não foram abandonados em todos os sentidos. Tais objetos e tendências, ou seus derivados, ainda são mantidos, com alguma intensidade, nas fantasias. Assim, a libido necessita apenas retirar-se para as fantasias, a fim de encontrar aberto o caminho que conduz a todas as fixações recalçadas.

Cabe lembrar que este primeiro momento da construção teórica de Freud está sob a regência dos princípios da realidade e do prazer, que visam a manutenção da vida do sujeito e sua adaptação ao meio externo. É somente em 1920, com a introdução da segunda tópica do aparelho psíquico e também com a noção de pulsão de morte, que Freud demonstra, para além do princípio do prazer, o caráter problemático da realidade psíquica que vem a se expressar no sintoma.

Os pormenores do processo pelo qual a repressão transforma uma possibilidade de prazer numa fonte de desprazer ainda não estão claramente compreendidos, (...); não há dúvida, porém, de que todo desprazer neurótico é dessa espécie, ou seja, um prazer que não pode ser sentido como tal. (FREUD, 1920[1920-22]1996, p.21)

Tal desprazer, situações indesejadas e emoções penosas são revividas pelo sujeito das formas mais engenhosas. Freud refere-se a essa “perpétua recorrência da mesma coisa” (FREUD, 1920[1920-22]1996, p.33) como compulsão à repetição. A compulsão à repetição, proveniente “do campo pulsional, do qual possui o caráter de uma insistência conservadora” (ROUDINESCO, 1998, p.656) é um impulso à ação que substitui o recordar e tem sua força propulsora baseada na pulsão. E é a pulsão de morte que rege a repetição. De acordo com Freud (1920[1920-1922], 1996, p.33):

(...) baseadas no comportamento, na transferência e nas histórias da vida de homens e mulheres, não só encontramos coragem para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer.

Essa tendência do organismo à repetição é compreendida por Freud como algo fundamental do psiquismo, levando-o mesmo a afirmar que “o objetivo de toda vida é a morte (...) Esses tortuosos caminhos para a morte, fielmente seguidos pelos instintos de conservação, nos apresentariam hoje, portanto, o quadro dos fenômenos da vida” (FREUD, 1920[1920-1922]1996, p. 49). A mesma compulsão à repetição aparece como resistência no tratamento analítico. Assim os analisandos repetem também na transferência todas as situações penosas, o

que significa que a compulsão à repetição representa um importante obstáculo a ser manejado pelo analista.

Se inicialmente Freud seguiu sua formação médica ao considerar o sintoma um sinal da quebra da homeostase, sua experiência como analista, a partir dos seus pacientes que não abriram mão do próprio sintoma, evidenciou para ele as dificuldades no trabalho com a resistência e a compulsão à repetição.

A repetição, portanto, faz com que se retorne a um mesmo lugar; lugar de sofrimento e desprazer, o qual proporciona uma satisfação paradoxal, para além do princípio do prazer, que faz com que o sujeito goze do seu mal-estar, traçando os caminhos por onde circula. A necessidade de repetir a mesma coisa é onde se situa o recurso de tudo aquilo que se manifesta do inconsciente sob a forma de reprodução sintomática. (DIAS, 2006)

Esse repetir a mesma coisa sob a forma de sintoma é uma forma de abrir caminho, como vimos, para as identificações sintomáticas que envolvem mãe-filha. Freud nos mostrou como a filha, ao realizar o desejo de ocupar o lugar da mãe, não o consegue sem ter como resultado o sentimento de culpa. A culpa alimenta o lugar de sofrimento não apenas da filha, mas também o da mãe. De acordo com Miller (2014), o sintoma somático é o exemplo utilizado por Lacan para mostrar como o sintoma da criança alimenta a culpa neurótica materna. Nessa direção vemos o que o caso *Não sou boa em nada* nos mostra: uma mãe preocupada com o possível diagnóstico de transtorno do espectro autista de um dos filhos. Nomeia o caso a frase que a analisanda repete com frequência, que aponta para seu traço, revelando, entre outras coisas, sua culpa por não ser uma mãe devota e mais presente como ela acredita que deveria ser. É a esse ‘não ser mais presente na vida da filha’, portanto, que ela atribui seu possível diagnóstico.

No caso *O rouxinol e a flor*, o que chama a atenção é a semelhança direta do sintoma depressivo que acomete mãe e filha, diferentemente do caso *Não sou boa em nada*. Neste, o sintoma apresentado pela filha refere-se à sua importante dificuldade em suas relações interpessoais que aponta para o possível diagnóstico de transtorno do espectro autista, e em nada se parece com o conflito e sofrimento que a analisanda apresenta. Todavia, a recriminação que faz em análise à sua própria mãe refere-se à ausência dela: “não para quieta, não ajuda em nada”. O sintoma da filha da analisanda, que é por ela atribuído a sua ausência, além de alimentar sua culpa neurótica muito diz sobre sua relação com a própria mãe. Constatamos, desse modo, a repetição do significante “ausência”, que alimenta os sintomas das diferentes gerações dessa família.

De forma semelhante, no caso *Minha filha é uma bobona*, as críticas e cobranças direcionadas a essa filha – que a própria analisanda identifica como sendo o principal motivo da fragilidade emocional da filha – giram em torno primordialmente da pouca iniciativa da filha no âmbito profissional. A analisanda, por sua vez, tem seu maior mérito marcado no campo profissional, divergindo da experiência da filha, marcada pela dificuldade – embora logre manter um longo e sólido relacionamento. Em breve, o casal pretende oficializar a união dentro dos padrões tradicionais sonhados pela mãe. Todavia, sua preocupação em relação ao sustento do casal acaba sendo explicitada em tom de crítica. Ainda que se aperceba do tom crítico nessa forma de se posicionar, ela se preocupa com os efeitos de sua severidade na vida da filha e na relação entre ambas, motivo pelo qual busca a análise. Observa-se, desse modo, que a culpa neurótica da mãe, presente na relação com a criança, pode vir a intensificar seu sofrimento, o lugar de desprazer que, como sabemos, promove uma satisfação paradoxal, fazendo com que ela goze do seu mal-estar, trazendo certa fixidez ao sintoma e, assim, abrindo o caminho para sua transmissão às gerações subsequentes.

Lacan se interessa inicialmente pelo sintoma em sua dimensão simbólica, a dimensão significante. Seus primeiros escritos, de 1953 a 1962 (no seminário *...mais, ainda*), tomam o sintoma na ordem das significações como algo a ser decifrado pela interpretação. Todavia, desde Freud, a experiência clínica vem mostrando que, mesmo depois de interpretado, o sintoma persiste, e aponta, assim, a limitação dos efeitos da interpretação. Desse modo, Lacan, segue na direção de conceber que o sintoma não é regido somente pela rede simbólica, dado que algo resta após a decodificação do encadeamento significante. É a esse resto que Lacan nomeia *gozo*, passando a compreender o sintoma não somente como uma mensagem codificada, mas também como uma forma de o sujeito organizar seu gozo (DIAS, 2006). Por essa razão, mesmo depois de ter seu sintoma decodificado pela interpretação, o sujeito não renuncia a ele. Freud demonstra que o neurótico, ainda que demande a cura, não a quer, aferrando-se ao gozo de seu sintoma.

Freud (1917[1916-17]1996) afirma ter o sintoma um sentido que se relaciona com as experiências do paciente, porém, como vimos, deu-se conta também de que o sintoma não só tem um sentido, mas também que traz algum tipo de satisfação para o sujeito. Segundo Zalcberg (2003, p.20), o sintoma traz um sentido para as mulheres no que se refere à dificuldade de definição clara de sua identidade feminina, da qual ela se ressent. “A mulher, mais do que no homem, reluta em abandonar o sintoma que ela, com frequência, ama como a si própria”. Considerando o que foi dito até aqui em relação ao sintoma, é mais difícil para a mulher dele

se desvencilhar, visto que, para ela, o sintoma muitas vezes aponta para a complexa e ambivalente relação materna.

Nosso apelo a obras de ficções, a mulheres escritas, a outras formas de se metamorfosear, teve sempre como fio condutor a pergunta: o que ocorre na singular relação entre mãe e filha? As personagens de *Ana de Amsterdam* e de *Zonas úmidas*, são mulheres de diferentes idades, países e culturas – e na vida de ambas é possível observar a importância das mães, ainda que prevaleçam, em rápida análise, a indiferença, mágoa e recriminação para com a mãe. A melancolia de Ana, bem como a doença crônica de Helen, agravada pelo acidente, apontam para a saída sintomática das personagens, que carregam em seu âmago o sofrimento psíquico no qual a complexa relação com as mães se faz presente.

Muitas são as diferenças entre Ana e Helen: línguas, culturas, personalidades, fases de vida, por exemplo. A expressiva diferença entre as idades das personagens sinaliza também a diferença entre gerações, marcada por importantes mudanças sociais. Podemos afirmar que tais mudanças impactam, de algum modo, a estruturação psíquica das mulheres? E, conseqüentemente, a relação com suas filhas, tal como vista até o momento?

### 3 A INCIDÊNCIA DOS FATORES SOCIAIS NA EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE

*Eu tô grávida  
Grávida de um beija-flor  
Grávida de terra  
De um liquidificador  
E vou parir  
Um terremoto, uma bomba, uma cor  
Uma locomotiva a vapor  
Um corredor (...)*

*Eu tô grávida  
De uma nota musical  
De um automóvel  
De uma árvore de Natal  
E vou parir  
Uma montanha, um cordão umbilical, um anticoncepcional  
Um cartão postal*

*Eu tô grávida  
Esperando um furacão, um fio de cabelo, uma bolha de sabão  
E vou parir  
Sobre a cidade  
Quando a noite contrair  
E quando o sol dilatar  
Vou dar à luz*

*(Arnaldo Antunes / Marina Lima)*

A transformação da mulher em mãe é acompanhada de expressiva complexidade que está para além do fato de a mulher ter um filho. Esse conjunto complexo que é a maternidade se compõe de universos heterogêneos: o desejo, que envolve, por exemplo, o filho, a gravidez, a gestação, a adoção, a educação desse, e também toda uma história referente não só a genealogias e nomeações, mas também a traumas e identificações, a expectativas e frustrações. Nas palavras de Sérgio Campos (2015, p. 14), “a maternidade nunca foi um fato natural, universal e atemporal. Ela é resultado da cultura que se inscreve numa evolução permanente”. Trata-se, pois, de estabelecer um registro psíquico de um laço profundo e complexo com o filho, laço que, com frequência, também sofre a interferência de seu tempo.

Nos capítulos anteriores, seguimos em especial as trilhas de Freud e de Lacan em nosso estudo da forma como se dá a estruturação psíquica na menina, para melhor compreender a ressonância desse processo de subjetivação nas distintas posições do sujeito mulher – o lugar de filha em relação a sua mãe e o lugar da mãe que essa filha poderá vir a ser – e na relação entre ambas. Considerando, porém, os diversos imperativos da vida social da atualidade que, não raro, podem incidir nos desejos inconscientes das mulheres no que se refere à sua experiência da maternidade e, em consequência, na relação mãe-filha, que contribuições podemos tecer a esse respeito?

A música *Grávida* de Arnaldo Antunes e Marina Lima, em epígrafe neste capítulo, nos remete à ideia de plenitude, pois fala de uma personagem grávida de objetos do mais trivial cotidiano, ‘grávida de futuro’, ou de um caroço de abacate, como Helen. Com Freud, vimos que essa plenitude aponta para o momento em que a mulher consegue, através da maternidade – já que ele excluía a ideia de que seria possível uma separação entre o feminino e o materno –, uma saída para a feminilidade fazendo do filho um falo todo seu.

A maternidade ainda representa uma importante saída na vida de muitas mulheres como, por exemplo, no caso *Enfie os pés pelas mãos*. Foi no auge do seu sofrimento com a morte da sua mãe que a analisanda apostou na maternidade. Não tardou a perceber, porém, que havia enfiado os pés pelas mãos, e é nesse momento que tal plenitude vacila.

Com Lacan ([1972-1973]2008), a saída pela maternidade deixa de ser uma via de mão única, a via do gozo fálico. Ter um filho como falo estaria relacionado a esse gozo, e Lacan vai demarcar a posição feminina como aquela que tem acesso não apenas ao gozo fálico, mas também ao gozo Outro – a satisfação fálica se distancia da posição faltosa feminina. Nessa direção, encontramos em Lacan uma das respostas ao impasse que marca o hiato entre as diferentes posições de mulher e mãe, assinalado por ele através dos modos de gozo.

É a mãe que possui um objeto que representa o falo metonimicamente<sup>7</sup>, ou seja, a mãe também não possui o falo, mas o dissimula. Em outras palavras, a mãe dissimula a verdadeira mulher. A diferença entre ambas – mulher e mãe – é abordada por Marie-Hélène Brousse (2012) através de Medeia da tragédia grega de Eurípides. Ela ilustra bem o hiato existente entre a posição feminina e a posição materna. Após traição e abandono de Jasão, seu esposo, Medeia sacrifica a vida dos próprios filhos. Ao tirar-lhes a vida, ela golpeia a ordem simbólica do seu amado. Poupa a vida de Jasão, mas semeia o ódio simbólico. Para vingar-se, não hesita em

---

<sup>7</sup> Para referir-se aos dois principais mecanismos de funcionamento do inconsciente, Freud, inicialmente, utilizou os termos: condensação e deslocamento. No âmbito de sua teoria do significante, Lacan assimilou a condensação à metáfora e o deslocamento à metonímia. (ROUDINESCO, 1998).

assassinar os próprios filhos – o que lhe interessa é o amor de Jasão e nada mais. Segundo Brousse (2012), tratava-se originalmente de amor. O ódio está sempre associado ao amor como uma das paixões fundamentais do ser e há, em ambos – amor e ódio –, assim como no lado místico, um gozo feminino. É o que prevalece na tragédia de Medeia, seu gozo feminino em busca de vingança, que não encontra “freios” na Medeia mãe.

Para Miller (2010, p.3), “o amor materno não se sustenta na reverência pura à lei do desejo, ou que só se sustenta nele se uma mulher, enquanto mãe, permanecer, para um homem, a causa de seu desejo”. Nesse caso, com a traição e o abandono de Jasão, Medeia perde, portanto, essa posição. Ainda segundo o autor, a ênfase dada ao valor de substituto fálico da criança se perde quando deixa de promover a divisão entre mãe e mulher do sujeito feminino que está tendo acesso à função materna.

Não ter a inscrição de um significante que represente a feminilidade no inconsciente é o que leva à questão importante do feminino. Não há, conforme mencionado, uma definição clara da vivência da feminilidade, como também não há definição para a identidade feminina. Para Zalcborg (2019, p. 209), “por não contar com uma definição, a feminilidade é uma criação particular de cada mulher. Ninguém melhor que a mãe – do sexo feminino, igual ao seu – para mostrar para a menina que cada mulher é artesã da própria feminilidade”. Sabemos, com isso, que a experiência da maternidade não é representante exclusiva da feminilidade, ou, como observa Soler (2005, p. 36), o filho, pode até “obturar em parte a falta fálica da mulher, mas não é a causa do desejo feminino”.

Assim, em busca de algo que responda à posição feminina, a menina, ainda que espere muito, pouco pode receber efetivamente da sua mãe. A mãe, ainda que queira, não pode mostrar o caminho da feminilidade para sua filha. O importante, de acordo com Zalcborg (2019), é que a pergunta sobre o que é ser mulher, endereçada à mãe pela filha, encontre eco na mãe. É problemático quando a mãe parece renunciar a viver sua condição feminina. No caso *Enfiei os pés pelas mãos*, a analisanda recrimina a mãe, entre outras coisas, pela falta de vaidade: “Não gosto de me olhar nas fotos, evito a todo custo, pois estou cada vez mais parecida com minha mãe, gorda e desarrumada”. Vacila, assim, o modelo feminino da mãe que poderia ajudar a filha em sua própria construção da feminilidade. Além da dor do luto da analisanda, há ainda uma referência feminina falha da mãe; representação que ela tenta rejeitar buscando na experiência da maternidade seu porto seguro.

A busca por consistência e a forma como cada mulher vai fazer para dar lastro à sua existência exige um olhar do um a um sobre a busca feminina por essa consistência. Para tanto,

muitas mulheres ainda buscam a maternidade e apostam nela. No entanto, não podemos afirmar que a maternidade seja hoje a única opção que se apresenta às mulheres.

Atualmente, para além da maternidade, diversas são as saídas que se abrem para as mulheres. Ampliam-se as saídas para a busca de sentido, possibilitando, assim, um bordejar da falta que as constitui, embora essa pluralidade de rumos possa, ao mesmo tempo, atordoar. Vivendo em ambientes sociais distintos e variados, muitas são as ilusões de completude ofertadas no mercado. Sim, vivemos sob imperativos: ser feliz, ser magra, ou como grita a personagem Helen, ser sem cheiro de corpo e sem pelos... Essas demandas podem, cada uma a seu modo, interferir na transmissão da função desejante e, como vimos, impactar, muitas vezes, a relação mãe-filha. Assim, buscaremos uma aproximação de algumas mudanças atuais, principalmente no que se refere aos avanços da medicina da reprodução, que podem incidir no desejo inconsciente no que se refere à maternidade e à relação mãe-filha.

### 3.1 Mas afinal, o que mudou?

Antes da descoberta da pílula anticoncepcional o bebê que chegava na família representava o resultado natural do casamento. Designada para a reprodução, a maternidade, durante muito tempo, pareceu evidente, natural, sendo, a opção pela procriação feita, portanto, sem muitos questionamentos. A reprodução, como observa a filósofa Elisabeth Badinter (2011), era considerada um instinto, ao mesmo tempo que um dever religioso e uma dívida a mais para a sobrevivência da espécie. A partir da década de 60, com o advento da pílula anticoncepcional, a mulher passou a controlar os meios de reprodução e, com isso, a aspirar à conquista de seus direitos essenciais e à liberdade. Abriu-se para elas uma diversidade de modos de vida, que suas mães não conheceram. As mulheres passaram a questionar mais suas ambições pessoais, gozar de uma vida de casal sem filhos, ou satisfazer o desejo de maternidade, com ou sem atividade profissional. A partir desse momento histórico, os fatores sociais passam a ampliar as opções de escolha, incidindo no desejo das mulheres no que tange, também, a sua experiência com a maternidade:

O desejo de ter filhos não é nem constante, nem universal. Algumas os querem, outras não os querem mais, outras enfim, nunca os quiseram. Já que existe escolha, existe diversidade de opiniões, e não é mais possível falar em instinto, ou de desejo universal (BADINTER, 2011, p. 17-18).

Constata-se, desse modo, que a partir dos avanços da ciência e das transformações nos padrões sociais e culturais, as mulheres vêm conquistando seu espaço na sociedade e, conseqüentemente, alcançando maior liberdade de escolha. Hoje, à maternidade surge como umas das possibilidades e não mais como único destino “natural” para as mulheres. A reboque, surge para elas uma série de dúvidas e questionamentos referentes à experiência da maternidade e a seus desdobramentos.

Ter ou não ter filhos, o que parecia simples até pouco tempo atrás, surge hoje como uma nova ordem, na qual se interligam, segundo Brousse (2015), o período de caos político, jurídico, ético e midiático, pois as certezas aceitas ou combatidas que organizam a subjetividade, vacilam. Para a autora, as evidências inquestionáveis referentes à diversidade das estruturas sociais de outrora, tais como: não há filho sem coito, ou pai e mãe são de sexo, respectivamente, masculino e feminino, serviam de balizas. Ela acredita que “o sistema hierárquico caracterizando as genealogias familiares está à beira de conhecer uma reviravolta inédita” (BROUSSE, 2015, p. 53).

A decisão de ter ou não filhos, quantos, como, em que momento tê-los, e seus desdobramentos, ganha novos contornos e complexidade na atualidade. Conforme mencionado, variadas são as ponderações em relação à maternidade, a exemplo: qual escolha trará maior realização: a dedicação profissional ou a maternidade? Caso a decisão seja por ambas as opções, qual delas deverá priorizar? Uma vida sem filhos ainda é impensável para muitas mulheres, mas como fazer para não sacrificar a vida profissional e a independência financeira? São tantos os questionamentos e prioridades que a programação do filho parece estar sendo adiada cada vez mais nos últimos anos. São tantos os pré-requisitos, que “deixam a criança para mais tarde... ou nunca” (BADINTER, 2011, p. 147). Nota-se, assim, que a escolha de não ter filhos, em detrimento de outras demandas, é igualmente crescente.

Nossos tempos apresentam uma mudança radical no que concerne à reprodução humana. As novas tecnologias reprodutivas, em geral, abrangem uma série de métodos que possibilitam a ocorrência, a interrupção e a prevenção da concepção. Com os avanços da tecnociência, os recursos estão cada vez mais acessíveis, principalmente nas clínicas particulares que se multiplicam nos vários países e que atendem às demandas cada vez maiores daqueles que, por inúmeras razões, optam por não ter filhos por meio do que se convencionou chamar de “vias naturais”.

Hoje, uma criança pode vir ao mundo como fruto não mais de um encontro sexual, mas de um ato técnico, no momento específico escolhido pelo casal. Planejar a maternidade e

escolher seu melhor momento passaram a ser possibilidades que outrora eram indisponíveis. Com as novas técnicas, o bebê gerado pelo casal pode ser o resultado de uma doação de sêmen, óvulos ou embriões; pode provir de fecundação *in vitro*, pode, ainda, originar-se do descongelamento de um embrião. Para Roudinesco (2003), a ciência, como nunca antes visto na história da humanidade, substituiu o homem, trocando o ato sexual por uma atitude médica.

Os avanços repercutem nas mulheres e mães do século XXI, funcionando, muitas vezes, de acordo com Chatel (1995), como uma fala que oculta os motivos inconscientes que levam uma mulher a engravidar. Se a pílula contraceptiva permitiu às mulheres experimentarem o sexo sem o risco de engravidarem, hoje, graças à medicalização da procriação, pode-se gerar livremente filhos sem prazer e até mesmo sem desejo (ROUDINESCO, 2003).

No momento atual em que a bioeconomia é prevalente, o corpo entra em nova fase da globalização, na qual “o direito de propriedade intelectual se estende aos elementos do corpo humano como emergência de novos objetos de pesquisa e comércio, os óvulos, as células embrionárias separados da sua origem corporal” (ALBERTI apud MELLO, 2015, p.47). É a partir do comércio dessas peças soltas do corpo que parecem surgir para as mulheres outros parceiros para a reprodução, portadores de uma oferta capaz de espantar a privação, fazer calar a angústia e o não saber. É somada a essa realidade que emerge o desejo, as vontades e caprichos da mãe doadora (MELLO, 2015).

O caminho que cada mulher percorre, viabilizado pelas possibilidades mencionadas e sua repercussão, é resultado dos seus desejos inconscientes bem como dos imperativos sociais que a atravessam. Todavia, é difícil para elas distinguir o que decorre do seu desejo e o que se impõe no espírito do tempo como uma exigência a satisfazer. É o que nos mostram as mulheres em análise. Teriam as analisandas dos casos aqui trabalhados se questionado sobre seu desejo em tornarem-se mães? Retomaremos a questão a seguir.

### **3.2 Mas, e a ciência?**

Com o progresso da ciência a maternidade afasta-se dos ideais tradicionais, abrindo espaço cada vez mais expressivo para imperativos que respondem a novos ideais de felicidade,

agora promovidos pelo discurso capitalista<sup>8</sup>. Sim, as mulheres podem ter filhos, se quiserem e como quiserem, mas esse poder de decisão também não escreve o que seria sua substância feminina. Segundo Esthela Solano-Suárez (2015), continua-se esperando, hoje, que a mulher, por exemplo, se ocupe alegremente de sua cria, mantenha-se sempre bela e volte rapidamente ao trabalho e à sua vida social, o que, com frequência, favorece o apagamento de sua subjetividade.

É nesse contexto que Michel Foucault (1976) faz referência às formas como o poder se apropria dos processos biológicos – nascimento e morte, saúde e doença – é de fato uma biopolítica que se ocupa das novas relações de produção capitalista.

O imperativo reina no comércio da ilusão, produtor de novos corpos e performances sexuais, na oferta de modelos de identificação transitórios, parcerias furtivas, anônimas, incidindo decisivamente sobre as contingências da vida. (MELLO, 2015, p. 50)

Nessa direção, recorreremos a *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*, a fim de resgatar a afirmativa de Lacan ([1969-1970]1992) que encontra no discurso do capitalista certo tipo de rechaço da castração, que determina uma subversão do sujeito que vem modificar sua relação com o objeto. Como consequência, modifica-se também a relação do sujeito com o desejo, isto é, com o desejo inconsciente, causando um apagamento da subjetividade do sujeito. “No *discurso-capitalista*, portanto, o *sujeito* passa a ocupar a cena como agente. Não mais com seu sintoma, com sua divisão e seu desejo, mas como um consumidor que terá disponibilizado os meios para adquirir o objeto” (SOUZA, 2007). O acesso do sujeito ao objeto causa do desejo, que até então constituía uma impossibilidade estrutural, discursiva e lógica, é tornado possível: o objeto se transmuda num bem de consumo e passa a ser continuamente oferecido como uma promessa de satisfação possível para o sujeito.

Por meio da grande oferta de objetos, busca-se saturar o sujeito e tamponar sua falta, anulando toda a questão do desejo. Emerge, então, no contexto do discurso capitalista, a figura do *gadget*<sup>9</sup>. É válido atentar que os *gadgets* dão a impressão de serem objetos “desejados”, no entanto, esse “desejo” só surge a partir do momento em que eles são ofertados.

---

<sup>8</sup> Além dos quatro discursos radicais (o discurso do mestre, do analista, da histórica e o discurso universitário) surge um quinto discurso, que faz exceção aos primeiros. Trata-se do discurso do capitalista, formulado a partir das interrogações de Lacan sobre o lugar da psicanálise na cultura e a posição do analista.

<sup>9</sup> Palavra utilizada por Lacan para referir-se à produção científica dos objetos que nos atraem, que possuem forte apelo comercial.

A produção ofertada pela ciência é, desse modo, fundamentalmente baseada na ilusão. O aparato fármaco-cosmético destina-se a produzir mulheres cada vez mais belas, independentemente da idade e dos quilos a mais com a experiência da maternidade, por exemplo. Mais do que a mera preocupação estética, há a ilusão de um ideal de feminilidade completo e absoluto. Lacan afirma que a ciência tenta legitimar a existência de um significante que dá consistência à feminilidade (OLIVER, 2002). Nessa direção, é como corpo, organismo, que a mulher é tomada, e o desejo fica à mercê da técnica médica. Se o desejo é desejo do Outro e, portanto, não conhece seu objeto, é essa técnica que, segundo Chatel (1995, p. 57), “mostra-se mais firme e mais segura que ele”. Também podemos acrescentar que a satisfação é capturada pelo saber técnico.

Brousse (2003) recupera pontos importantes da obra de Lacan como, por exemplo, sua afirmação acerca da existência do historicismo da língua. Segundo a autora, a língua traz em si a história e os traços fundamentais da civilização, ou seja, ainda que a estrutura de linguagem não seja alterada ao longo do tempo, a inscrição do sujeito no discurso do Outro é passível de modificações, pois o uso da língua se altera e, com isso, os lugares que a cultura concede ao sujeito. Não é portanto sem efeitos que essa incidência cultural atinge o registro do desejo.

Considerando, desse modo, que a mulher encontra-se hoje entre a prevalência do discurso da ciência e os imperativos do discurso capitalista, retomemos o questionamento referente ao desejo das analisandas: o desejo de se tornarem mães. Ante a intensa dor do luto materno, a analisanda do caso *Enfiei os pés pelas mãos* recorre à experiência da maternidade. É frequente observar a dificuldade com que, em geral, as pessoas lidam com a dor psíquica atualmente. Por estar na contramão do discurso capitalista, o enlutado precisa “reagir” o quanto antes. Na lógica do consumo, não há espaço para o sofrimento, o luto, que a partir do DMS-5 (manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais) ganhou *status* de transtorno mental, encontra na psicofarmacologia seu principal destino terapêutico. Voltemos à analisanda que, com a morte da mãe, precisava “reagir”. Considerando que a maternidade é uma das saídas neuróticas para uma mulher se separar de sua própria mãe, teria a analisanda buscado o “porto seguro” na maternidade para facilitar a separação imposta pelas contingências, visando unicamente tamponar sua tristeza? O que aponta para essa hipótese é o relato de sua atitude impensada: “fiquei atordoada, antes disso minha vida era arrumada, nada me faltava e, de repente, é justamente a pessoa mais importante que vem a faltar, não sei o que deu em mim, mas foi a forma que achei para tocar a vida. Pela linda filha que tenho, não me arrependo, mas, certamente, hoje faria tudo diferente”.

A preocupação da analisanda do caso *Quem vai cuidar de mim quando eu ficar velha?* repousa na possibilidade de vivenciar uma velhice solitária. Ao longo da vida, a analisanda dedicou-se ao trabalho e aos cuidados da avó e, posteriormente, da mãe. Foi somente com idade mais avançada, depois da morte da sua mãe, que a analisanda conseguiu sustentar uma relação amorosa. A possibilidade de terem um filho juntos parece, nas palavras da analisanda, não ter sido sequer cogitada. “Eu já não podia ter filhos com meu companheiro por causa da idade, mas a verdade é que eu nunca pensei muito nisso. Sempre digo às pessoas que ainda insistem em perguntar: gosto de criança apenas nos porta-retratos e levo na brincadeira”. Ela apresenta uma resposta pronta aos importunadores; resposta, porém, que também a silencia.

No caso *Não sou boa em nada*, o contraste em relação aos casos comentados acima salta aos olhos, pois, trata-se de uma mulher que diz ter sempre desejado o casamento tradicional e, conseqüentemente, a maternidade. Através das redes sociais, ela acompanha a vida das amigas de perto e conclui: “não posso me queixar, pois me considero uma mulher feliz, tenho tudo que sempre quis, uma casa linda, um esposo e filhos que amo, condição financeira boa, além do trabalho”. A fala destacada aponta para uma “completude” da qual ela diz não poder se queixar, já que contempla todas as suas antigas pretensões. Estaria ela fazendo referência aos seus desejos inconscientes? Contudo, a queixa que traz à análise refere-se à angústia que sente por não conseguir ser boa em nada, incluindo, aí, sua relação com a maternidade. As comparações feitas através das redes sociais nem sempre a favorecem. Em suas palavras: “minha vizinha posta cada foto linda brincando com os filhos, ela senta no chão e passa a tarde toda com eles, algo que minha impaciência não permite que faça igual”. Ao se interrogar: “o que as pessoas irão pensar se souberem que eu não sento no chão para brincar com meus filhos?” põe em evidência seu compromisso com tais imperativos e sua angústia em perder o “lugar de sucesso” socialmente conquistado. O seu revés, ou seja, servir de referência para possíveis comparações e julgamentos, causa-lhe também intenso sofrimento. Vejamos: “Minha filha mais velha está muito respondona, me mata de vergonha. Outro dia estávamos no carro juntamente com minha sogra e ela falou comigo dessa forma, um tanto quanto agressiva, parecendo uma adolescente. Já pensou se essa situação acontecesse na presença de minha amiga ao invés de minha sogra?”. O avesso da primeira fala destacada vem à luz sob a forma de um imperativo feroz, gerando, para a analisanda, a hiância da falta na qual ela se precipita. Na falta de ser a mãe perfeita como deveria, a analisanda sofre por não ser, entre outras coisas, “uma boa mãe”.

A maneira como a filha da analisanda do caso *Minha filha é uma bobona* foi gerada, ou seja, sem planejamento, fora de um casamento tradicional e no momento de sua expressiva

ascensão profissional, não necessariamente aponta para uma falta de desejo, ao contrário, poderia estar a analisanda desejando, de forma inconsciente, tão fortemente um filho que não ponderou nada mais. Precisou sustentar uma vida difícil dada a escolha feita fora dos ideais sociais, transformando a experiência da maternidade e, conseqüentemente, sua relação com a filha, em um fardo.

O que interessa para nossa pesquisa no que tange ao questionamento sobre o que é da ordem do desejo e o que é da ordem do imperativo a satisfazer é, precisamente, não perder de vista a articulação singular do desejo que cada analisanda consegue forjar ante as possibilidades cada vez mais ampliadas de escolhas, a fim de bordejar sua falta fálica estruturante.

### 3.3 Mas, o que falta?

Vimos, anteriormente, como a construção subjetiva não se realiza por meio da relação do sujeito com seus objetos, mas com a falta deles, sendo o falo (enquanto ausente) o objeto primordial. A teoria da falta do objeto em Lacan refere-se à mola propulsora da relação do sujeito com o mundo e que remonta ao artigo freudiano *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), que postula que o encontro do objeto é sempre um reencontro; um reencontro porque se trata de um objeto para sempre perdido e que está em relação ao primeiro desmame, que foi o ponto de ligação inicial das primeiras satisfações da criança. Essa experiência primeira de satisfação deixa um traço mnêmico no aparelho psíquico, “na medida em que a satisfação, como tal, irá encontrar-se doravante diretamente ligada à imagem/percepção do objeto que proporcionou esta satisfação” (DOR, 1989, p. 140).

Não obstante, origina-se, de acordo com Lacan ([1956-1957]1995), uma divergência inerente à própria repetição, por ser essa repetição impossível, já que não se refere nunca ao *mesmo* objeto. O sujeito é marcado por uma nostalgia que o liga ao objeto perdido e é em prol dessa nostalgia que se justifica o esforço da busca. É na busca de tentar dizimar a sua falta original que um sujeito se move em direção a um objeto.

A primazia dessa dialética coloca, no centro da relação sujeito-objeto, uma tensão fundamental, que faz com que o que é procurado não seja procurado da mesma forma que o que será encontrado. É através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se procurava. (LACAN ([1956-1957], 1995, p. 13).

Constata-se, assim, um descompasso entre o que é procurado, que move o desejo do sujeito, e o que é encontrado; impõe-se nesse ponto um elemento conflitual pertencente a toda busca do objeto. Cada vez que o sujeito esbarra em um objeto que não equivale àquilo que ele procura, verificamos que a experiência não acompanha a noção ideal que esperamos de sua consumação e que os paradoxos só se acentuam na medida em que “toda a consumação da relação dual, à medida que delas nos aproximamos, faz surgir em primeiro plano este objeto imaginário privilegiado que se chama falo” (LACAN, [1956-1957]1995, p.28). A presença do falo na relação de objeto como um dos elementos da tríade imaginária falo-mãe-criança é cara para a psicanálise, pois a estruturação subjetiva do sujeito gira em torno desse objeto primordial que é o falo.

Há algo do sujeito que o objeto não recobre e a que o sujeito precisa renunciar para compor a dialética da linguagem e da necessidade, ou seja, se em um primeiro momento a criança encontra tudo o que quer, posteriormente, ela precisará formular uma demanda à mãe para atender a suas necessidades.

Ter de pedir o que deseja através de uma demanda endereçada ao outro confronta a criança à ordem da perda. Alguma coisa é perdida quando a criança, atendida até então sem ter de pedir, passa a ter de endereçar seu pedido em forma de demanda ao outro. Se não fosse por essa perda, o mundo pararia nesse ponto, em uma ilusória auto-suficiência da relação mãe-criança, em uma circularidade de demandas sem nada para ser desejado. (ZALCBERG, 2003, p. 57)

O que do sujeito o objeto não recobre, ficando de fora é, desse modo, essa experiência de satisfação perdida desde sempre. O objeto *a* refere-se a esse descompasso que se impõe entre o sujeito e objeto causa do desejo, enquanto eternamente faltante, e que inscreve a presença do vazio que qualquer objeto poderá ocupar (DOR, 1989). É o falo que tenta organizar e mediar esse desencontro estrutural que diz do circuito do desejo, que é por excelência um encontro faltoso.

A partir da perda do objeto primordial surge, portanto, uma nova ordem subjetiva. Essa perda é decorrente da própria estrutura e não consequência de algum acontecimento ou experiência da vida dos sujeitos. Todavia, como vimos, a teoria psicanalítica não refuta a ideia de que as formas de subjetivação se relacionam com a cultura e dela sofrem influência nos distintos períodos, incidindo assim sobre o desejo das mulheres – e considerando que também a experiência da maternidade sofra a interferência de seu tempo. Retomando o aforisma lacaniano “o inconsciente é a política”, Celso Lima (2014) chama a atenção para a leitura lacaniana das consequências do discurso capitalista, que seria, na verdade, um desdobramento

de outra afirmação: “O inconsciente é o discurso do Outro”. Esse outro tem muitas dimensões: lógica, política e social – o social da globalização, que subverte a tradição com o primado do novo.

Posto isso, constata-se que as incidências sociais encontram seus desdobramentos nas novas formas de mal-estar dos sujeitos, de acordo com seu tempo, atingindo também o registro do desejo. Então, as mulheres desejam diferente? Podemos reformular: a forma como se dá a falta para que seja possível emergir o desejo sofre mutações? Ou ainda: podemos inferir que a estruturação subjetiva do sujeito sofre alteração em seu funcionamento de acordo com diferentes épocas?

Para desenvolver nosso ponto de vista no que concerne a essa questão, tomemos os dois casos ainda não mencionados no presente capítulo: *Minha filha tem vida dupla* e *O rouxinol e a flor*. As jovens estão começando a fazer suas primeiras importantes escolhas na vida. Ante um universo de possibilidades que se lhes apresentam, ambas trazem de forma marcante a identificação com alguns traços de suas respectivas mães, o que parece limitar, de alguma forma, as supostas opções ilimitadas.

A sexualidade, a índole, a profissão, são algumas das questões trazidas pelos pais e pela analisanda do caso *Minha filha tem vida dupla*. Sabemos que uma das principais preocupações dos pais se refere à precoce e desinibida sexualidade da filha que, juntamente com a constatação de pequenas mentiras, levou-os a questionar sua índole. Todavia, o que se desdobra desse caso aponta para uma identificação da analisanda com sua mãe, não somente em relação à forma livre como esta vivencia sua sexualidade e as consequentes mentiras no casamento que culminaram na separação do casal, mas também no que diz respeito à decisão profissional. Após uma briga com os pais, a analisanda decide participar das olimpíadas de matemática e anuncia em seguida que vai seguir a mesma carreira profissional dos pais. Ante as inúmeras possibilidades de escolhas que se abrem aos jovens hoje, por que motivo podemos pensar que, nesse caso, as escolhas tenham sido tão semelhantes às da mãe?

Acontece algo semelhante com a analisanda do caso *O rouxinol e a flor*. Ainda que tenha escolhido seguir sua vida acadêmica fora do país, em terras estrangeiras – o que indica uma tentativa de separação da mãe –, a analisanda adoece, e sua fragilidade e sintomas, semelhantes aos da mãe, trazem-na de volta ao Brasil. Assim, intensifica-se, pela via da preocupação, o vínculo materno, e enfraquecem seus projetos de estudar no exterior. Não podemos deduzir que seus horizontes tenham sofrido restrição como resultado de uma contingência sofrida no percurso de sua vida, qual seja: seu adoecimento. Ela parece se

reposicionar ante suas escolhas recentes no momento em que sua saúde emocional vacila, ou seja, momento em que a brusca tentativa de separação da mãe não consegue ser mais sustentada, o que aponta para uma intensa ligação e identificação materna da qual ela tenta se desvencilhar, mas que ainda nela incide, limitando suas escolhas.

As proposições que emergem do discurso de uma determinada época em uma dada cultura representam essa realidade, adquirindo, muitas vezes, o valor de verdades indiscutíveis, ou até mesmo de verdades ancoradas em um saber dito científico, que cada vez mais desenvolvem um conhecimento sobre os “objetos” a serem consumidos que passam a fazer parte da realidade do sujeito, transformando o *não-saber* do inconsciente, em “falta de informação” (SOUZA, 2007). Uma condição que veio embarçar o desejo, a partir do momento em que vale mais o consumo. Sofrendo a incidência no registro do desejo e gerando também novas formas de *mal-estar* na atualidade, parece-nos, porém, que tal condição que acomete e acoisa a existência do sujeito de seu tempo não se sobrepõe à constituição subjetiva do sujeito.

Buscando evitar que a psicanálise se extinguisse no fantasma da subjetividade de uma época, Lacan convoca os analistas a assumirem a radicalidade inumana do desejo do analista (GUIMARÃES, 2005). Para que ele esteja à altura da sua função, é indispensável que ele tome distância da janela da realidade do seu contexto histórico, para que, “conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas” (LACAN, 1998, p. 322).

O que prevalece nas escolhas (restritas) mencionadas nas analisandas acima, por exemplo, diz respeito mais diretamente, como vimos, à relação singular por elas construídas com suas mães, além de toda a trama edipiana envolvida nessa construção. Entendemos que a pluralidade de opções ofertadas hoje permite novas experiências, até mesmo em relação à experiência da maternidade; todavia, o que antecede tais possibilidades é a importância dessa construção entre mãe-filha, que efetivamente possibilitará à menina soltar-se da mãe e seguir seus próprios desejos, ou não.

### 3.4 Amor, *mais, ainda...*

O que querem as mulheres? Amor?

*Um amor de encher o coração, a casa, a alma?*

Ana e Helen são mulheres que, como todas as que lhes são contemporâneas, possuem um horizonte de escolhas “ampliado”, para além unicamente da maternidade. Ana concilia sua vida doméstica e familiar com a profissão e o tempo que dedica à escrita no Blog. Trata-se de uma mulher, mãe de três filhos, profissional bem-sucedida. No entanto, expressa sua intensa insatisfação, inclusive com a maternidade. Como mãe, afirma não ter conseguido se realizar, mas marca a diferença na sua relação entre seu filho menino e a menina. Lembremos como ela descreve sua relação de amor com seu filho menino como sendo “quase obscena”; amor intenso e semelhante àquele que sente pelo pai, retratado no livro através das lembranças de sua infância. Poucas são as lembranças registradas da sua filha menina e indicam uma relação conflituosa, tal qual estabelece com sua mãe. Essa revivescência do seu próprio Édipo, bem como a diferença que marca a fase pré-edípica vivenciada entre ela e sua mãe e, posteriormente, com sua filha, apontam para o que há de fundante na subjetivação das mulheres.

A jovem Helen começa a fazer suas primeiras escolhas importantes na vida. Considerando as opções disponíveis em sua época, opta, através de uma subtração radical promovida em seu corpo, por tornar-se mãe de abacateiros. Teria ela buscado livremente dentre as opções disponíveis para concretizar seu “desejo” ou teria representado sua escolha uma tentativa inconsciente e desesperada de promover sua separação em relação à mãe e às mulheres de sua família?

Muitas foram as mudanças culturais e conquistas de direitos para as mulheres. Considerando, pois, tais mudanças, diversos podem ser os embaraços que emergem no momento em que uma mulher depara-se com as questões em torno da maternidade, que incide em sua nova condição de mãe. É inegável que tal incidência ecoa através das heranças (inclusive sintomáticas) na relação mãe-filha trazendo novos elementos à ambivalência existente entre ambas, o que há de mais primitivo e fundante nessa relação.

Ante os objetos da modernidade que invadem o campo do gozo, Lacan procurou colocar a psicanálise como uma prática que deveria assegurar uma nova ordem para o sujeito, em oposição à marca incisiva das ciências, das religiões e das magias, em que o grande Outro existe sob várias roupagens e busca um tipo de universalização do *sujeito*, reduzindo a errância desse sujeito a um caminho que vai do *impossível* ao *possível* (SOUZA, 2007). Assim, é na prática clínica, no caso a caso, que podemos acompanhar o desdobramento dessas marcas sociais. O que está em jogo é o desafio da leitura dos efeitos subjetivos provocados pelas propostas de satisfação sem limites, pela incidência do discurso inquestionável e totalitário, bem como pela importância de estabelecer um contraponto à medida comum e ao sentido generalizado.

Atualmente, temos uma estrutura social bem distinta daquela que fazia parte da vida de Freud. O próprio nascimento da psicanálise, como um efeito social do final do século XIX, fez transmutar a sociedade disciplinar, cheia de imperativos e interdições que marcaram, essencialmente, a sexualidade. Contudo, sua construção teórica da estruturação psíquica do sujeito, principal referência para a presente dissertação, continua se mostrando atual ainda hoje. “O que quer uma mulher?” ressoa até hoje como o enigma que desafiou Freud – em meio às neuroses, aos mitos e tragédias, ele recomenda que se tome como aliado o poeta, que bebe em fontes que a ciência, com todo o seu poder, não alcança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o nascimento de um filho um importante acontecimento na vida das mulheres que pode desencadear significativas transformações e, em consequência, o surgimento de questões subjetivas que giram em torno da maternidade e seus desdobramentos, retomamos inicialmente o legado teórico freudiano sobre essa questão, norteador da caminhada percorrida até aqui. Concluímos que as vertentes materna e feminina da mãe se entrelaçam no decurso da vida da filha, sendo, portanto, a forma como ela – a mãe – lida com esses dois eixos que constituem sua condição feminina aquela que marcará o destino de mulher da filha. “A imagem feminina e materna da mãe faz a menina sonhar com seu próprio futuro de mulher” (ZALCBERG, 2019, p. 207).

Sabemos que o questionamento acerca da maternidade e da conseqüente relação mãe-filha convoca o tema da feminilidade e de sua complexa constituição. Assim, fez-se necessária uma maior aproximação teórica em Freud e Lacan dos conceitos de narcisismo, complexo de castração e complexo de Édipo, bem como da importância da função do estágio do espelho e da identificação na constituição psíquica do sujeito.

Vimos que desde os primórdios da psicanálise as questões em torno da feminilidade sempre foram problemáticas. A dissimetria entre os sexos foi por Freud localizada em referência à falta fálica, o que permite ao sujeito fazer sua escolha sexual a partir da elaboração dos complexos de Édipo e de castração. Já os processos de identificação e de identidade sexual da mulher perante os mesmos complexos se mostram mais difíceis e enigmáticos, fazendo com que o esforço freudiano para decifrar o que chamou de *continente negro* não chegasse a uma conclusão, deixando, contudo, aberta a questão.

Em suas últimas teorizações sobre o processo de subjetivação das mulheres, Freud ([1933] 1996) distingue três conseqüências psíquicas derivadas da ausência de inscrição inconsciente da diferença anatômica entre os sexos: a inibição da sexualidade, a fixação na inveja do pênis, e a maternidade – esta última considerada por ele como via que leva à feminilidade “normal”, fazendo equivaler, assim, o filho ao falo. Na teoria de Freud, portanto, o desejo de ter um filho está ligado ao complexo de castração da menina, sendo um substituto do falo.

Nesse sentido, a paridade entre o filho e o falo marca o desenvolvimento teórico freudiano que postula a maternidade como uma das soluções possíveis para a mulher. Já Lacan,

após longo percurso sobre o tema, situa no seu Seminário, livro 20, a dissimetria entre os sexos formalizada na lógica a partir dos modos de gozo.

As fórmulas da sexuação não rejeitam o falocentrismo do inconsciente freudiano. Nelas, porém, Lacan ([1972-1973]2008) refuta o Édipo como mito para reduzi-lo unicamente à lógica da castração; uma lógica não-toda, que não regula todo o campo do gozo. Das mulheres, dizê-las não todas na função fálica é reconhecer-lhes um outro gozo que não o ordenado a partir da castração. Trata-se, pois, das condições para outra forma de lidar com o enigma da feminilidade.

Vimos que, nesse período teórico, Lacan demarca a posição feminina como aquela que tem acesso não apenas ao gozo fálico, mas também ao gozo Outro, distanciando assim o feminino da falta e aproximando-o do excesso, de um gozo infinito, suplementar, para além do falo. Desse modo, não perdemos de vista a importância da tese lacaniana da disjunção subjetiva entre as posições de mãe e de mulher pois, o “desejo da mãe deve ser entendido como o desejo da mulher na mãe” (SOLER, 2005, p.95).

Com a esperada disjunção entre ambas as posições, como deseja a mulher e como ressoa esse desejo na relação mãe-filha? Foi na trilha da resposta para tal questionamento que se analisou a experiência da maternidade e seus desdobramentos nas mulheres dos casos apresentados, sem perder de vista as duas posições possíveis do sujeito mulher: o lugar de filha em relação a sua mãe e o lugar de mãe que poderá vir a ser, mas que inclui aí, necessariamente, as vicissitudes de sua experiência de filha.

Para avançar com a pesquisa nessa direção, foi necessário explorar a relação mãe-filha para melhor compreender e acompanhar as possíveis escolhas e inquietações que podem ecoar nessa relação. No desdobramento da relação mãe-filha é frequente observar a presença de sintomas maternos, bem como a ambivalência inerente a essa relação que deixa marcas indeléveis no percurso da vida da menina. Dito de outro modo, a história particular que cada menina escreve com sua mãe, que contempla toda a sua escalada subjetiva, deixa marcas em sua posição como mulher e como mãe. Essa é, pois, a constatação a que chegamos após a análise teórica e prática dos casos aqui trabalhados.

Assim, nos deparamos com a importância da mãe na vida de uma menina, ou melhor, de seu desejo, pois é em busca de saber o que orienta o desejo da mãe que a menina encontra seu lugar. Ou seja, o importante é o fato de a mãe se situar como Outro primordial para a criança. Trata-se de saber, para o sujeito, se ele se tornou desejado ou não. E o desejo da mãe é supostamente recoberto pela significação fálica introduzida pela inscrição do Nome do Pai que

introduz uma falta tanto na criança quanto na mãe, possibilitando desse modo, a constituição do sujeito (LACAN, [1956-1957], 1995).

Assim, as possíveis escolhas e inquietações das mulheres sofrem incidência do desejo inconsciente materno, e as contradições desse desejo se apresentam todos os dias na clínica e fazem sintomas. Cabe lembrar, todavia, que a importância do primeiro momento envolvendo mãe-filha foi reconhecida por Freud somente na década de 1930, momento em que ele afirma não ser possível compreender as mulheres sem que se analise sua relação com a mãe (FREUD, [1933]1996). É nessa fase pré-edipiana, marcada pela hostilidade, que a relação de exclusividade entre mãe-filha se origina e que, mesmo após o esperado afastamento entre ambas – com a menina se dirigindo ao pai –, não será, de todo, abandonada. Essa ambivalência, presente desde muito cedo na relação mãe-filha, é entendida não como acidente dessa relação, mas como uma necessidade estruturante, cuja falta ou excesso poderá desencadear um sintoma na filha, que corresponde, pela via da identificação, a um sintoma originalmente materno.

Não perdemos de vista a importância da incidência dos fatores sociais sobre o desejo inconsciente materno e, por conseguinte, sua influência na experiência da maternidade e na relação ímpar que se estabelece entre mãe-filha. São evidentes os ganhos conquistados pelas mulheres nos últimos anos que possibilitam outras saídas para as mulheres, corroborando seu vir a ser mulher. Por outro lado, multiplicaram-se as questões que dividem o sujeito, inclusive no próprio desejo em se tornar mãe. Todas essas metamorfoses da atualidade não fazem senão traduzir as angústias de um mundo abalado por suas próprias inovações. (ROUDINESCO, 2003).

O mundo em que vivemos hoje é um mundo que vem mudando cada vez mais rapidamente. Presenciamos, de fato, uma mutação histórica nos modos de ser e estar em um mundo marcado por transformações socioculturais, políticas, econômicas, morais e científicas. Tratam-se de transformações que vêm se engendrando há algumas décadas, culminando no desenvolvimento das novas tecnologias que alteram os sentidos de tempo e espaço e, ao mesmo tempo que refletem o modo de ser do indivíduo, provocam mais mudanças. Inexoravelmente, a subjetividade do sujeito sofre influência dessa nova realidade.

A maternidade, como vimos, nunca foi um fato natural e universal. Como observa Campos (2015), a maternidade resulta da cultura sempre em constante processo de evolução. A variação dos modos de vida, a emancipação das mulheres, as transformações familiares, o controle da fertilidade e as inovações na fecundidade contribuíram decisivamente para as mutações também da maternidade. Décadas de transformações sociais, históricas e econômicas

possibilitaram especificamente às mulheres ocuparem novos lugares na cena social, ter acesso ao mercado de trabalho, apropriar-se de seu corpo e de sua sexualidade. Sem dúvida, é fácil constatar que a ampliação do horizonte feminino para além da esfera doméstica abriu, de fato, novas possibilidades subjetivas e expectativas de vida para as mulheres. Contudo, é preciso também sublinhar que tais transformações não parecem tê-las aproximado de seus desejos, ao contrário. Acreditamos que os avanços repercutem nas mulheres e mães do século XXI, funcionando, muitas vezes, como uma fala que não é dita, escamoteando, assim, os motivos inconscientes que levam, por exemplo, a uma gravidez ou a sua recusa, e mesmo a sua interrupção.

Como vimos anteriormente, por haver certo tipo de rechaço da castração, o discurso do capitalista determina uma subversão do sujeito que vem modificar sua relação com o objeto. Uma vez que o sujeito “tudo” pode (promessa ofertada), invariavelmente sua relação com o objeto será radicalmente transmutada. Como consequência, modifica-se também a relação do sujeito com o desejo, isto é, com o desejo inconsciente (LACAN [1969-1970]1992).

O caminho que cada mulher vem percorrendo, viabilizado pelas possibilidades mencionadas e por sua repercussão, é resultado dos seus desejos inconscientes, bem como dos imperativos sociais que a atravessam. Todavia, o que nos mostram as mulheres em análise é que há uma dificuldade no que tange à distinção entre o que decorre do seu desejo e o que se impõe no espírito do tempo como uma exigência a satisfazer, propiciando o apagamento da subjetividade do sujeito, e trazendo como consequências novas formas de mal-estar na atualidade. Este ponto permite registrar uma interpelação que poderá servir de orientação para um futuro trabalho: quais os desafios da clínica hoje ante os efeitos subjetivos das novas formas de mal-estar provocadas pelas propostas de satisfação sem limites?

Entendemos que a pluralidade das opções hoje permite novas experiências, assim como novas formas de mal-estar que incluem a experiência da maternidade. No que tange a tal pluralidade, nós psicanalistas devemos cuidar para que não avalizemos o gozo sem limites que sustenta a suposta verdade indiscutível e, juntamente com esse engano, façamos do ato analítico a própria trilha para o desaparecimento da psicanálise.

O que antecede a escolha dentre as possibilidades ofertadas é a importância fundante de toda a trama edípica e a fase pré-edípica que a antecede para as meninas; ou seja, a construção singular que cada menina consegue construir com sua mãe é o que efetivamente possibilitará à menina soltar-se da mãe para, enfim, desejar... ou não.

Cada mulher é um “ser histórico, (...) dotado da capacidade de simbolizar, e cujo desejo é particular e diferente de todos os outros” (BADINTER, 1985, p. 16). Assim, suas escolhas inconscientes permitem que as vicissitudes que emergem em torno da maternidade reflitam seus próprios conflitos específicos. Os casos citados ao longo desta dissertação apoiaram-se nos traços dos casos e visaram revelar cenas da clínica hoje; cenas que nos convocam a continuar refletindo sobre a complexidade do feminino, da maternidade e de seus desdobramentos. A psicanálise, que recebeu como herança o pensamento reflexivo, talvez seja a única práxis que permite às mulheres reconhecer seu desejo inconsciente neste mundo vertiginoso e cheio de possibilidades, mas, ainda assim, para que o desejo permaneça, faltoso.

## Referências

ARÁN, Marcia. *O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud e a mulher* [1948]. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

AURÉLIO, Souza. A psicanálise de hoje: o cansaço do sexo. *Cogito*, Salvador, v. 8, 2007.

BARROS, Rita Maria Manso de. A escrita feminina. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (Org.). *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud: UERJ, Instituto de Psicologia, 2007. p.173-184

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. *O conflito: a mulher e a mãe*. Tradução de Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARROS, Romildo do Rêgo. O desejo da mãe. In: VIEIRA, Marcus André; BARROS, Romildo do Rêgo. *Mães*. Rio de Janeiro: Subversos, 2015.

BARTH, Luís Fernando Barnetche. Da consideração ao detalhe em Freud ao dispositivo traço do caso em Lacan. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, 2008, p.83-96.

BROUSSE, Marie-Hélène; CERVELATTI, Carmen Silvia (org.). *O inconsciente é a política*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2003.

\_\_\_\_\_. Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe. Tradução de Rodrigo G. Lopes e E. M. *Latusa* – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro, n. 9, 2004. p. 203-218.

\_\_\_\_\_. O que é uma mulher? Entrevista a Annick Passelande. Tradução de Núria Malajovich Munoz. *Latusa Digital*, ano 9, n.49, 2012. Disponível em: <[www.latusa.com.br/pdf\\_latusa\\_digital\\_49\\_a1.pdf](http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_49_a1.pdf)>. Acesso em: 14 maio 2016.

\_\_\_\_\_. Forasexo (Horsexe): extensão do circuito da mãe. In: ALBERTI, Chistiane e ALVARENGA, Elias (org). *Ser mãe-mulheres psicanalistas falam da maternidade*. Belo Horizonte: Editora EBP, 2015.

CALDAS, Heloisa; MURTA, Alberto; MURTA, Claudia. (Orgs.). *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

CAMPOS, Sérgio. O que quer a mãe, hoje? In: PIMENTA, Paula (Org.). *Maternidades contemporâneas*. *Revista Curinga*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, nº40, 2015, p. 13-20.

CAVALCANTE, Lina; OLIVEIRA, Débora Passos de. Os impasses do feminino e os possíveis entrelaçamentos com a maternidade. *Estilos clin.* São Paulo, v. 23, n. 3, set./dez. 2018. p. 503-522.

CHATEL, Marie-Magdeleine. *Mal-estar na procriação: as mulheres e a medicina da reprodução*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

DIAS, Maria das Graças Leite Villela. O Sintoma: de Freud a Lacan. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 2, mai./ago. 2006. p. 399-405.

DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Tradução de Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artmed, 1989.

ELIA, Luciano. Psicanálise: clínica e pesquisa. In: ALBERT, S.; ELIA, L. (Org.). *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000, p. 19-35.

ELIACHEFF, Caroline; HEINICH, Nathalie. *Mães e filhas: uma relação a três*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza Costa. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII: Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos [1901-1905], p.119-229.

\_\_\_\_\_. *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* [1912]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII: O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos [1911-1913]. p. 123-133.

\_\_\_\_\_. *O Moisés de Michelangelo* [1914]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIII: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos [1913-1914], p.213- 241.

\_\_\_\_\_. *Sobre o narcisismo: uma introdução* [1914]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV: A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos [1914-1916]. p. 77-108.

\_\_\_\_\_. *Psicologia de grupo e a análise do ego* [1921]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII: Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos [1920-1922]. p. 79-154.

\_\_\_\_\_. *A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)* [1923]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX: O ego e o id e outros trabalhos [1923-1925]. p. 155-161

\_\_\_\_\_. *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* [1925]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX: O ego e o id e outros trabalhos [1923-1925], p. 273-286.

\_\_\_\_\_. *Conferencia XVII: O sentido dos sintomas*. [1917]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVI: Conferencias introdutórias sobre psicanálise ([1915-1916], p. 265-279.

\_\_\_\_\_. *Conferencia XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas*. [1917]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVI: Conferencias introdutórias sobre psicanálise ([1915-1916], p. 361-378.

\_\_\_\_\_. *Além do princípio de prazer*. [1920]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVIII: Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos ([1920-1922], p. 13-145.

\_\_\_\_\_. *Inibição, sintoma e ansiedade* [1926]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XX: Estudo autobiográfico, inibição, sintoma e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos ([1925-1926], p. 81-171.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização* [1930]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XXI: O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos [1927-1931], p. 67-148.

\_\_\_\_\_. *Sexualidade feminina* [1931]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XXI: O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos [1927-1931], p. 231-251.

\_\_\_\_\_. *Conferência XXXIII: A feminilidade* [1933]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XXII: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos [1932-1936], p.113-134.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. v. 3 - Artigos de metapsicologia (1914-1917): narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

GUIMARÃES, Lêda. Não se apaixone!: A mascarada da feminilidade contemporânea. *Opção lacaniana*, n. 44, nov. 2005.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan vol. 1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

JULIEN, Philippe. *Abandonarás teu pai e tua mãe*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACAN, Jacques. [1958]. O Estádio do espelho como fundador da função do eu [1958]. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96-103.

\_\_\_\_\_. [1953]. Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. [1948]. A significação do falo. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 692-703.

\_\_\_\_\_. ([1969]). Nota sobre a criança. Tradução de Vera Ribeiro. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 369-370.

\_\_\_\_\_. [1972]. O aturdido [1972]. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. [1953-1954]. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. [1955-1956]. *O Seminário, Livro 3: as psicoses*. Tradução de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. [1956-1957]. *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. [1957-1958]. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. [1959-1960]. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Tradução de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. [1961-1962]. *O seminário, livro 9: A identificação*. Inédito.

\_\_\_\_\_. [1962-1963]. *O Seminário, livro 10: A angústia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. [1964]. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. [1969-1970]. *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. [1972-1973]. *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACONELLI, Vera. *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. São Paulo: Annablume, 2015.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Celso Rennó. *O inconsciente é a política*. 2014. Disponível em: <<http://clinicalacanianana.blogspot.com.br/2014/05/o-inconsciente-e-politica.html>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1998.

MARBEAU-CLEIRES, Béatrice. *O sexo da mãe e as divergências entre as teorias psicanalíticas*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MELLO, Lucia Maria de Lima. Mulher, mãe e o outro da biopolítica. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 40, jul./dez., 2015. p. 47-57.

MILLER, *Jacques-Alain*. A criança entre a mulher e a mãe. Tradução de Cristiana P. de Mattos, Cristina Vidigal, Inês Seabra e Suzana Barroso. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, ano 5, n. 21. São Paulo: Edições Eólia, 2014.

NOGUEIRA, Luiz Carlos. A pesquisa em psicanálise. *Revista de Psicologia USP*, São Paulo, v.15, n.1/2, 2004.

POMMIER, Gérard. *A exceção feminina: os impasses do gozo*. Tradução de Dulce M. P. Duque Estrada. Jorge Zahar Editor, 1987.

PORGE, Érik. *Transmitir a clínica psicanalítica: Freud, Lacan, hoje*. Tradução de Viviane Veras e Paulo S. de Souza Júnior. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

REBELO, Ana Cássia. *Ana de Amsterdam*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

RIVIÈRE, Joan. A feminilidade como máscara. Tradução de Ana Cecília Carvalho e Esther Carvalho. *Psychê*, 9(16), 13-24, 2005. (Trabalho original publicado em 1929).

ROCHA MIRANDA, Elisabeth. *O gozo no feminino*. 2011. 355f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ROCHE, Charlotte. *Zonas úmidas*. Tradução de Simone Gonçalves. São Paulo: Ponto de Leitura, 2010.

RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud, O século da psicanálise: 1895 – 1995*. São Paulo: Escuta, 1995 v.03.

ROITH, Estelle. *O enigma de Freud: influências judaicas m sua teoria sobre a sexualidade feminina*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *A família em desordem*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SAFOUAN, Moustapha. *A sexualidade feminina na doutrina freudiana*. Tradução de Maria da Glória Ribeiro Silva. Rio de janeiro: Zahar Editores, 1977.

SOLANO-SUÁREZ, Esthela. Maternidade Blues In: ALBERTI, Chistiane e ALVARENGA, Elias (org). *Ser mãe - mulheres psicanalistas falam da maternidade*. Belo Horizonte: Editora EBP, 2015.

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

VIEIRA, Marcus André; BARROS, Romildo do Rêgo. *Mães*. Rio de Janeiro: Subversos, 2015.

ZALCBERG, Malvine. *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

\_\_\_\_\_. *De menina a mulher: cenas da elaboração da feminilidade no cinema e na psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2019.